

PROFISCO II

BID vai liberar US\$ 2,9 milhões para investimentos em tecnologia

Cinco pastas envolvidas no Programa de Modernização da Gestão Fiscal terão reforço em TI. **Página 13**

Foto: Pixabay



Foto: Evandro Pereira



José Godoy:
“O papel do MPF é dar voz aos que não têm voz”

Procurador fala sobre o trabalho do órgão na garantia dos direitos do cidadão, “Vaza-Jato” e a prática de *lawfare*.

Página 4

Condomínios: as regras da boa convivência

Nem sempre é fácil morar em prédio, mas o respeito é primordial para quem divide direitos e obrigações com vizinhos. **Página 7**

Empresas da Paraíba adotam agenda ESG e mudam práticas

Empreendedores buscam reduzir impactos do trabalho, ao mesmo tempo que procuram atrair um público mais consciente.

Página 18

Tabajaras: povo originário tenta manter tradições em aldeias da PB

Povos indígenas que vivem no município de Conde lutam pela regularização de suas terras e manutenção de sua cultura.

Página 20

■ “(O sociólogo Anthony) Giddens lançou, em 1998, o livro ‘A Terceira Via’, no qual defende a importância de uma nova social-democracia”.

Klebber Maux Dias

Página 10

■ “Olhando a composição do IPCA, o que mais vem pesando no bolso dos brasileiros são os alimentos consumidos dentro de casa e os combustíveis”.

Amadeu Fonseca

Página 17

■ “Percebi que alguns jornalistas têm buscado mais pautas em publicações científicas (...) para obter manchetes sensacionalistas”.

Angélica Lúcio

Página 26

Foto: Marcos Russo



Palco de memórias e laços afetivos

O Colégio Nossa Senhora das Neves é parte importante da história da educação na Paraíba. Prédio agora sediará Parque Tecnológico Horizontes. **Página 25**



A majestade Marinês

Rainha do Xaxado ganha reportagem de fôlego no Correio das Artes, que circula a partir de hoje.

Show de rock e ação educativa sobre dignidade menstrual

Evento no Espaço Cultural terá palestra e apresentação da Gatunas, que lança novo álbum.

Página 9



Foto: Mariana Melo/Divulgação

Desativação de linhas prejudica usuário de ônibus de João Pessoa

Redução das linhas tem causado atrasos e superlotação, segundo usuários, que reclamam do valor da tarifa cobrada pelo serviço.

Página 5

Michelle Ramalho antecipa eleição na PPF e oposição vai à Justiça

Mandato iria até setembro, mas, com a mudança, escolha da nova presidência será realizada no dia 23 de maio.

Página 21

Editorial

Vigília litorânea

A sociedade civil organizada e o poder público nunca devem descuidar de uma vigilância rígida e permanente, no que diz respeito às praias e restingas. São áreas de suma importância ambiental, além de constituírem, no caso das praias, espaços públicos de uso permanente da população, seja para atividades de lazer e saúde, seja para um amplo leque de negócios.

A praia é de todos. Está certo, mas é aí que mora o perigo, porque existem pessoas que pensam que, por terem direito constitucional ao uso das praias, podem ocupá-las ou usufruí-las da maneira que bem entenderem. Claro que não é assim. Existe legislação, por exemplo, tanto para a prática de desportos como para o emprego de aparelhos de som eletrônicos.

É preciso garantir o bem-estar dos banhistas e preservar os ecossistemas, para que nem as pessoas nem o meio ambiente sejam agredidos pela falta de consciência cidadã de uma minoria. Faz-se necessário, portanto, fiscalizar o comércio, a infraestrutura sanitária, os esportes e as atividades físicas e de lazer, para manter o equilíbrio entre direitos e deveres.

O comércio, as atividades esportivas e as práticas de exercícios físicos não podem comprometer o livre acesso das pessoas às faixas de areia e ao mar, como também não devem representar perigo para os anteparos de vegetação rasteira, necessários à proteção da linha do Litoral. Portanto, as relações sociais neste espaço público devem ser harmônicas.

O uso de embarcações tradicionais e os veículos pessoais, a exemplo da moto náutica, também precisa ser rigidamente fiscalizado pela Marinha do Brasil. Há limites para o tráfego deste tipo de transporte, do jet-ski aos navios de grande calado. Não raro, banhistas denunciam acidentes provocados pela invasão da faixa de segurança de 200 metros por motonautas.

O fato é que o uso público das praias gera contradições sociais, e, vale repetir, cabe ao poder público ficar atento às práticas que vão de encontro à legislação, como forma, inclusive, de incentivar a percepção correta de utilização desses espaços. Não pode haver discriminação nem abusos, nem das pessoas nem das instituições, daí a importância da vigília permanente.

Artigo

Euclides Matheucci Jr.
Colaboração

Dia Mundial do DNA

No ano de 1953, os cientistas James Watson, Francis Crick, Maurice Wilkins, Rosalind Franklin e outros colegas publicaram artigos na revista Nature com o objetivo de desvendar a estrutura da molécula de DNA. A descoberta foi especificamente no dia 25 de abril, e desde então a data é lembrada mundialmente como o Dia do DNA. Neste ano, um dos principais marcos para a ciência e medicina completa 69 anos.

Por coincidência, ou não, recentemente cientistas conseguiram sequenciar de forma completa o DNA humano por meio do Projeto Genoma Humano, iniciado na década de 90. Em 2003, o programa já tinha conseguido sequenciar 92% do genoma humano e neste ano chegou-se aos 100%. Com o sequenciamento completo é esperado revelar caminhos para novos conhecimentos sobre a saúde, o que torna a espécie humana única. Os 8% que faltavam agora ajudaram a entender mais ainda sobre o funcionamento do genoma, doenças genéticas e a diversidade humana. É como se estivéssemos vendo o genoma com um novo par de óculos, conseguimos agora ter uma visão do cenário todo, de todas as variações do DNA.

É importante mencionar que antes da publicação de Watson e Crick, em 1953, houveram vários outros pesquisadores que contribuíram para elucidação da estrutura da Molécula, em 1944 três pesquisadores publicaram pesquisas que demonstravam que as informações genéticas de um ser vivo estão reunidas no DNA.

Mas a data de 25 de abril de 1953 é significativa pois representa a abertura de uma grande janela na pesquisa científica com o fornecimento das bases para a Genética Molecular, Biologia Molecular e Biotecnologia. Estas áreas estão em constante crescimento e contribuem com diferentes setores, tais como saúde, bem-estar e longevidade em humanos, agricultura, pecuária e muitas outras.

O DNA é formado por nucleotídeos compostos por bases nitrogenadas, que são representadas pelas letras: A, C, G e T (respectivamente adenina, citosina, guanina e timina). Quando analisamos a estrutura da molécula do DNA, existem surpresas muito interessantes. Por exemplo, dentro do núcleo da maioria de nossas células são diplóides, onde o DNA está organizado em 23 pares de cromossomos.

No núcleo de cada uma de nossas células diplóides temos o DNA formado por 6 bilhões de pares de bases, e cada par de bases tem cerca de 0,34 nanômetros de comprimento (um nanômetro é um bilionésimo de um metro), cada célula diplóide contém cerca de 2 metros de DNA, segundo o artigo publicado pela Nature Education, DNA

Packaging: Nucleosomes and Chromatin.

O corpo humano contém aproximadamente 50 trilhões de células – o equivalente a 100 trilhões de metros de DNA em cada corpo humano. Isso significa que cada um de nós tem DNA suficiente para ir daqui até o Sol e voltar mais de 300 vezes, ou ao redor do equador da Terra por 2,5 milhões de vezes. Mas, por que estes dados técnicos são importantes, afinal? Porquê as informações para constituir e regular as funções de todas as células estão em nosso DNA.

O Projeto Genoma Humano proporcionou um grande avanço no entendimento de como o código genético influencia nossas vidas. Por conta desta conquista, hoje sabemos que a alteração de apenas uma, entre as 6 bilhões de bases de um genoma, podem tornar uma pessoa imune ao HIV ou até mesmo aumentar a possibilidade de doenças como o câncer de mama, por exemplo.

Hoje existem inúmeros testes genéticos diagnósticos com função preditiva, que conseguem identificar a possibilidade de uma doença se manifestar, de acordo com predisposições encontradas no DNA do paciente. Isso permite que ele tenha a chance de se prevenir antes mesmo dos primeiros sintomas surgirem. Um destes exames identifica mutações nos genes BRCA1 e BRCA2, que podem trazer tumores nos ovários e mama. Uma vez que mais pessoas conseguem prevenir o surgimento de doenças genéticas, os sistemas de saúde conseguem otimizar seu trabalho.

Portanto, a medicina genômica irá transformar o sistema de saúde e a economia com maior precisão na identificação de riscos, medidas preventivas e monitoramento mais eficazes, reduzindo custos para o indivíduo e para o setor médico, evitando reações adversas e tratamentos desnecessários.

“

O corpo humano contém aproximadamente 50 trilhões de células

Euclides Matheucci Jr.

Excepcionalmente, não temos o colunista Sitônio Pinto nesta edição.

Foto Legenda



Oferta em meio ao perigo do trânsito

Artigo

Rui Leitão

irleitao@hotmail.com | Colaborador

O atentado do Rio Centro

Em 30 de abril de 1981, quando se iniciava a programação comemorativa do dia dos trabalhadores, no Rio Centro, bairro de Jacarepaguá, Rio de Janeiro, militares que integravam a ditadura organizaram um atentado a bomba, com o objetivo de fazer parecer que se tratava de um ato terrorista da oposição ao governo. Entretanto, a intenção resultou num retumbante fracasso, se constituindo, inclusive, em um grande escândalo que causou muito desgaste ao governo Figueiredo, culminando com a queda do general Golbery do Couto e Silva do cargo de ministro da Casa Civil

O plano envolvia quinze militares, distribuídos em seis carros. A primeira equipe foi justamente a que falhou e deveria instalar três bombas no pavilhão. A segunda equipe também falhou, pois a bomba que deveria explodir a estação de eletricidade errou o alvo. A terceira e a quarta equipe se posicionaram fora do pavilhão, com a responsabilidade de forjarem evidências de que esquerdistas teriam sido os provocadores das explosões. O policiamento que cuidaria do trânsito e da segurança no entorno do Rio Centro foi suspenso, por ordem do coronel Nilton de Albuquerque Cerqueira, que comandava a operação. Uma das bombas explodiu antes da hora marcada, matando o sargento Guilherme Pereira do Rosário e ferindo o capitão Wilson Dias Machado

Soube-se, depois das investigações, que o planejamento teria sido articulado pelo Centro de Informações do Exército (CIE) e pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), com o propósito de alarmar a população, interrompendo o processo de abertura política, justificando, assim, uma ofensiva contra a esquerda que classificavam de comunista. O presidente da República apoiou essa versão oficial e decidiu arquivar o inquérito sem que ninguém fosse incriminado. Só em 1999 o caso foi reaberto pela procuradora da República Gilda Berer, responsabilizando pelo crime o sargento Guilherme Pereira do Rosário, o capitão Wilson Dias Machado, o ex-chefe da Agência Central do SNI, general Newton Cruz, e o ex-chefe da agência do SNI no Rio, coronel Freddie Perdigão. Todavia,

“

Uma das bombas explodiu antes da hora marcada

Rui Leitão

o Superior Tribunal Militar decidiu, novamente, pelo seu arquivamento, alegando que os acusados estariam sendo beneficiados pela Lei da Anistia. Como consequência, os envolvidos não receberam nenhuma punição

Então chefe do SNI, Otávio Medeiros, oito anos depois, admitiu que tanto o presidente, quanto o chefe do Gabinete Militar, Danilo Venturini, foram avisados do plano, um mês antes, pelo General Newton Cruz, e nada fizeram para impedi-lo. Em 2015 o Centro de Relações Institucionais da Fundação Getúlio Vargas, deu a conhecimento público, um documento em que ficava provada a participação da CIA no planejamento do atentado. Até hoje, ninguém foi responsabilizado pelo episódio

O evento contava com a participação de artistas como Gonzaguinha, Chico Buarque, Alceu Valença, Gal Costa, que se destacavam como opositores ao regime militar, alguns deles tendo retornado ao país após a Lei da Anistia de 1979. O público presente estava estimado em vinte mil pessoas. Gonzaguinha, na oportunidade em que fazia sua apresentação, denunciou: “pessoas contra a democracia jogaram bombas lá fora para nos amedrontar”. O atentado ao RioCentro poderia ter sido o maior ato terrorista urbano da história do Brasil com consequências inimagináveis.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Foto: Arquivo/A União



José Lins do Rego (E) teve uma carreira de sucesso como escritor, tendo publicado 22 obras e chegando a ocupar a cadeira 25 da ABL

90 ANOS DE 'MENINO DO ENGENHO'

Funesc e EPC celebram primeiro livro de Zé Lins

Comemoração será quarta-feira com o lançamento de obra sobre o escritor

Na próxima quarta-feira, às 19h, no Museu José Lins do Rego, localizado no Espaço Cultural José Lins do Rego, no bairro de Tambauzinho, em João Pessoa, será lançado o livro "As cidades de Zé Lins – um passeio crítico pela geografia sentimental do autor", nova publicação da Editora A União, uma obra de criação compartilhada entre a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), a Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) e a Imprensa Oficial Graciliano Ramos/ Companhia Editora de Alagoas (Cepal), além da contribuição da Academia Brasileira de Letras (ABL).

O evento da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) e da EPC marca a celebração dos 90 anos do lançamento do livro "Menino de Engenho", primeiro romance de José Lins do Rego, o escritor paraibano que teve uma carreira de sucesso como escritor, tendo publicado 22 obras e chegando a ocupar a cadeira 25 da Academia Brasileira de Letras.

Na ocasião, o professor Neroaldo Pontes, ex-reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), autor do livro "Em memória de José Lins do Rego", e o professor de Sociologia da UFPB, Cauby Dantas, que escreveu "Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa grande com o menino de engenho", falarão sobre o escritor paraibano nascido na cidade de Pilar e sua trajetória na literatura brasileira.

Parceria

Em 2021, com a institui-

Mudanças

José Lins do Rego viveu em três estados do Nordeste – Paraíba, Pernambuco e Alagoas, antes de se fixar no Rio de Janeiro

ção do Ano Cultural José Lins do Rego – 120 anos, pelo Governo da Paraíba, surgiu a oportunidade de produção compartilhada de um livro sobre José Lins do Rego, que viveu em três estados do Nordeste – Paraíba, Pernambuco e Alagoas, antes de se fixar no Rio de Janeiro.

A jornalista Naná Garcez, diretora-presidente da EPCS.A. – que assina a apresentação do livro –, fez os contatos com Ricardo Melo (diretor da Cepe), Dagoberto Omena e José Otilio Damas dos Santos Neto, da Cepal, em busca da parceria para produção da obra com a análise da atuação de José Lins do Rego no mundo literário, em cada estado. Já o diretor de Mídia Impressa, William Costa, dialogou com Marco Lucchesi, então presidente da ABL, para tratar dos anos do escritor no Rio de Janeiro.

O livro é prefaciado pelo professor doutor da UEPB, José Vilian Manguiera. A introdução, intitulada "José Lins do Rego: literato da cabeça aos pés", coube ao professor Neroaldo Pontes, ex-reitor e professor de Lite-



"As cidades de Zé Lins", nova publicação da Editora A União

ratura da UFPB. Convidado pela Cepe, o professor César Braga-Pinto, professor adjunto de Literatura Brasileira e Comparada em Northwestern University (Illinois/EUA), escreveu sobre o período de Zé Lins em Recife, retratado em "O moleque Ricardo".

A presença do paraibano na Roda Literária de Maceió foi tratada pelo professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Cosme Rogério, a convite da Cepal. Indicado por Marco Lucchesi, o professor Bernardo Buarque de Hollanda escreveu sobre o período do Rio de Janeiro. Ele trouxe a contribuição de Regiane Matos, que trata das viagens do paraibano à Suécia e à Argentina.

Na ocasião, o professor Neroaldo Pontes, ex-reitor da UFPB, autor do livro "Em memória de José Lins do Rego", e o professor de Sociologia da UFPB, Cauby Dantas, que escreveu "Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa grande com o menino de engenho", falarão sobre o escritor paraibano e sua trajetória na literatura brasileira

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

SIGILO DE 100 ANOS: PETISTA DIZ QUE BOLSONARO USA MANOBRAS PARA TENTAR ENCOBRIR CORRUPÇÃO

Foto: Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados



O deputado federal Frei Anastácio (foto, do PT) denuncia que os pedidos de sigilo sobre informações relacionadas ao governo feitos por Jair Bolsonaro (PT), de até 100 anos, são para colocar a "sujeira debaixo do tapete do governo". Entre os assuntos que estão nessa condição, relata o parlamentar, estão as informações sobre o cartão de vacina do presidente; o escândalo que envolveu o ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, a compra da vacina indiana Covaxin, que trazia indícios de superfaturamento; o sigilo sobre o projeto de reforma administrativa, e o sigilo sobre visitas feitas ao Palácio do Planalto pelos seus filhos, Carlos e Eduardo Bolsonaro. "Bolsonaro age assim tentando esconder e desmontar qualquer denúncia que atinja o governo e sua família. Fazendo justamente o contrário do que prometeu durante a campanha de 2018. Enganou quem acreditou em mais essa mentira", disparou. Para o deputado petista, a justificativa segundo a qual o sigilo respeita a Lei Geral de Proteção de Dados não é convincente. "As informações que estão guardando sigilo são de eventos passados, de pessoas públicas em pleno exercício de seus mandatos, portanto a sociedade brasileira merece ter acesso a essas informações. A Lei é para proteger e não para acobertar crimes", criticou

FALTA TRANSPARÊNCIA À GESTÃO

Frei Anastácio avalia que o governo Bolsonaro age deliberadamente para encobrir fatos que comprovariam atos de corrupção em seu governo – ele citou o caso mais recente, envolvendo a liberação irregular de recursos do FNDE, no Ministério da Educação. "O Governo tem se estabelecido na falta de transparência e na não divulgação de informações que são de interesse público. Para Bolsonaro, se não existe informação, não existe corrupção", disse.

DISTANTE DAS SIGLAS DE ESQUERDA

Ciro Gomes tenta viabilizar sua pré-candidatura de terceira via se aproximando do União Brasil, que lançou Luciano Bivar ao Palácio do Planalto – essa pré-candidatura, em particular, não parece ter força o bastante para seguir em frente, diga-se. Mas não é só isso. O pedetista tenta conquistar o apoio do PSD de Gilberto Kassab. Vendo Lula se consolidar cada vez mais no campo das esquerdas, Giro se distancia desse espectro para a centro-direita.

EXISTE SAÍDA PARA MORO?

E o deputado federal Julian Lemos acredita que ainda existe a possibilidade de Luciano Bivar retirar sua pré-candidatura a presidente em favor de Sergio Moro. O problema para essa assunção de Moro como o indicado do União Brasil é a forte resistência de ACM Neto, que é secretário-geral do partido. Por enquanto, Moro está de mãos atadas – a legenda só garante a ele uma pré-candidatura ao Senado ou a deputado federal, por São Paulo.

NEGATIVA QUE NÃO CONVENCEU

Ao tratar sobre o seu voto favorável à prisão do deputado Daniel Silveira, o ministro André Mendonça, do STF, fez menção a um entendimento pertinente: "É bem verdade que o deputado alertou que não estava fazendo ameaças [a ministros da corte], mas apenas revelando 'um desejo dele'. No entanto, "a mera negativa nominal de que esteja fazendo ameaças não possui condão de alterar o conteúdo do que é dito, dê-se o nome que quiser".

UM DETALHE IMPORTANTE

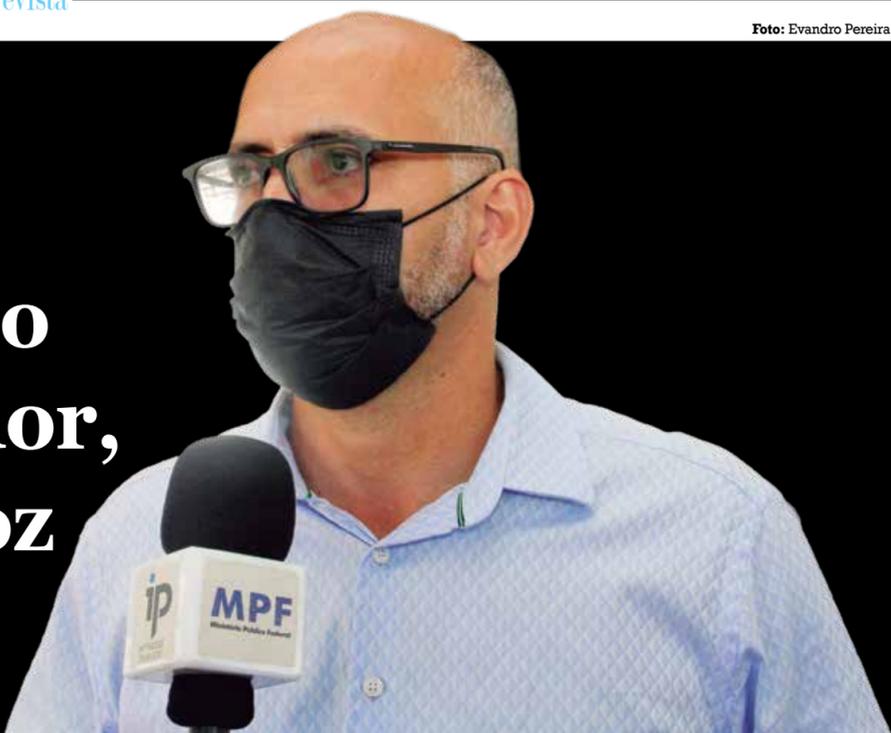
Presidente do PDT da Paraíba, Marcos Ribeiro admitiu que a legenda poderá retornar à base do governador João Azevêdo – esta semana, a coluna registrou a declaração dele segundo a qual "Não está descartada essa possibilidade". O presidente estadual do PSB, Gervásio Maia, disse que o partido seria bem-vindo, mas alertou para um detalhe importante: o PDT tem pré-candidato a presidente, Giro Gomes, e o grupo governista vota em Lula.

TERCEIRA VIA DERRETE À PROPORÇÃO QUE A POLARIZAÇÃO NO PAÍS CRESCE

Na mais recente pesquisa de intenção de voto para presidente, do Ipspe, um detalhe se sobressai: o crescimento do desempenho de Lula (PT) e Bolsonaro (PL) tem reduzido significativamente a taxa de apoio aos candidatos de terceira via. Na comparação com o levantamento realizado no início deste mês, Lula subiu de 44% para 45% das intenções de voto, e Bolsonaro de 30% para 31%. Giro Gomes, na terceira colocação, caiu de 9% para 8%. A terceira via derrete à proporção que a polarização cresce.

José Godoy, Procurador da República na Paraíba

“O papel do Ministério Público é de negociador, alguém que vai dar voz aos que não têm voz”



José Godoy se notabilizou por atuações de perseverança junto às camadas menos contempladas da sociedade

André Resende
 andre.resende.jornalismo@gmail.com

O procurador da República na Paraíba José Godoy se notabilizou por atuações de perseverança junto às camadas menos contempladas da sociedade. Atuou por quase oito anos ao lado das famílias atingidas pela construção da Barragem de Acauã, assim como em direito das famílias que, por décadas, pagavam aluguel por suas moradias em Rio Tinto, em um atípico caso de cidade “privatizada”. Duas lutas que José Godoy teve a felicidade, como o próprio fala em entrevista exclusiva ao Jornal **A União**, de vê-las contempladas neste ano, a partir das políticas públicas implementadas pelo Governo da Paraíba.

Em março deste ano, na mesma semana, o governador João Azevêdo assinou a cessão de lotes para a construção da primeira agrovila do Nordeste, Águas de Acauã, contemplando mais de 100 famílias afetadas pela barragem, e também oficializou a desapropriação de 700 casas que pertenciam à antiga fábrica de tecidos em Rio Tinto, permitindo que as famílias que pagavam aluguel tivessem direito à moradia dignamente. José Godoy destaca esses dois marcos como gestos de política pública feita com a população, não somente para a população.

“As políticas públicas são destinadas às pessoas, não faz sentido elas serem pensadas, elaboradas, planejadas de qualquer forma, sem a participação dos beneficiários. E isso é muito comum, infelizmente é muito comum. As pessoas substituírem o povo e imaginar, das salas, dos gabinetes fechados, no conforto do ar-condicionado, que podem pensar melhor que o beneficiário do direito, e é isso o que me incomoda profundamente”, explica.

Confira a entrevista na íntegra com o procurador da República, que ainda abordou o papel do Ministério Público Federal na defesa da Constituição Federal e da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a prática de Lawfare e fez uma autocrítica ao Ministério Público Federal com a “Vaza-Jato”.

A entrevista

■ O senhor acompanhou de perto e por muitos anos a luta das famílias afetadas pela Barragem de Acauã. Recentemente o sr. esteve presente na assinatura da ordem de serviço da entrega de uma área adequada, a agrovila Águas de Acauã, para abrigar as famílias. Qual foi o sentimento ao ver tantos anos de luta e reuniões dando resultado? Pensou em desistir em algum momento?

Um sentimento muito bom, um sentimento de reparação, de fazer justiça. Dentro do Ministério Público Federal, em si, atuamos representando um órgão em defesa de pautas da sociedade que não nos permite desistir. Mas houve vários momentos duros, de que não conseguiríamos, que não iria dar certo, de hesitação mesmo. Mas, no final, o sentimento foi muito bom.

■ Em sua fala no evento que assinou o começo das obras da agrovila, o sr. falou que a política pública precisa ser feita com o povo, ao invés de para o povo. Como o MPF e o seu trabalho como procurador-geral da República podem contribuir com esse modelo de gestão visto na Paraíba? É papel também do Judiciário emancipar o cidadão?

É fundamental discutirmos, refletirmos. A população precisa estar atenta a isso. As políticas públicas são destinadas às pessoas, não faz sentido elas serem pensadas, elaboradas, planejadas de qualquer forma, sem a participação dos beneficiários. E isso é muito comum, infelizmente é muito comum as pessoas substituírem o povo e imaginar, das salas, dos gabinetes fechados, no conforto do ar-condicionado, que podem pensar melhor que o bene-

ficiário do direito, e é isso o que me incomoda profundamente. Dentro do Ministério Público, nós temos limitações. Cabe ao gestor eleito as escolhas das políticas públicas e a forma que vai implementá-las, mas sempre que tivermos a oportunidade vamos destacar a importância dessa participação, do quanto isso é democrático, do quanto isso emancipa o cidadão. A sua pergunta me lembra um livro do Boaventura de Sousa Santos, em que ele faz essa pergunta e passa o livro todo para responder. Não necessariamente o Poder Judiciário, mas é possível o direito ser emancipatório. Não participo do Judiciário, mas do Ministério Público, que é um órgão do sistema de justiça, e eu acredito, sim. Em média, o direito não é criado para ser emancipatório, é criado para manter o status quo, é forjado para manter os grupos de poder e ao mesmo tempo subjugar os despossuídos. Mas é possível, dentro dele, atuar para que ele seja emancipatório a partir do que Boaventura chama das brechas deixadas dentro do direito. Mas, em média, é criado para que a burguesia, os grupos dominantes mantenham os despossuídos sob domínio.

■ Outro tema relevante, uma pauta que teve um trabalho importante do MPF, concretizada neste ano, foi a cessão dos títulos do imóveis em Rio Tinto aos trabalhadores da histórica fábrica de tecidos da cidade. Qual a sensação ao ver a atuação do MPF tornar-se realidade social concreta?

Esse foi outro caso com uma felicidade muito grande, curiosamente

na mesma semana. Estivemos em Rio Tinto, na entrega dos títulos, na assinatura do decreto de desapropriação e depois fomos a Itatuba para entrega dos lotes às famílias atingidas pela barragem. Esse é um caso que, em muitos momentos, a gente pensou que não iria sair, que não era possível, que nenhum gestor tomaria a decisão política de tal envergadura, tendo em vista os valores envolvidos. Foi uma felicidade muito grande, até porque, nos dois casos - desde 2014 que atuo nos dois casos -, são quase oito anos de atuação. Isso demonstra que a solução de casos como esses envolvem decisões atinentes às políticas públicas e aos recursos orçamentários, o papel do Ministério Público é de negociador, um negociador privilegiado, alguém que vai dar voz aos que não têm voz. Foi esse o nosso papel nesses dois casos o tempo todo: dar voz, mostrar que é possível, que esse grupo deveria ser ouvido. Em uma situação normal eles não seriam ouvidos, por não serem grupos que tinham qualquer tipo de poder, fosse econômico, midiático ou qualquer outro. São situações que causam uma felicidade muito grande, como foi ver o desfecho do caso de Rio Tinto.

■ Seu trabalho se notabilizou pela defesa irrestrita dos direitos humanos, em tempos em que defender a Declaração Universal é incorrer no “risco” de ser chamado de comunista. Na sua visão, porque as pessoas ainda tratam com tanto desdém uma norma que consolida direitos básicos, fundamentais para a vida humana? Como orientar a população a entender que o Direito Humano é essencial e benéfico a todos?

Eu diria que o meu trabalho nada mais é que cumprir a Constituição. Antes de falar da Declaração Universal, é preciso falar do caso brasileiro, que desde 1988 nós temos uma Constituição com direitos estabelecidos pelas pessoas. É a primeira Constituição Cidadã, que a gente chama, que traz direitos de segunda geração. Todas as Constituições anteriores só traziam direitos relacionados à liberdade, que o Estado normalmente não gasta para tal. A Constituição de 1988 traz algo diferente, com direitos relacionados à igualdade, com direito a acesso à moradia, previdência, saúde e educação. E tem um dispositivo na Constituição que diz que o Ministério Público precisa atuar para que esses direitos sejam implementados. O que nós fazemos é cumprir a Constituição. E esse risco, de ser tachado de comunista, de esquerda, vai acontecer em um país que tem alinhamentos, ou momentos, vamos dizer assim, em que a política dominante tem um alinhamento com a direita. Quando acontece o inverso, com um alinhamento da política dominante à esquerda, nós somos chamados de defensores dos interesses imperialistas, norte-americanos. Isso é comum no mundo inteiro, porque a defesa dos direitos humanos não

é de direita, nem de esquerda, é em defesa da pessoa humana, e muitas vezes você vai criticar, apontar para o governante de plantão. A ideia é sempre desqualificar aquele agente público, e uma forma de desqualificá-lo é associá-lo ao comunismo, ou aos Estados Unidos, à direita ou à esquerda. Isso não pode nos intimidar e fazer com que esse risco, como você coloca na pergunta, impeça o nosso trabalho. É um risco que existe, mas que se nós nos intimidarmos diante disso, vamos deixar de fazer o que tem que ser feito. Eu não vou deixar de fazer o meu papel, que é constitucional, pois exerço um cargo público para fazê-lo. A população precisa entender, acima de tudo, que os direitos humanos nada mais são do que um pacto de convivência da espécie humana sobre a Terra. Sem os direitos humanos, temos a barbárie, não existe nenhuma ideia de civilização. Não é possível trabalhar a ideia da convivência humana sobre a Terra sem esse pacto.

■ Em tempos de Lawfare, de tensões entre os poderes da República, como o senhor avalia as críticas que foram feitas ao Ministério Público Federal, sobretudo após alguns problemas na condução da Operação Lava-Jato? A autocrítica dos poderes fortalece a democracia?

Por tudo que pudemos ver, seja através da série de reportagens da “Vaza-Jato”, em todos os meios de comunicação envolvidos nessa série, seja na operação Spoofing, é preciso dizer que as críticas são justas, são corretas. Eu não aceito, em hipótese alguma, alguém dizer que aquilo é normal. Aquilo é crime em muitos casos, aquilo é um grave desvio ético, é inaceitável. O processo não pode ter uma condução premeditada para condenar A ou B, e foi isso que vimos em tudo que foi revelado. Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi



Eu diria que o meu trabalho nada mais é que cumprir a Constituição. Antes de falar da Declaração Universal, é preciso falar do caso brasileiro, que desde 1988 nós temos uma Constituição com direitos estabelecidos pelas pessoas

José Godoy

de algumas pessoas, dentro do sistema de justiça, dizer que aquilo é normal, como se eles praticassem. E isso me irritou profundamente, dizer que isso é normal dentro de um sistema de justiça. Eu faço questão de falar que eu nunca tive nenhum grau de promiscuidade como o que foi revelado entre o ex-juiz Sérgio Moro e, especialmente, o atual candidato Deltan Dallagnol, além de outros membros do Ministério Público. Aquilo é inaceitável e eu, como membro do Ministério Público, faço questão de dizer que não se naturaliza aquele tipo de conduta. Nós temos que entender, acima de tudo, que o Direito Penal é a arma mais forte do Estado contra o cidadão, porque ele prende a pessoa. Então ele deve ser conduzido de forma absolutamente técnica, e o que vimos foram conduções com interesses específicos, onde o juiz não era um juiz, ele dominava a investigação, a acusação e até o grau de recurso ele agia, fazia lobby, para que os juizes das instâncias superiores susessem, mantivessem suas decisões. Isso não é possível, estamos falando do Direito Penal, a única legitimidade do Direito Penal. A única forma que o cidadão autoriza que o Estado prenda o próprio cidadão é dentro de um devido processo legal, e aquilo não é um devido processo legal, é a corrupção do processo. E preciso dizer que nós temos muitas operações por fraude em licitações, e a licitação é um processo. Nós vemos operações por fraude em eleições. Eleição é um processo e quando se fraude ele, é um absurdo. Imagina fraude em um processo penal que prende alguém? É óbvio que essas pessoas deveriam ter pago e de forma exemplar para que não ficasse a se repetir esse absurdo. Inclusive, me causa profundo estranhamento quando alguém dentro do sistema de justiça naturaliza tudo que foi revelado na “Vaza-Jato” e na Spoofing.

■ Neste ano teremos eleições gerais, após o pleito de 2018 ser marcado pela disseminação de desinformação como uma estratégia de campanha. Como o MPF vai atuar neste ano visando ao combate dessa prática?

É uma questão que preocupa bastante. As fake news, em geral, preocupam, e no processo eleitoral, mais ainda, porque a disseminação massificada de fake news fraudada, desvirtua, causa uma dissonância cognitiva muito grave. É uma atuação que caberia ao Ministério Público Eleitoral, seja Federal ou dos Estados, e à Justiça Eleitoral. Até agora a atuação mais firme tem vindo do Judiciário, mais especialmente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), eu ainda espero que o MP Eleitoral em todas as suas instâncias tenha uma atuação mais firme de combate, inclusive estratégia de combate. Não tenho acompanhado na instituição, até porque neste ano não estou atuando como procurador eleitoral, mas é algo que preocupa bastante.



Fotos: Marcos Russo

Usuários de ônibus se queixam que a quantidade de veículos é insuficiente para atender a demanda; Sintur informa que analisa a operação da frota para fazer adequações com a flexibilização da pandemia

TRANSPORTE NA CAPITAL

Ônibus: poucos, caros e ineficientes

Passageiros reclamam dos constantes atrasos, excesso de lotação e desativação de linhas, inclusive à noite

Ítalo Arruda
Especial para A União

Sem o direito de ir e vir. É assim que a estudante Emanuelle Costa e outros milhares de usuários do transporte público de João Pessoa se sentem diante da situação com a qual os ônibus urbanos vêm operando na capital. Além da demora e dos atrasos – decorrentes, principalmente, da redução e desativação de determinadas linhas durante a pandemia de coronavírus –, o preço da tarifa a R\$ 4,40, a superlotação, a infraestrutura precária da frota de coletivos (com poltronas, janelas, sinalizadores e elevadores para cadeirantes quebrados) e a falta do transporte no período noturno em algumas regiões da cidade representam, segundo a jovem, o descaso do poder público para com a população pessoense.

Emanuelle conta que, depois de um determinado horário, fica sem a linha 502 (Geisel/Epitácio), cujo ônibus passa na parada instalada mais próxima à sua casa. Além de ter a última viagem às 18h (em dias úteis), a linha não opera nos domingos e feriados. A situação tem dificultado o deslocamento da estudante, que tem aula à noite, no Castelo Branco, e, durante a semana, precisa recorrer às linhas alternativas, como os

circulares 5110 e 1510, para poder voltar para casa.

“Para retornar da universidade ou de algum ponto da (Avenida Epitácio Pessoa, preciso pegar outro ônibus que para a cerca de um quilômetro ou mais da minha residência, me expondo à insegurança, com riscos de assalto e outras violências que nós, mulheres, sofremos”, reclama Emanuelle Costa, acrescentando que, nos feriados e fins de semana, a insuficiência de ônibus acaba privando-a das opções de lazer fora do bairro. Outras linhas que deixam de circular em feriados são, por exemplo: a Jaguaribe (003), a Distrito Industrial (115), Treze de Maio (513) e Bancários/Epitácio (518) e a Circular 1510.

Insuficiência

Atualmente, existem 461 ônibus cadastrados no sistema de transporte coletivo convencional. Deste total, 455 são considerados eficientes para operar com as 74 linhas que estão em circulação em todos os bairros da capital, de acordo com informações disponíveis do site da Superintendência de Mobilidade Urbana do município (Semob-JP).

Entretanto, a frota não tem sido suficiente para atender às necessidades dos milhares de passageiros que são transportados diariamente. Desde 2020, com

a eclosão da pandemia, várias mudanças ocorreram no sistema de operação do transporte público. Cerca de 15 linhas saíram de circulação ou passaram por algum tipo de atualização, afetando diretamente a rotina de trabalhadores, estudantes e demais usuários do serviço.

Assim como Emanuelle, o estagiário de Administração, Allan Oliveira, também está entre os cidadãos atingidos. Ele mora no bairro de Água Fria, na Zona Sul, e precisa se deslocar todos os dias, de segunda à sexta-feira, para o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), em Jaguaribe, onde estuda e estagia. Antes da pandemia, a linha 201 (Ceasa) interligava os dois bairros, e Allan não sentia dificuldade para fazer o trajeto.

“Agora, eu e outros estudantes que moram na mesma rua que a minha, passamos um verdadeiro sufoco para chegar ao destino, tendo que pegar dois ônibus e dando uma volta enorme pela Epitácio Pessoa”, afirma.

Além disso, a desativação do ônibus circular do bairro, que saía do ponto final da linha 201 (antigo terminal de integração dos Bancários, ao lado do Shopping Sul), e fazia o trajeto pelas imediações dos bairros Água Fria, Anatólia e Jardim São Paulo, dificultou o deslocamento das pessoas que resi-

dem naquela região para outras áreas da cidade.

O jovem também se queixa da baixa oferta da linha durante a noite – já que a última viagem acontece às 19h – e do “caos” que é ter que esperar pelo transporte em meio à insegurança nas paradas de ônibus. O tempo de espera, segundo ele, é de uma hora ou mais. “Com a violência do jeito que está, as pessoas estão tendo que se virar pegando carona, organizando grupos para fazer determinado trecho a pé. Nos sentimos humilhados”, desabafa.

Integração temporal

Outro problema que tem afetado os passageiros de ônibus, em João Pessoa, é o fim da integração física. Com a pandemia, a prefeitura implantou o sistema de integração temporal, no qual os usuários precisam do cartão de passagem para garantir a gratuidade do segundo embarque em qualquer lugar da cidade, desde que a troca de uma linha para outra seja feita em um intervalo de até 60 minutos.

Porém, muitas pessoas estão se queixando de que não tem sido possível integrar as viagens, e isso acaba resultando na cobrança dobrada da tarifa, que, com o valor atual de R\$ 4,40, é considerada a mais cara do Nordeste, junto com

a capital Salvador.

“Tem ônibus que demora demais e não dá para fazer essa integração. Já aconteceu de esperar mais de uma hora e ter que pagar outra passagem porque o ônibus não passou no horário previsto”, relata Gabriellen Costa, que achava melhor o funcionamento da integração física, no Terminal do Varadouro.

Em nota, o Sindicato das Empresas de Transporte Coletivo Urbano de Passageiros de João Pessoa (Sintur-JP) informa que a frota em operação é uma adequação ao período pós-pandemia e “que a volta das atividades ainda está se verificando de forma gradual”. O órgão também afirma que está analisando o quantitativo de ônibus para cada linha, bem como o número de viagens para cada uma, a fim de regularizar a situação.

Além disso, o Sintur-JP destaca que quando são constatados danos ou irregularidades em algum ônibus, o problema é devidamente corrigido ou consertado. “Há programa de prevenção, porém, é possível ocorrer danos a equipamentos durante a viagem e, ao chegar à garagem, à noite, é feito o reparo no veículo”, diz trecho da nota.

A reportagem de A União procurou a Semob-JP para esclarecimentos, mas, até o fechamento desta edição, o órgão não se pronunciou.



Pagamos uma passagem cara, mas não temos conforto nos ônibus, porque estão sempre lotados, e os motoristas não respeitam a capacidade máxima de passageiros

Arthur Júnior



Os ônibus do Colinas do Sul e Bairro das Indústrias estão sempre com assentos quebrados, sem campainha. Falta o básico para uma viagem segura e sem estresse

Ariosvaldo Silva

MINISTÉRIO DO TURISMO E BRADESCO SEGUROS APRESENTAM
CLAUDIA RAIÁ JARBAS HOMEM DE MELLO
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: GUILHERME TERRA

CONCERTO PARA DOIS O MUSICAL

30 de abril
Teatro Pedra do Reino
Horário: 21h (sábado)
Informações: 2106-6504
Vendas: lojas Skyler (shoppings Manairá e Tambiá)
www.ingresso.digital.com

APÓIO CULTURAL LOCAL: 35, NILK, nord, goworld

APÓIO CULTURAL: Azul

REALIZAÇÃO: ANA

VENDEDOR: Ingresso Digital

PRODUÇÃO: ANNA TOLEDO, LUCAS THIAGO GOMES, TONY LUCCHESI E ANNA TOLEDO
DIREÇÃO: JARBAS HOMEM DE MELLO | ENCENAÇÃO E CENÁRIO: KÁTIA BARROS
MÚSICA: TONY LUCCHESI | PRODUÇÃO: MANAIRÁ PRODUÇÕES

SAÚDE, COMIDA E PREÇOS

Em busca de alimentos saudáveis

Ter uma alimentação equilibrada é importante para a saúde; preços assustam, porém existem opções mais em conta

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Feijão, melão, castanhas e linhaça. Se alguém torce o nariz e não consegue inserir alimentos naturais em quantidade adequada na alimentação diária, preferindo comida industrializada, pode ser um candidato a doenças como obesidade, diabetes e hipertensão. De acordo com a nutricionista Lais Kisly Costa Silva, a alimentação saudável contribui para o bom funcionamento do corpo e da mente, evitando acúmulo de gordura nos vasos sanguíneos, aumento da glicemia e até prevenindo doenças crônicas.

Segundo ela, na mesa do paraibano não pode faltar, por exemplo, o tradicional feijão com arroz, duas ou três porções de fruta, carnes ou ovos, leite e queijo, de preferência os brancos como coalho, ricota e o de minas. “Quem puder, deve acrescentar duas ou três vezes na semana uma fonte de peixe, que é extremamente saudável e tem a gordura boa”, frisou.

Folhas verdes como alface, espinafre, rúcula e couve não devem ser esquecidas jamais, porque são fontes de ferro e fibras. Outro grupo que não pode ficar de fora da dieta são os legumes. Por isso, o paraibano pode consumir pelo menos meia xícara todo dia, investindo em itens como abóbora, cenoura e beterraba, sempre elaborando pratos coloridos. Dessa forma, ingerem uma variedade maior de alimentos naturais.

Mas com a carestia dos alimentos, não é fácil comprar toda semana produtos saudáveis. Uma dica é procurar nas feiras livres a fruta da estação ou ficar atento à quantidade consumida. “Produtos como linhaça e castanha-do-pará realmente são oleaginosas caras, mas a quantidade do consumo é pouca. Por exemplo, a castanha-do-pará

tem uma grande quantidade de selênio e o indicado são duas unidades por dia. O amendoim, que tem um tipo de gordura muito boa, são duas colheres de sopa diária. E não é obrigado consumir a linhaça e chia na mesma hora, pode escolher uma ou outra na refeição. Elas são sementes extremamente saudáveis para o organismo”.

Muitos desses alimentos auxiliam na saúde intestinal, favorecendo a multiplicação das células. “Então, a pessoa vai ter uma pele mais saudável, o trato digestório consegue absorver os nutrientes de forma mais eficiente, a glicose se mantém em equilíbrio e também pode ser evitado o acúmulo de gordura nos vasos sanguíneos”.

Há ainda benefícios para a saúde mental. Itens, como algumas sementes, são anti-inflamatórios e repercutem positivamente na circulação sanguínea. “Então, o sangue vai chegar mais oxigenado, ajudando a reduzir os níveis de ansiedade e depressão. O sistema imunológico fica mais fortalecido, promovendo saúde e prevenindo doenças crônicas”. Vale lembrar que um grande aliado da alimentação saudável é a prática regular da atividade física.

Produtos reaproveitados

O reaproveitamento de algumas partes dos produtos naturais, que geralmente vão parar no lixo, é uma forma de obter fontes importantes de vitaminas sem custo. É bom ficar atento às receitas sobre o reaproveitamento das frutas, verduras e legumes. Uma delas é com a semente de melância, que pode ser lavada, depois colocada para secar e assada no forno ou frigideira. “Pode-se fazer o mesmo processo com a semente de abóbora, que também é extremamente saudável. Depois de assada, você come como petisco”, orientou a nutricionista Lais Kisly.

Feiras têm melhores preços

Nas feiras livres e mercados públicos de João Pessoa é vasta a variedade de alimentos *in natura*. No Mercado Público de Mangabeira, por exemplo, os comerciantes afirmam que, mesmo com a alta dos preços, o consumidor nunca deixa de levar esses itens para casa.

“Eles podem até diminuir a quantidade, mas não deixam de comprar”, afirmou Fátima Aires, uma das vendedoras do local. Cliente dela, a enfermeira Marly Soares contou que pesava 158 quilos e agora está com 73. “Fiz cirurgia bariátrica e cuidei mais da minha alimentação. Gosto de saladas de frutas, de legumes no vapor e vinagrete”, declarou.

No mercado, podem ser encontrados alfaces a R\$ 3 o maço, couve-flor a R\$ 12 (quilo), tomate, cebola e batatinha ao preço de R\$ 7 (quilo), ovo branco por R\$ 17 (30 unidades), melancia sendo vendida por

R\$ 2,50 (quilo), manga tomy e cará por R\$ 5 (quilo), e a castanha-do-pará por R\$ 70 (quilo), só por para citar alguns exemplos.

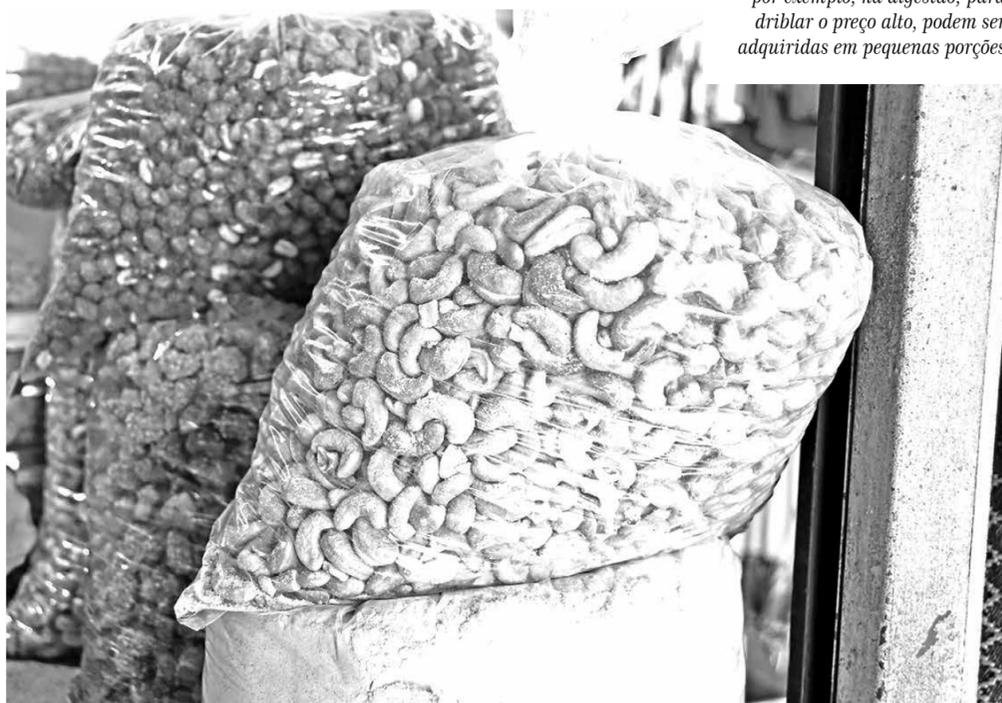
O comerciante Marcelo José Vieira afirmou que a procura por castanhas, farinha de milho e de linhaça é constante. Os perfis de clientes são os mais variados, principalmente os adeptos da ginástica. “Depois da pandemia, as pessoas estão procurando se cuidar mais”, frisou.

Para quem procura queijos, também há fartura do produto. Em um dos estabelecimentos não faltam o coalho, provolone, gorgonzola, manteiga e muitos outros. “O queijo coalho cru artesanal, que custa R\$ 22,90 o quilo, é recorde de vendas. É procurado principalmente por pessoas com diabetes e pressão alta porque tem pouco sal e menos gordura”, contou a vendedora Ana Carolina Araújo.



Fotos: Roberto Guedes

Oleaginosas possuem gordura boa e outras substâncias que ajudam, por exemplo, na digestão; para driblar o preço alto, podem ser adquiridas em pequenas porções



Ingestão de frutas é fundamental para o bom funcionamento do organismo; itens produzidos localmente são mais baratos que os cultivados em outras regiões

Dicas de boa alimentação

- Faça pelo menos três refeições (café da manhã, almoço e jantar) e dois lanches saudáveis por dia. Não pule as refeições;
- Inclua diariamente seis porções do grupo dos cereais (arroz, milho, trigo pães e massas), tubérculos como as batatas e raízes como a mandioca/macaxeira nas refeições. Dê preferência aos grãos integrais e aos alimentos naturais;
- Coma diariamente, pelo menos, três porções de legumes e verduras como parte das refeições e três porções ou mais de frutas nas sobremesas e lanches;
- Coma feijão com arroz, pelo menos, cinco vezes por semana;
- Consuma diariamente três porções de leite e derivados e uma porção de carnes, aves, peixes ou ovos. Retirar a gordura aparente das carnes e a pele das aves antes da preparação torna esses alimentos mais saudáveis;
- Consuma, no máximo, uma porção por dia de óleos vegetais, azeite, manteiga ou margarina;
- Fique atento aos rótulos dos alimentos e escolha aqueles com menores quantidades de gorduras trans.

Fonte: Ministério da Saúde



EM CONDOMÍNIOS

Qual o limite da convivência coletiva?

Desrespeito às normas comuns que visam garantir a vivência harmônica entre os vizinhos pode gerar punições

Ana Flávia Nóbrega
 anaflavia@epc.pb.gov.br

Voltar para casa após um dia exaustivo de trabalho ou descansar até um pouco mais tarde, o prazer da calmaria do lar é capaz de recarregar energias para seguir na jornada cotidiana. No entanto, para muitas pessoas, esses momentos podem ser estressantes ou interrompidos pelos vizinhos. Esses momentos delicados são, por muitas vezes, parte da rotina para quem mora em condomínios ou prédios residenciais, mas não devem existir.

Para evitar problemas, a convivência coletiva precisa de regras e bom senso para que o respeito, bem-estar e boas práticas se mantenham. Mesmo sendo comuns, tais regras nem sempre são seguidas ou sequer conhecidas. Sidharta Neves, advogado especialista em direito imobiliário, condominial e corporativo, destaca a importância para que normas internas sejam seguidas.

“Nos casos da vida em condomínio, onde o objetivo é a convivência pacífica e harmoniosa entre a coletividade, é fundamental que as nor-

mas internas de convivência sejam conhecidas e principalmente respeitadas, para que as relações entre vizinhos não fiquem desgastadas e em clima de animosidade. Conviver pacificamente é fundamental para um ambiente saudável de moradia”, afirmou o jurista.

O desconhecimento de tais normas acaba desencadeando tensões entre vizinhos que ultrapassam os limites da boa convivência. Thaís Leal, moradora de um condomínio residencial com mais de 100 apartamentos em João Pessoa, planeja a mudança do atual apartamento por conta de conflitos com vizinhos.

“Aqui é bem difícil a convivência porque cada um que queira ditar o que pode ou não pode, o que é permitido ou não. Estou buscando (um novo apartamento) para mudar porque meu cachorro não pode latir, mesmo sendo permitido a presença dele, eu não posso andar ou limpar o apartamento durante a noite que é o único horário que estou em casa por conta do trabalho, não posso lavar roupa, escutar música... e sempre sou silenciada para não fazer as coisas que preciso fazer”, contou a moradora.

Legislação e a figura do síndico

Em regras de condomínios, o princípio, previsto em lei, é o respeito ao direito de vizinhança que busca garantir o sossego, a segurança, a saúde e o bem-estar dos moradores. As regras para disciplinar as relações em condomínios existe no Código Civil e, de forma específica, na Lei 4.591 de 1964, que trata especialmente dos condomínios e das incorporações imobiliárias.

Além disso, existem também as regras internas próprias de cada condomínio ou residencial que devem ser aprovadas pelos moradores, respeitando a legislação civil, para que a convivência possa ser harmônica.

Mesmo que, muitas vezes, as reclamações pareçam que não são pertinentes, elas podem ser fundamentadas nas normas para exigir do condômino o respeito em nome do bem coletivo que podem resultar, inclusive, em penalidades. “Nos casos de repetidas denúncias de barulhos em obras ou faxinas realizadas fora de horários e dias permitidos pelo Regimento Interno, de presença de animais igualmente que produzam barulhos e que nos casos de cães e gatos, mais comuns em apartamentos e casas em condomínios, soltem pelos ou odores desagradáveis, ou ainda objetos deixados em locais de visibilidade externa, podem caracterizar abu-

sividade do direito de propriedade e os responsáveis estão sujeitos às penalidades previstas em lei e nas regras internas”, ressaltou Sidharta Neves.

O advogado completa: “Em caso de reiterados descumprimentos das normas legais e das normas internas, é passível a aplicação de multas, que de acordo com o Código Civil, podem chegar a até cinco vezes o valor da cota condominial ao condômino infrator. Nos casos extremos, quando houver descumprimento excessivo de regras, gerando incompatibilidade de convivência com os demais condôminos, o causador das faltas poderá ser obrigado a pagar a quantia de até dez vezes o valor da taxa condominial. Podendo, nesses casos, necessitar o condomínio de intervenção do Poder Judiciário para sanar os problemas”, explicou.

Direitos e deveres

Apesar disso, há limites. A vida em sociedade, no geral, é fundamentada em direitos e deveres que todos os cidadãos devem cumprir para o andamento da coletividade. Nos condomínios e unidades residenciais também. Música alta fora do horário permitido, arrastar de móveis em períodos de descanso, brincadeiras barulhentas ou outros atos que possam afetar a vida de vizinhos



Foto: Pixabay

Som alto, sujeira, ruídos de obras ou desrespeito às regras de uso de áreas coletivas geram atritos entre os condôminos

são alguns dos exemplos de normas a serem respeitadas. Por outro lado, reclamações indevidas também precisam de limites. A acusação de delitos de outros moradores deve, sempre, ser fundamentada na legislação civil, regimento interno e ter comprovação.

Nos ambientes coletivos, como salões de festas, piscina, academia, áreas de lazer e outros devem ser respeitados por todos os moradores de forma igualitária para que todos possam usufruir dos espaços. Já nas unidades individuais, é assegurado ao morador o direito à propriedade.

“Porém, nenhum direito é absoluto, e até o uso da propriedade privada pode ser limitado, quando é

caracterizado o abuso desse direito, onde o proprietário de determinado imóvel ultrapassa os limites de bom senso e de respeito, por exemplo, aos direitos de vizinhança impostos pela legislação civil. O abuso ao direito de propriedade pode ser caracterizado quando há um grande número de reclamações, por motivos semelhantes e causados pela mesma pessoa. Esses problemas devem ser relatados ao síndico, e este, nessa condição, deve tentar mediar a situação de forma imparcial”, afirmou Sidharta Neves.

A mediação desses conflitos deve ser realizada pelo síndico, que trata da administração do condomínio ou prédio e pela edificação. Eleito inter-

namente pelos moradores, a figura do síndico é obrigatoriamente a responsável legal pelo espaço, podendo responder civil e criminalmente por ações ou omissões. “Cabe ao síndico também, dentro de suas atribuições, tentar mediar de maneira imparcial, visando o interesse da coletividade, qualquer conflito entre os moradores, quando for chamado a tal participação”, explicou o advogado.

Na Paraíba, o síndico ou qualquer pessoa que presencie ou tenha conhecimento de violência doméstica contra mulheres, idosos ou crianças deve denunciar os casos ao órgão especializado para que seja apurado de acordo com a Lei Estadual 11.880/2021.

Regras de boa convivência que podem melhorar a vida coletiva

1 - Evitar barulhos após às 22h. Fora deste horário, caso precise fazer barulhos, é recomendável que o bom senso prevaleça para que o ruído não seja excessivo e atrapalhe vizinhos;

2 - Recolha sempre o lixo nas áreas comuns do prédio, seja ele produzido por humanos ou dejetos de animais. Lixo não deve ser arremessado pela janela e deve ser depositado nos locais específicos de cada condomínio ou residencial;

3 - A segurança do condomínio e residencial em geral deve ser uma responsabilidade de cada morador. Por isso, evite autorizar a entrada de pessoas desconhecidas sem finalidades necessárias;

4 - Reclamações a respeito de barulhos de animais e crianças podem ser relatados, mas é necessário buscar o diálogo com outros vizinhos para saber se o incômodo é geral, antes de efetivar a reclamação ao morador dono do animal;

5 - Para manter a segurança dos demais moradores, se você tem animal de grande porte, procure a utilização de equipamentos de contenção e controle como focinheira, coleiras ou correntes;

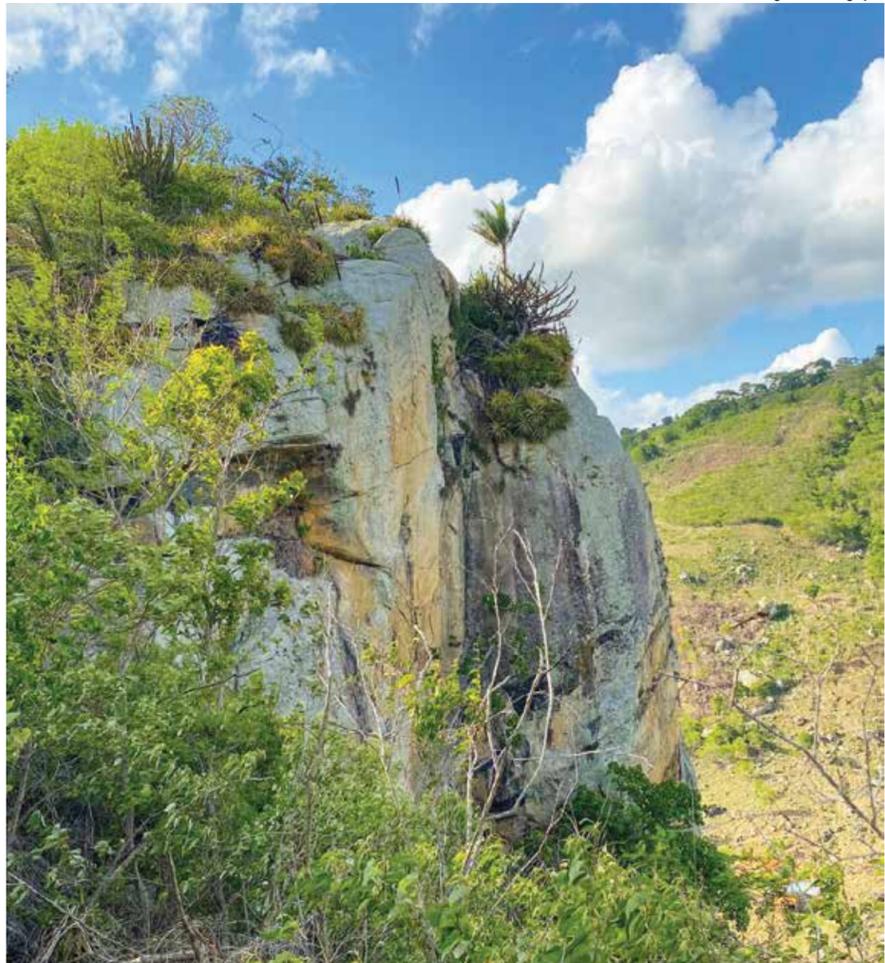
6 - Cada vaga de garagem é específica para os residentes de unidades correspondentes. Por isso, a utilização do espaço deve ser limitado. Além disso, evite estacionar seu veículo de forma que inviabilize a entrada ou saída de outros veículos ou que cause transtorno;

7 - No uso de áreas comuns, a organização e limpeza devem ser prezados e zelados;

8 - Antes de realizar obras em seu apartamento, é necessário uma consulta ao síndico para saber se as estruturas do edifício podem ser prejudicadas ou não. É importante ainda o respeito ao horário de início e término dos trabalhos para evitar incômodo de vizinhos;

9 - Crianças devem sempre estar acompanhadas de pais ou responsáveis. Além de garantir a segurança dos pequenos, a presença dos responsáveis evita ainda possíveis aborrecimentos e controla para que as crianças não extrapolem limites dos condomínios;

10 - Reclamações sobre vizinhos ou funcionários do condomínio devem ser realizadas de forma direta ao síndico, de preferência com comprovações. Em caso de violências, as autoridades devem ser buscadas.



Com início da sua colonização no século 18, Mogeiro possui vários prédios históricos, como igrejas e o casario que está sendo recuperado; outro destaque é o relevo montanhoso e drenado por vários riachos e rios

MOGEIRO

Cidade da agricultura e dos rios

Conhecida pela produção de amendoim e pelo cultivo agroecológico, a região é banhada por vários cursos d'água

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Povo simpático, hospitaleiro, alegre e batalhador. É assim que a população da cidade de Mogeiro pode ser identificada, segundo a diretora de Cultura e Turismo do município, Ana Clara de Souza. A cidade se destaca na agricultura (principalmente de subsistência), pois é o principal produtor de amendoim da Paraíba.

De acordo com Ana Clara, a economia de Mogeiro está baseada hoje nos seguintes segmentos: indústria, comércio, serviços e agricultura. “Temos ainda a produção de peixes e camarão (nas margens do Rio Paraíba e Camorim), a criação de gado de leite e corte, além da criação de aves e suínos. Também se des-

taca como produtor de amendoim”, aponta.

Além dessas atividades, a cidade também é reconhecida pelo cultivo agroecológico, tipo de agricultura sustentável cujo semeio não movimenta a estrutura do solo, além da colheita do cajá e cajarana.

A assessoria de comunicação da Prefeitura Municipal de Mogeiro estima que a cidade conta com aproximadamente 300 hectares de área média cultivada, abastecendo o mercado consumidor paraibano e de outros estados vizinhos. A produção de amendoim, em especial, vem se destacando ao longo dos anos.

Localização

Mogeiro está situado na Bacia Hidrográfica do Baixo Paraíba e cortado pelo Rio

Ingá (ou Camurim) e pelos Riachos de Mogeiro e Poço Verde. Também servem como divisores dos municípios limítrofes os Rios Paraíba, Cantagalo e Gurinhém. O Rio Paraíba, inclusive, permite a irrigação para beneficiamento e diversificação de culturas no município.

Conforme estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, a população era de 13.238 pessoas. O município faz parte da mesorregião do Agreste paraibano e da microrregião de Itabaiana (maior município das proximidades). Está localizado a 16 quilômetros à noroeste de Itabaiana e integra aquela região metropolitana (Região Geográfica Imediata), segundo a Lei Complementar Estadual nº 118 de 2013, que

População
Mogeiro possui mais de 13 mil habitantes, está localizado na mesorregião do Agreste e na microrregião de Itabaiana

visa incentivar o desenvolvimento das cidades da região nas áreas de educação, cultura, saúde e em outros objetivos em comum.

Segundo Ana Clara, Mogeiro é conhecida pelas suas

áreas serranas, pertencentes à Serra da Borborema, nas Comunidades Cabral, Benta Hora, Gaspar, Granjeiro, Tamanduá Boa Vista. A cidade está localizada na chamada depressão sublitorânea com superfície colinosa.

Com 117 metros de altitude, o município tem o relevo ondulado, montanhoso e drenado por riachos e alguns rios, de vales abertos e com baixa profundidade.

“Entre os pontos turísticos, destaca-se a Pedra do Convento, onde pode-se praticar rapel e trilhas. Nessas comunidades, temos a jabuticaba, cajá e cajarana”, informou Ana Clara.

Ela destacou ainda que o turismo é incrementado também pelos casarios antigos, pertencentes ao século 19, que

hoje estão sendo restaurados no bairro Mogeiro de Baixo. Outros pontos conhecidos são as capelas antigas e igrejas. Muitas moradias da cidade são conservadas e é onde aconteciam as missas, batizados, casamentos, novenas, entre outros eventos.

Além disso, a cultura mogeirense é caracterizada pelas cavalgadas, os bonecos de bambal (mamulengo), vaquejadas, artesanato, repentistas, violeiros, emboladores de coco e os artesãos em cerâmica.

Conforme a gestora de Cultura e Turismo, a região onde a cidade está localizada hoje era habitada pelos índios cariris. Porém, com a Lei Estadual, nº 2.618 de 12 de dezembro de 1961, o distrito foi elevado à categoria de município, com a denominação de Mogeiro.

Município situado no polígono das secas

A cidade é caracterizada pelo bioma da caatinga, está inserida no Semiárido nordestino e também faz parte do polígono das secas. No clima, observam-se as chuvas sazonais compreendendo os meses de fevereiro a agosto, com maior intensidade entre maio e junho.

Os períodos mais secos ocorrem em outubro e novembro. Segundo o Serviço Geológico do Brasil (CPRM), a precipitação pluviométrica média anual hoje é de 431 mm, com

seis meses secos, em média, e umidade relativa do ar em torno de 80%.

Com 219 km², sua área representa 0,42% do território da Paraíba. O município é composto pelo distrito de Gameleira e suas principais comunidades são: Areal, Gavião, Pintado, Chã de Areia, Cabral, Granjeiro, Benta Hora, Tamanduá, Cumati, Gaspar, Boa Vista, Estação, Juá e Camurim. Ingá, São José dos Ramos, Salgado de São Félix e Itatuba são os municípios con-

finantes de Mogeiro, isto é, que se limitam com a cidade. No Estado, as cidades consideradas vizinhas são: Salgado de São Félix, São José dos Ramos, Ingá, Itabaiana, Juarez Távora, Itatuba, Gurinhém, Riachão do Bacamarte, Riachão do Poço, Pilar, Caldas Brandão, Alagoa Grande, Juripiranga, São Miguel de Taipu, Mulungu e Sobrado. Porém, Mogeiro também é vizinho das cidades pernambucanas de Macaparana, Camutanga, Timbaúba, Itambé e Ferreiros.

Nome da localidade vem de um riacho

“Riacho de Mogeiro”: este é o nome do curso d'água que corta a cidade e que deu o nome a ela. De acordo com uma pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (UPFB), o significado da palavra Mogeiro ainda não foi descoberto e apenas existem algumas histórias sobre o tema.

Uma delas é que Mogeiro vem de “Mugeiro”, que signifi-

fica uma espécie de água que pesca mugsens. Outra história é que a palavra vem do indígena “mong-eir”, que significa mel pegajoso. Uma terceira versão lembra dos monges que habitavam a região.

A pesquisa, inclusive, cita que na cidade existe a história de que os moradores diziam que iam “para os monges”, quando estavam de caminho

das moradias onde aconteciam as missas, casamentos e eventos religiosos. Com isso, iam “para casa dos monges”, “o mosteiro” ou simplesmente Mogeiro.

Outra história é que os monges moravam próximo à chamada Pedra do Convento, e o nome do município teria surgido da união entre Monge + Lajeiro = Mongeiro (tempos depois, Mogeiro).

61 anos de emancipação política

De acordo com o IBGE, a região onde se situa o município era habitada pelos índios Cariris. No dia 11 de maio de 1758, Manoel Pereira de Carvalho, recebeu do governador da província, José Henrique de Carvalho, o primeiro registro de posse: uma porção de terras situadas em Taipu, entre o Rio Paraíba e o Riacho de Mogeiro, local onde foi iniciada a colonização.

Em 1856, a Lei Provincial nº 210, criou o termo “Mogeiro de Baixo” (atribuído à Fazenda São João, hoje chamado Mogeiro de Baixo) pertencente a Ingá. Em 1874, a Lei Provincial nº 569 criou “Mogeiro de Cima” (nome dado ao povoado próximo a Mogeiro de Baixo), também de Ingá.

Em 5 de julho de 1874, a Lei Provincial nº 512 transforma “Mogeiro de Cima” na Freguesia de Nossa Senhora das Dores. E em julho de 1876 foi criado o Dis-

trito de Mogeiro de Cima, vinculado à jurisdição de Ingá. Em maio de 1890, a influência do conselheiro Manoel Faustino da Silva promoveu a assinatura, pelo governador Venâncio Neiva de uma medida que desmembrava Mogeiro de Ingá e anexava o distrito ao município de Itabaiana, ao qual pertenceu até a sua emancipação.

Até 1900, havia uma feira livre em Mogeiro de Baixo, mas naquele ano o subdelegado Henrique de Andrade Bezerra a transferiu para o povoado de Mogeiro de Cima. Com o passar dos anos e o desenvolvimento do local, Mogeiro de Cima passou a sede do município com a emancipação concretizada pela Lei nº 2.618, de 12 de dezembro de 1961. Através dessa lei, Mogeiro de Cima foi desmembrada de Itabaiana, ficando apenas com a denominação Mogeiro. Mogeiro de Baixo,

por sua vez, passou a denominar um bairro da cidade.

Após a emancipação, o primeiro prefeito nomeado como interventor foi Diomendes Martins. A primeira eleição para a gestão municipal aconteceu em 1962, elegendo José Benedito da Silveira (conhecido como José Silveira).

A posse de José Silveira foi antecipada e ocorreu em uma sala anexa a uma residência. Ele convocou seus vereadores, improvisou uma seção e empossou-se no cargo antes de expirar o prazo fixado pela Justiça Eleitoral para o prefeito Diomendes Martins deixar a prefeitura.

José Silveira acabou sendo assassinado em 7 de novembro de 1962. Ele é lembrado até hoje e é considerado a maior personalidade política de Mogeiro, que neste ano de 2022 completa, 61 anos de emancipação política.

Foto: Maria Melo/Divulgação



Gritos de liberdade presentes no novo trabalho serão dados pela guitarrista e vocalista Ruanna Gonçalves (E), pelo baterista Marcondes Orange (C) e pela contrabaixista e vocalista Morgana Moraes (D)



Através do QR Code acima, acesse as plataformas para ouvir 'Meu corpo, minhas regras'

Gatunas eleva o tom político em novo álbum

Banda paraibana lança hoje 'Meu corpo, minhas regras' em show no Espaço Cultural; evento faz parte de ação para o enfrentamento da pobreza menstrual na Paraíba

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Tempos difíceis exigem que se cante a revolta e o clamor por liberdade. E a banda paraibana Gatunas, que sempre se manifestou através de canções com a proposta de empoderamento feminino, eleva o seu tom de protesto no novo álbum *Meu corpo, minhas regras*, que o grupo apresenta em show de lançamento hoje, a partir das 19h30, na Sala de Concertos José Siqueira do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa. Apostando na catarse que o grito de revolta impulsiona, o novo trabalho da banda desloca-se dos ritmos dançantes para a crítica e a performance poética e teatral.

São oito faixas que trazem consigo uma narrativa de violências e revides, de abusos e revolta, de censura e desforra. Estão em foco os problemas que formam os discursos públicos mais atuais e que enxergam a realidade social pela perspectiva do oprimido. “Não tem nenhuma musiquinha de amor. É um álbum bastante político. Pegamos nossas músicas mais pesadas, tanto de letra quanto de som”, destaca Ruanna Gonçalves, guitarrista e vocalista das Gatunas. O disco marca a volta do grupo ao rock’n’roll no qual se originou a banda, deixando de lado o forró, o carimbó e o brega que caracterizou as apresentações mais recentes.

“Quando escrevemos esse projeto foi pela necessidade de a gente dar um grito de liberdade sobre tudo que tem acontecido no país. Se nós sentimos isso, acredito que outras pessoas também têm sentido. Espero que a gente consiga contemplar o desejo delas”, conta a guitarrista do trio formado ainda por Morgana Moraes (contrabaixista e vocalista) e Marcondes Orange (baterista). Os temas abordados nas músicas incluem a indignação com a morte do povo preto e pobre, a imposição de um padrão de beleza, a resistência

Hoje

Além da apresentação do grupo, o evento terá palestras sobre a pobreza menstrual e suas consequências na vida de mulheres, homens trans e adolescentes

de quem já sofreu abusos físicos, a memória de mulheres que inspiram uma geração pelas lutas que elas empreenderam e o estado de ansiedade generalizado que aflige atualmente a população.

No palco, a apresentação das Gatunas foi pensada como um espetáculo com direção artística de Phil Menezes e figurinos de Vanessa Sunflower, que terá destaque para a iluminação e a projeção de imagens. “As músicas têm uma progressão e um discurso bastante direto. A gente pretende que o espetáculo seja também muito sensorial, misturando com performance cênica”, adianta Ruanna, que deve ainda declamar poesias e contar com parcerias no show. Esse é um formato que vai coexistir paralelamente ao show no qual a banda promovia o que chamam de ‘gréa’, marcado pela festa e descontração.

A faixa que dá nome ao novo EP é um *feat* com a cantora Bixarte, que estará presente na apresentação deste domingo, e traz em sua letra reivindicações à liberdade de corpos e mentes, como aponta a letra: “Não importa o teu olhar desse jeito / Pros meus quilos, pros meus pelos / Pra

minha postura / Eu gosto e exijo respeito / Longe de qualquer conceito que chega a censura / Desfaz esse discurso de média / É meu corpo, minhas regras / Não há o que questionar”.

Outra parceria no álbum está presente em ‘Quebrada’, com a Sinta a liga crew e os beats de Big Jesi, em composição de Morgana e Escurinho, que é o padrinho da banda, uma vez que ela surgiu há cinco anos no projeto Ciranda Musical, idealizado pelo músico e ator paraibano.

Com trabalhos anteriores, Gatunas já havia se destacado com o de Melhor Lançamento de MPB do ano passado no Prêmio Dynamite de Música Independente, em São Paulo, através de votação popular, com o EP ‘Gata de rua’, lançado em 2020, mesmo ano em que tocaram para mais de 15 mil pessoas na abertura do show da pernambucana Duda Beat. Por isso mesmo, as expectativas com *Meu corpo, minhas regras* já nascem altas.

Saindo pelo selo Festival do Sol (RN), o segundo EP do grupo já parte com uma agenda que inclui cidades como Natal, Recife e Fortaleza. “Antes de ser lançado, o disco já tem aberto portas. A expectativa é que a gente consiga atingir mais espaços e entrar nesse circuito de Sesc e BnB, que são instituições que têm estrutura teatral para levar esse espetáculo. Mas continuaremos com o repertório dançante nas casas de show”, garante Ruanna Gonçalves.

Dignidade menstrual

O show da banda Gatunas é parte de uma ação para o enfrentamento da desinformação e o tabu sobre a menstruação - Paraíba pela Dignidade Menstrual. Além da apresentação do grupo, o evento ainda terá palestras sobre a pobreza menstrual e suas consequências na vida de mulheres, homens trans e adolescentes.

A distribuição dos ingressos para o show será a partir das 16h no Espaço Cultural. O evento e o show também serão transmitidos on-line pelo canal do You-

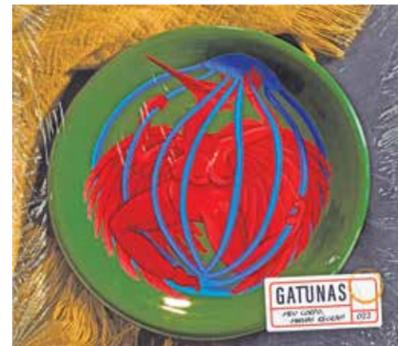
tube da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana.

O Programa Estadual da Dignidade Menstrual foi sancionado pela Lei Estadual nº 12.048 de 14 de setembro de 2021 e regulamentado pelo Decreto Estadual nº 42.093 de 20 de dezembro de 2021. Além da entrega dos absorventes, um dos objetivos desse programa é realizar ações educativas de informação sobre a saúde sexual e reprodutiva das mulheres.

A secretária da Mulher e da Diversidade Humana, Lídia Moura, explica que o evento será também de avaliação do programa com a presença da secretária de Saúde, Renata Nóbrega; o secretário Tibério Limeira, do Desenvolvimento Humano; e a secretária executiva de Educação, Elis Regina Barreiro.

“Será um momento importante de discussão sobre a temática com transmissão on-line numa perspectiva de garantirmos uma abordagem de direitos humanos, reprodutivos e de garantia da saúde sexual de meninas, mulheres e homens trans. É a primeira vez que o Governo do Estado viabiliza uma ação deste porte para falar sobre menstruação, um assunto tabu que não está incluída na pauta da sociedade”, explica Lídia Moura.

Imagem: Divulgação



Capa do disco com oito faixas que trazem consigo uma narrativa de violências e revides, de abusos e revolta, de censura e desforra

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sociedade e linguagem

Além de significativos, os atos humanos são passíveis de se tornarem hábito, desde que sejam sistematicamente repetidos. A institucionalização tem como principal vantagem garantir a necessidade de estabilidade da vida humana. Necessidade essencial já que nosso equipamento biológico é pouquíssimo especializado. Uma abelha que desgarre de sua colmeia não deixará de desenvolver habilidades especializadas, como voar e coletar pólen. O mesmo não pode ser dito sobre uma criança pequena entregue à própria sorte.

O que nos interessa aqui é o fato da institucionalização diminuir consideravelmente as exigências individuais de escolha e antecipar as ações dos outros, criando um formidável mecanismo de controle social. Outro aspecto importante é que a institucionalização só pode ser adequadamente entendida se considerarmos sua historicidade e mecanismos de legitimação.

O mundo social é frequentemente naturalizado, de modo que os indivíduos dificilmente percebem a realidade como uma construção social. Elemento fundamental nesse processo é a aquisição da linguagem que obtemos por meio de processos de socialização. É necessário perceber

– como fizeram Peter Berger e Thomas Luckmann no seu formidável livro *A Construção Social da Realidade* – que por meio da interiorização da linguagem recebemos um conjunto de esquemas motivacionais e interpretativos do mundo. Tais esquemas fornecem para os indivíduos programas institucionais que incluem o *script* de cada papel social, os modos de sentir, os valores morais, em sentido geral, as chaves de compreensão da realidade.

A linguagem pode constituir sistemas simbólicos, como doutrinas religiosas, filosóficas e escolas artísticas. Internalizar uma linguagem é compartilhar as mesmas formas de atribuição de sentido. Essa é a matéria-prima da produção de identidades que, segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells, são as organizadoras dos significados assim como os papéis seriam organizadores de funções.

É nessa perspectiva que Manuel Castells vê na construção das identidades o surgimento de sujeitos, isto é, de atores sociais coletivos que estabelecem projetos para a transformação ou conservação da sociedade. Como os movimentos de libertação das mulheres ou mesmo os grupos religiosos fundamentalistas que desejam que os

seres humanos pronunciem a mesma fé, o que fará com que se reconciliem entre si e com Deus.

Toda construção de identidade é dialética, no sentido em que se constitui a partir da afirmação de um “nós” e da negação de tudo que esteja situado do “lado de fora”. Ela implica assim no sentimento de pertencimento, no estabelecimento de vínculos. Pertencer a determinado grupo significa que internalizamos “mapas mentais” e “culturais” dotados de significados que funcionariam como importantes marcadores sociais.

Identidade

A linguagem pode constituir sistemas simbólicos. Internalizar uma linguagem é compartilhar as mesmas formas de atribuição de sentido

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Sociedade do caos

Foto: Reprodução



Giddens, autor da Teoria da Reflexividade

O momento histórico atual convive com mudanças que afeta quase toda parte da humanidade de forma destrutiva, e tem grande impacto no contexto sócio político mundial. Diante disso, cientistas sociais analisam os reflexos das agressivas rupturas geradas das ações humanas e suas trágicas consequências para o cidadão, comunidade, sociedade e humanidade, que se manifestam nas desumanas revoluções sociais e tecnologias. Um dos males desse processo é a submissão ao incerto e a recusa ao já estabelecido como bem comum, levando à ruptura entre as gerações, uma vez que as experiências do passado nada dizem para o presente, de tal forma que a reflexividade ou tolerância é introduzida – forçada – na reprodução dessa tensão, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados ou representados entre si.

A Teoria da Reflexividade proposta pelo filósofo social inglês Anthony Giddens (1938) afirma: “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz de informação renovada sobre essas próprias práticas, alterando assim seu caráter”. As rupturas encontradas nos dias atuais são de incertezas e riscos manufaturados e a reflexividade insere-se como elemento dessa sociedade que, ao mesmo tempo em que potencialmente poderia produzir maior autonomia do sujeito, introduz riscos à humanidade, presa a crenças de uma racionalidade incapaz de apresentar respostas às questões de uma modernidade radicalizada. Nesse contexto, Giddens apresentou uma nova alternativa ao socialismo e ao neoliberalismo. Suas análises surgiram a partir da avaliação sobre a impossibilidade de controle sobre a “realidade” proposto pela ciência, porém não atingido no que ele define como “mundo em descontrolado”.

Giddens lançou, em 1998, o livro *A Terceira Via*, no qual defende a importância de uma nova social-democracia como alternativa tanto para o neoliberalismo quanto para os programas o socialismo. Entende-se por social-democracia sendo uma ideo-

logia política que apoia intervenções econômicas e sociais do Estado para promover justiça social dentro de um sistema econômico com uma política que envolve o Estado de Bem-Estar Social, os sindicatos, uma normatização econômica de forma a promover uma distribuição de renda igualitária e um compromisso para com a democracia representativa. Sua principal tese é identificar questões ecológicas e de garantir proteção e atitudes ativas das pessoas, dividindo a responsabilidade com o Estado, sem, no entanto, lançar o cidadão em uma crueldade globalização neoliberal que transformou a vida de muitos em um estado de terror, de loucura e de miséria humana. Também, de conter a ação predatória de um mercado cruel, que é incapaz de orientar a produção, a circulação e consumo de bens e serviços de maneira equilibrada em relação ao meio ambiente. Giddens propõe como alternativa o desenvolvimento sustentável e a modernização ecológica como fatores centrais para o enfrentamento às questões atuais.

Giddens, noutro seu livro, *Mundo em descontrolado – o que a globalização está fazendo de nós* (1999), estuda as mudanças pelas quais passaram culturas tradicionais; as intolerân-

cias religiosas e as incertezas criadas pelo processo de unificação em escala mundial. Ele aponta essas mudanças mais sintomáticas nos papéis de gênero, na sexualidade, no casamento e no núcleo familiar. Esse livro está dividido em cinco temas: globalização; risco; tradição; família e democracia.

O terror que se observa no mundo atual, apresenta que as ideias tradicionais, tanto no campo do socialismo quanto no do capitalismo em suas vertentes liberal e neoliberal, não são capazes de apresentar soluções para estabelecer uma harmonia na convivência social ou mundial. A tese de Giddens sinalizam que se faz necessário democratizar mais as instituições existentes diante do atual “descontrole do mundo”. Também apresentou o conceito de “risco” para justificar as consequências negativas dos processos destrutivos na economia e nas relações de indiferenças. A sociedade de risco geralmente destrói os bons valores do próprio passado.

Nesse “mundo em descontrolado”, Giddens afirma que a globalização se dá através da “...política, tecnologia e cultura, tanto quanto economia. Foi influenciada através dos sistemas de comunicação”. A globalização apresenta aspectos positivos em relação ao acesso as informações que conduz à formação do pensamento crítico, científico e criativo para o empreendedorismo social e economia criativa, de forma a atuar no ambiente que se vive para uma melhor qualidade de vida e bem-estar social. Os sistemas de comunicação conectam pessoas em vários países. Essa relação Giddens conceituou de “mundo em descontrolado”. Entretanto, através da unicidade entre a tolerância à diversidade cultural com a democracia que construirá uma irmandade mundial.

Sinta-se convidado à audição do 366º Domingo Sinfônico, deste dia 24, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição irei apresentar o pianista e compositor polonês Arthur Rubinstein (1887-1982) e suas contribuições para a paz mundial.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Longos
15 minutos

Fui fazer a barba no Bistrô 17, no centro, e perguntei se o jovem barbeiro já tinha visto a série *Diários de Andy Warhol*. Logo veio o silêncio. Ele confessou que não sabia quem era Andy Warhol. Não falei dos 15 minutos de fama, os mais longos 15 minutos, eternizados por Andy Warhol.

Andy Warhol aparece vivo na série da Netflix de Andrew Ross, não nas latas de sopa Campbell's, que ele adorava almoçar quando era menino, mas nas serigrafias dos símbolos que significaram muito em sua vida triste a acelerada.

Obrigado, Andy Warhol por incorporar como nenhum outro artista a essência midiática da época: comportamento, reações, expressões escrita e falada. Figura interessante, risada marcante, solidão permanente.

Talvez não seja tão lembrado quanto Marilyn Monroe, que ainda não desapareceu do imaginário mundial, dominado hoje por produtos chineses e ideologias até bem pouco tempo desconhecidas. Ou seja, malditas.

Warhol fez o retrato dela, de inúmeras cores, uma Marilyn Monroe linda, sempre. Será que precisamos de um novo Andy Warhol, numa era em que tudo se faz no computador?

Hoje não teria espaço para Andy Warhol nesse mundo indefinido. Vivemos uma estética pífia, sem astros, carente de conhecimentos. O ódio à imprensa, já diz tudo.

De 1976 até 1987 (uma década e um ano, ele morreu em 1987) o artista ligava todos os dias para a assistente Pat Hackett e contava o que tinha acontecido com ele nas festas, noites badaladas, com quem ele esteve, o que fizeram até o dia amanhecer e Pat gravava tudo e ficou com a missão de transcrever o material, que foi editado em livro em 1989.

A L&PM resgatou o material e lançou um box dividido em dois volumes. Os diários podem ser triviais, já que Warhol muitas vezes preferia falar o quanto gastou no táxi, o que comeu em um dos restaurantes chiques que frequentava ou a que programa ruim tinha assistido na TV. Nada a ver.

Warhol viveu muito a noite e esteve com todo mundo: Jack Nicholson, Mick Jagger, Arnold Schwarzenegger, Elizabeth Taylor, Elton John, Michael Jackson e muitos outros.

Warhol teve amores e o mais apaixonante foi Jed Gould, um rapaz bonito, dedicado a vida do artista, mas ficou apenas marcado a ferro a ausência de Jed em sua vida, que ele procurava pelos quartos e mobílias da casa. A morte não é mais fria que o amor. O amor dilacera.

Há quem diga que os diários, o pensamento Warholiano, não tem nada a acrescentar, talvez os festeiros anos 1970 e os anos 80 na visão de Warhol se tornariam anos mortos, nesse intervalo em que ele levou vários tiros de uma moça estranha, como todos as pessoas que matam ou tentam matar o ídolo. Estranhas.

Na série um homem sem beleza, que tanto amargurava, mas cercado de muitas pessoas que trabalhavam com ele e o admiravam. A fama nos 15 minutos é apenas a participação no jogo, não a inovação de regra.

Não o creio substancialmente ultrapassado, sua arte está aí pujante. Descontextualizados, os retratos em cores berrantes estão espalhados pelo mundo todos, inclusive o do próprio Warhol.

Seus diários (acho diário uma coisa besta) mostram o maior antídoto, às loucuras de Warhol. Por isso deve ser visto. Ou não.

Kapetadas

1 – Preciso ser preso para terminar o romance que comecei em 2020;

2 – Lembre-se - sem rua, você não atravessa a sorte;

3 – Som na caixa: “E que não riu com a risada de Andy Warhol”, CV.

Imagem: Reprodução



Cena de 'Diários de Andy Warhol', série da plataforma Netflix

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Zé Américo no cinema: as “janelas” que lhe faltaram

Usando de um aforismo que não me é autoral, mas bem conhecido na praça, diria que, “Ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não veem”.

Abrindo-se as muitas janelas da história – e não apenas as impressas em letras de fôrma –, possível é se conhecer (até se entender) da personalidade existencial e criativa de alguns renomados escritores. Tanto pela obra que escreveu, como pela verve que usou, particularmente. Mas nem sempre essas tais “janelas” nos premeiam com aquele conjunto ideal, imperioso, que sempre fez jus o nobre representado. E sobre quem se necessita realmente conhecer ainda mais...

Lendo um bem diagramado conjunto de textos publicados em livro pelo Jornal **A União** sobre um dos nossos mais insígnis escritores, de repercussão nacional e até internacional, senti um estranho vazio em seu conteúdo. Percebi a ausência de pormenorizado segmento que, logo a partir dos anos cinquenta, muito contribuiu para a notoriedade do homem público que foi José Américo de Almeida – o cinema.

Ao constatar tal fato, chegam-me indagações várias. Uma delas: a Sétima Arte é merecedora da notoriedade literária do insigne autor de *A Bagaceira*? Ou, será que o próprio cinema não olvidou de várias outras obras do escritor, a exemplo de *Coiteiros*, outro romance seu altamente cenográfico? Questões assim nos trazem carências de algumas verdades, de que existem “janelas” que ainda não foram abertas sobre o criador de “Antes que me esqueça”.

Mesmo que a coletânea de textos publicados no Jornal **A União** tenha como



José Américo, autor da obra 'A Bagaceira'

referência o período de 2020-2022, mesmo assim, uma omissão vem de ser constatada no saltério, que é a participação americanista no cinema. Isso, se levarmos em conta o quanto ele foi de importante para a implantação do Instituto de Cinema Educativo da Paraíba; depois, simplesmente nominado Cinema Educativo, sob o comando de seu servidor e fotógrafo João Córdula, indicado pelo próprio Zé Américo, quando governador da Paraíba. Esse, um singular dado histórico que deveria ter sido relatado, mas que em *Janelas da História* algumas ficaram entreabertas. Apesar de uma referência, em passant, feita por Astenio Fernandes no texto “José Américo: o termo de uma lenda”, em que faz alusão, inclusive com justiça, às observações do médico Manoel Jaime Xavier, autor de livros e audiovisuais sobre a cidade de João Pessoa. Amigo Jaime defende que, a existência

do cinema educativo gerou a evolução do nosso documentarismo. Daí a razão plausível de sempre estarmos juntos, na criação de trabalhos na área do memorialismo cultural de nossa capital.

Muito notório ainda, foi o desagrado do autor de *A Bagaceira* no cinema. Travestida de *Soledade*, o diretor Paulo Thiago teve que pedir vênias ao autor para a mudança do título. Isso gerou um debate...! E certa vez conversando com Lurdinha Luna (madrinha de meu filho Alexandre), sobre o entevado gerado, disse-me ela da insatisfação que foi o tal episódio para o escritor.

Quando realizei o curta-metragem *Cinema Inacabado*, em 1980, apoiado pela Cinética Filmes, para celebrar os cinquenta anos do cinema educativo criado por Zé Américo, fiz questão de rebobinar o episódio sobre a produção do filme *Soledade (A Bagaceira)*. Filmado em 16mm/cores, *Cinema Inacabado* cita o ocorrido, que algum tempo foi alardeado na imprensa local e nacional.

Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



Através do QR Code acima, acesse o curta 'Cinema Inacabado'



APC celebra parceria com FCJA

A Academia Paraibana de Cinema, presidida por Zezita Matos, relembra que, neste mês, em 2014, tomava posse na presidência da Fundação Casa de José Américo um de seus integrantes, o professor Damião Ramos Cavalcanti, Cadeira 5 da APC, cujo patrono é Virgínia da Gama e Melo. Uma das medidas imediatas do então gestor da FCJA, que já acolhera a sede APC numa de suas salas, foi a criação do conselho de seu Cinema de Arte, que passaria a orientar as sessões de filmes, sempre às primeiras quintas-feiras de cada mês. O conselho foi presidido pelo próprio Damião Ramos, e formado por Rejane Mayer e Assis Vilar, ambos da FCJA; também pelo escritor Manoel Jaime Xavier, o cineasta Alex Santos, Wills Leal e o crítico de cinema João Batista de Brito, esses da APC.

EM cartaz

ESTREIA

CIDADE PERDIDA (The Lost City. EUA. Dir: Aaron e Adam Nee. Comédia. 14 anos). A brilhante, porém reclusa autora Loretta Sage (Sandra Bullock) escreve sobre lugares exóticos em seus romances populares de aventura, cujas capas são estreladas pelo belo modelo Alan (Channing Tatum), que tem dedicado sua vida a personificar o personagem herói, Dash. Durante a turnê de promoção de seu novo livro com Alan, Loretta é raptada por um bilionário excêntrico (Daniel Radcliffe), para que ela o guie ao tesouro da cidade perdida descrita em seu livro recente. Para provar que é possível ser um herói na vida real, não somente nas páginas de seus livros, Alan parte para resgatá-la. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h30 (dub.) - 15h50 (leg.) - 18h15 (dub.) - 20h50 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 19h40 - 22h; CINE SERCLA TAMBÍÁ 4 (dub.): 16h25 - 18h35 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h25 - 18h35 - 20h45.

CONTINUAÇÃO

ANIMAIS FANTÁSTICOS: OS SEGREDOS DE DUMBLEDORE (Fantastic Beasts: The Secrets Of Dumbledore. Reino Unido, EUA. Dir: David Yates. Fantasia. 12 anos). O professor Alvo Dumbledore (Jude Law) sabe que o poderoso mago das trevas Gellert Grindelwald (Mads Mikkelsen) está se movimentando para assumir o controle do mundo mágico. Incapaz de detê-lo sozinho, ele pede ao magizoologista Newt Scamander (Eddie Redmayne) para liderar uma intrépida equipe de bruxos e um corajoso padeiro trouxa em uma missão perigosa, em que eles encontram velhos e novos animais fantásticos e entram em conflito com a crescente legião de seguidores de Grindelwald. CENTERPLEX MAG 3: 15h (dub.) - 18h30

(dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 15h30 - 18h30 - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 MacroXE: 15h (dub.) - 18h (leg.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h - 17h - 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h45 - 18h45 - 21h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 20h30; CINE SERCLA TAMBÍÁ 6 (dub.): 15h10 - 17h50 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h10 - 17h50 - 20h30.

DETETIVES DO PRÉDIO AZUL 3 (Brasil. Dir: Mauro Lima. Comédia. Livre). Pippo (Pedro Henriques Motta), Bento (Anderson Lima) e Sol (Letícia Braga) se vêem em apuros quando Severino (Ronaldo Reis) encontra um objeto em meio aos escombros de um avião. O que parecia uma inofensiva relíquia era, na verdade, uma das faces do Medalhão de Uzur, responsável por controlar e manipular toda a magia existente no mundo. Assim que coloca o artefato no pescoço, o porteiro tão querido por todos começa a se transformar em uma figura maligna. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h45 (exceto sáb.) - 16h15 (exceto sáb.) - 18h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 14h15 (exceto seg. e ter.) - 16h45 (exceto seg. e ter.) - 19h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBÍÁ 3: 16h - 18h; CINE SERCLA PARTAGE 5: 16h - 18h.

MEDIDA PROVISÓRIA (Brasil. Dir: Lázaro Ramos. Drama. 14 anos). Em um futuro próximo distópico no Brasil, um governo autoritário ordena que todos os cidadãos afrodescendentes se mudem para a África - criando caos, protestos e um movimento de resistência clandestino que inspira a nação. CENTERPLEX MAG 2: 18h20 - 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 19h50 - 22h; CINE SERCLA TAMBÍÁ 3: 20h; CINE SERCLA PARTAGE 5: 20h.

MORBIUS (EUA. Dir: Daniel Espinosa. Fantasia. 14 anos). Gravemente adoecido com um raro distúrbio sanguíneo e determinado a salvar outros que sofrem do mesmo destino, o Dr. Morbius (Jared Leto) arrisca tudo numa aposta desesperada. E embora a princípio tudo pareça um sucesso absoluto, surge uma escuridão que se desencadeia dentro dele. O bem superará o mal - ou Morbius sucumbirá aos seus novos e misteriosos desejos? CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 16h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 21h30 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBÍÁ 2 (dub.): 14h45 (qui. a dom.) - 16h50 - 18h55 - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h45 (qui. a dom.) - 16h50 - 18h55 - 21h.

SONIC 2 - O FILME (EUA. Dir: Jeff Fowler. Comédia. Livre). Após conseguir se estabelecer em Green Hills, Sonic está pronto para mais liberdade e quer provar que tem o necessário para ser um herói de verdade. Seu teste virá quando Tom e Maddie concordam em deixá-lo em casa enquanto saem de férias, o que coincide com o retorno do Dr. Robotnik, dessa vez com um novo parceiro, Knuckles, à procura de uma esmeralda com o poder de destruir civilizações. Sonic se une a um novo companheiro, Tails, e juntos eles embarcam em uma jornada para encontrar a esmeralda antes que ela caia nas mãos erradas. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 14h30 - 17h20 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h45 - 17h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h40 - 16h20 - 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h15 - 16h50 - 19h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h45 - 17h45; CINE SERCLA TAMBÍÁ 4 (dub.): 14h20 - 16h40; CINE SERCLA TAMBÍÁ 5 (dub.): 15h35 - 17h55 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h35 - 17h55 - 20h15.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Leitor-escritor

Parece já existir certa bibliografia em torno dos tempos pandêmicos. O confinamento em suas respectivas casas levou alguns escritores a pensar, refletir e escrever a partir das circunstâncias singulares dessa tragédia que se abateu sobre o mundo e sobre a humanidade. O isolamento, a solidão, o sentimento de exílio, associados ao medo e à ansiedade diante de tempos tão nublados, como que cria condições especiais para o ato de escrever e ler numa voltagem mais intensa, sobretudo se pensarmos nos gêneros íntimos e testemunhais.

Ocorrem-me estas considerações porque tenho, diante de mim, o livro *Confidências literárias* (Mossoró, RN: Sarau das Letras, 2021), do escritor Cláuder Arcanjo, no qual exercita um diálogo com alguns autores e autoras de suas “afinidades eletivas”, primando sempre pelo cuidado poético com a palavra.

Clarice Lispector, Beatriz Alcântara, Emily Dickinson, Walt Whitman, Hilda Hilst, Miguel de Cervantes, Eugênio de Andrade, Niconor Parra, Ferreira Gullar, Fernando Pessoa, Cora Coralina, Cecília Meireles, Lília Souza, Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Manoel de Barros, Helena Kolody, Marcos Ferreira, Manuel Bandeira, Adélia Maria Woellner e Vinícius de Moraes constituem o seletivo elenco dos seus interlocutores.

Vê-se logo que Cláuder Arcanjo mescla, em suas escolhas, poetas e prosadores, clássicos e modernos, consagrados e desconhecidos, sinalizando, assim, para a riqueza e a diversidade de seu olhar de leitor sensível à variedade dos métodos de produção literária e à particularidade de cada visão de mundo.

Na “Nota ao Leitor”, o autor assinala: “Lembro quando os escrevia, uns três por semana, à época em que estava ‘confinado’ em um hotel em Vitória (ES), lendo e escrevendo para não enlouquecer, em pleno início da pandemia”, e, num recado mais direto para o leitor, faz este apelo: “Que Confidências literárias o faça (re)visitar as obras dos autores e autoras que me acompanham ao longo da minha vida de leitor-escritor; e que você, assim como eu, sintam-se motivados a se confidenciar com eles(as). A boa leitura nos é altamente inspiradora”.

Sem dúvida: a criação literária tem, na leitura, especialmente na leitura das obras literárias, uma de suas fontes mais ricas e um de seus processos mais decisivos. Quando um Harold Bloom assegura que um poema dialoga ou está em conflito com outro poema; quando um T. S. Eliot afirma que nenhum poeta pode ser conhecido sozinho, ou quando um Jorge Luis Borges fala de precursores desse ou daquele escritor, temos aí o selo de uma corrente unindo vozes e visões.

Cláuder Arcanjo é um leitor-escritor e, por isto mesmo, poderia situá-lo muito bem dentro da tradição moderna de uma poética da leitura. Uma leitura que não se esgota na simples experiência emocional ou intelectual, no indispensável prazer da subjetividade, no estímulo à meditação e ao pensamento, no gozo da sensibilidade e no voo da imaginação. Mas, principalmente, numa leitura que tende a encaminhar o leitor para o desafio da sua própria criação e, portanto, da realização de sua própria obra.

No diálogo com Clarice. Há certa altura, escreve o autor: “No sereno da tarde, volto para dentro. Dentro de onde? De mim? De ti? Um silêncio anterior ao mundo dito civilizado. O oco de tudo a me revelar que é preciso abrir mão das platitudes para sentir as altitudes. (...) A literatura é um tributo à loucura de si mesmo”. Já no primeiro parágrafo do diálogo com Whitman, afirma que “O homem sofre de um silêncio absurdo”, e no prosar com Fernando Pessoa, revela: “Preso às obviedades da vida, caminho como se o infinito estivesse à minha frente. (...) E a Poesia teima em renascer, sem metafísica, na esquina menos festejada”.

Atento ao estilo e à técnica, assim como ao universo emotivo e intelectual, de cada escritor, Cláuder Arcanjo traz à tona, na medida do possível, as inclinações psicológicas e as atitudes perceptuais de cada um deles, nas suas diferenças e aproximações, ao mesmo tempo em que se descortina a si mesmo, na sua geografia sentimental, nos seus predicados ideológicos e nas suas preferências estéticas.

Fazendo suas confidências literárias, este cearense de Santana do Acaraú, poeta, romancista, contista, editor, convida-nos a uma viagem de volta ou a uma viagem de descoberta pelas páginas artísticas dos escritores que leu e cuja leitura nos sugere, a seu modo também artístico e pessoal.

Serviço

BEZERRA DA SILVA

Sambista passa por “cancelamento”

Um dos mais populares artistas do gênero nos anos 1980 e 90 se encontra fora das rodas e dos álbuns

Julio Maria
Agência Estado

Sambista dos mais populares entre o início dos anos 1980 e final dos 90, vendedor de, até onde se contabilizou, três milhões de discos, ex-morador de rua, ex-pintor de parede e inquilino de um barraco no Morro do Cantagalo por 15 anos, Bezerra da Silva passa por um silencioso processo de apagamento. Muitos dos sambas que cantou em seus 28 discos, identificados como apologistas da bandidagem e da misoginia, são patrulhados por um politicamente correto recrudescido por justas causas nas duas últimas décadas e deixados de lado pelo próprio samba. Cantar Bezerra se tornou um ato arriscado. “Ninguém quer correr o risco de ser cancelado”, comenta o compositor e cantor Chico Alves, também proprietário da casa Traço de União. “As pessoas estão com medo”, diz o filho do homem, o também sambista Ítalo Bezerra.

Ao morrer aos 77 anos, em 2005, Bezerra já sabia o que era ser maldito e viu cada um de seus sucessos lhe reservar dois destinos: ao mesmo tempo em que se tornava herói aos despossuídos, reforçava contra si o ódio de tudo o que existia da classe média pra cima. “Desde Pega Eu”, de 1979, até ‘Malandro é Malandro e Mané é Mané’, de 1999, nada era poupado. Além de juizes, políticos, delegados, padres, defuntos, pastores, manés, macumbeiros falsos e sogras, todas as sogras, seu nome não era bem quisto nem pelo samba do reino. “Fale aí uma participação de um sambista de renome em qualquer LP do meu pai”, desafia Ítalo.

Lobo Solitário

Sem ser chamado à mesa pela turma de Paulinho da Viola, Paulo Cesar Pinheiro e Beth Carvalho, e ignorado pelos jovens que redeseñavam o partido alto com mais velocidade e força percussiva em Cacique de Ramos, de onde sairiam Almir Guineto, Jorge Aragão, Zeca Pagodinho e todo o Fundo de Quintal, Bezerra só não era um lobo solitário porque tinha os morros e a poderosa Baixada Fluminense a seu dispor – assim como os morros e a Baixada só não eram de mentira, com alvoradas sob as quais ninguém chorava e não havia tristeza, porque tinham Bezerra.

Ao contrário dos cronistas de veia literária, como Noel, Cartola, Nelson Cavaquinho, Chico e Aldir Blanc, e longe da romantização que pega de Zeca aos pagodes do Só Pra Contrariar que Bezerra absolutamente odiava, sua favela era inóspita, machista, homofóbica e bem humorada. “Como vou cantar o amor se eu não tive amor?”, dizia.

Era ao morro que recorria para colher letras e melodias com carteiros, camelôs, garis, bicheiros, bombeiros, serventes de pedreiro, taxistas, desempregados – todos nascidos no samba. “Depois que Bezerra gravou ‘Minha Sogra Parece Sapatão’, consegui comprar minha casa”, diz Roxinho, ex-ajudante de montador de estruturas e, hoje, depois de 10 sambas na voz do artista, dono de um bar em Mesquita.

Seu samba é um forte candidato ao silenciamento por dois desajustamentos sociais em uma só frase: o canto contra sogras e a palavra sapatão. “Sei que é preciso tomar cuidado”, diz Marcos Diniz, autor de Cobra Mandada e Medo de Virar Galetto. “Mas chegamos a um ponto em que, se olharmos diferente, saímos algemados”. Mas, então, o que dizer de “Canudo de

Ouro’, sobre um padre que vendia cocaína na sacristia e cobrava em dólar? “Quem quiser cafungar ou dá dois / Vai na sacristia com o sacristão / Mas leve em dólar que a coisa é da boa / Porque com o cruzeiro não tem transação”. ‘De Quem Usa Antena é Televisão’, sobre o dia em que uma mulher apanhou feito ladrão por trair o marido? “Eu fico no barraco e você leva a nega / Essa piranha brava eu não quero mais não”. Ou de ‘Meu Bom Juiz’, de 1986, algo que o rap só faria 10 anos mais tarde e que pode ter custado mil portas fechadas por humanizar um traficante e pedir sua absolvição. O traficante? José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha: “Ah, meu bom juiz, não bata este martelo nem dê a sentença / Antes de ouvir o que o meu samba diz / Pois este homem não é tão ruim quanto o senhor pensa”.

“Fazem uma confusão perigosa”, diz o historiador Luiz Antonio Simas. “Bezerra era um cronista de sua realidade, não um apologista de bandido”. A antropóloga Letícia Vianna, autora do livro *Bezerra da Silva Produto do Morro - Trajetória e Obra de Um Sambista Que Não é Santo*, o considera um sociólogo. “O que ele diz quando fala sobre a prisão de Escadinha? Ele fala de uma reação nas relações sociais do morro. E ele é produto deste morro. Se vão cancelar Bezerra, precisam cancelar também Noel Rosa e Wilson Batista”.

Apagamentos, ao contrário da estridência de um cancelamento, são fenômenos potencializados no mundo pós redes sociais de forma não deliberada nem assumida. Simplesmente não se fala e não se toca. Ainda que não haja placas de “proibido Bezerra” nas rodas conhecidas pela reportagem, os repertórios falam por si: recantos no Rio como Samba do Trabalhador, Beco do Rato, Pedra do Sal, Carioca da Gema, Cacique de Ramos, Semente e Rua do Ouvidor, ou de São Paulo, como Bar Samba e Vila do Samba, dificilmente, ou nunca, passam por Bezerra. Um dos únicos redutos paulistanos é a roda Favela Pesada, na Zona Leste.

“Quem tem de manter Bezerra vivo são os fãs”, diz Martinho da Vila. Uma das poucas vezes que ele cruzou com o pernambucano foi em seu antigo bar, o Butiquim do Martinho. “Mas Bezerra queria ir embora e eu não entendi nada”. Já na rua, Bezerra confessou: “Sabe o que é, *cumpadi*, eu não fumo e não bebo, e está todo mundo fumando e bebendo aí”. Sinal do personagem que existia ali dentro.

Sem regravações de seus sucessos, ainda que tenha mais de 388 mil ouvintes mensais no Spotify – Martinho tem 1.535.752 milhão e Zeca passa dos 1.830 milhão – o sambista foi rejuvenescido duas vezes, nenhuma delas pelo samba. Em 96, o Barão Vermelho gravou ‘Malandragem Dá um Tempo’. “Está faltando humor às pessoas. Eu voltei a cantar esta música há um mês e ninguém reclamou”, conta Frejat. Em 2010 foi um rapper, Marcelo D2, quem fez Marcelo D2 canta Bezerra da Silva, o único tributo ao sambista: “Só estamos discutindo isso, machismo, violência, tráfico, porque caras como ele jogaram esses problemas na mesa”, diz. “Cara, vou usar um pensamento do próprio Bezerra: se um rico fala de tráfico, é pesquisa. Se um podre fala de tráfico, é traficante. Isso tem de acabar”.

Segundo o historiador Luiz Antonio Simas, Bezerra era um cronista de sua realidade, não um apologista de bandido

Foto: Maria Elisa Franco/Estadão Conteúdo



Ao morrer aos 77 anos, em 2005, Bezerra já era maldito, sendo silenciosamente “apagado” nas duas últimas décadas

EDITAL

Abracrim anuncia lançamento de concurso de fotografia e literatura

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Amanhã, a Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas (Abracrim) lançará o edital contendo todas as informações de concurso nacional na área cultural, que vai estar disponibilizado no site da entidade (www.abracrim.adv.br). O concurso é voltado para os associados da instituição e advogados criminalistas, que poderão se inscrever gratuitamente, durante o mês de maio, e vai premiar com becas e livros jurídicos os cinco melhores colocados em três gêneros: fotografia, literatura (poesia) e artigos sobre temas na área da justiça criminal.

“A divulgação do resultado final está prevista para o final de junho e, como é um concurso nacional, a ideia também é selecionar 50 obras de cada uma das categorias, compilação essa que se tornará num livro digital”, disse o presidente em exercício da Abracrim, Sheyner Asfóra.

O edital do concurso será lançado através da Comissão de Arte,

Cultura e Literatura da Abracrim também pelas redes sociais da entidade. “Teremos uma Comissão para escolher as produções inscritas em cada gênero. No caso da fotografia, podem ser inscritos registros, por exemplo, da atuação do advogado criminalista no Tribunal do Júri, ou algum outro aspecto do exercício profissional desse advogado; na poesia, os temas podem se basear na atividade jurídica, ou ter textos com cunho filosófico; e, com relação aos artigos, os temas são mais livres, com produções sobre a justiça criminal e a sua interdisciplinaridade com outras áreas, como a arte e a cultura”, explicou Sheyner Asfóra.

O presidente em exercício da Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas ainda informou que os trabalhos poderão ser inscritos durante todo o mês de maio. Sheyner Asfóra disse que as produções deverão ser enviadas para os respectivos e-mails de cada categoria do concurso, que estarão disponibilizados no edi-

tal. No caso da poesia, é o poesia@abracrim.adv.br e, para os artigos, o artigo@abracrim.adv.br. “Quanto às fotografias, será criado um perfil próprio no Instagram”, apontou ele, acrescentando que “a ideia também é a de submeter, ao *Correio das Artes*, do *Jornal A União*, a publicação dos cinco vencedores de cada gênero do concurso e, para isso, pretendo visitar a diretoria da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) para falar sobre o assunto”, afirmou Asfóra.



Através do QR Code acima, acesse a página oficial da Abracrim



Os secretários da área financeira e de gestão do Estado, Letácio Tenório, Marialvo Laureano e Gilmar Martins, avaliam que modernização tornará o Estado ágil e com maior capacidade de investimentos

PRIMEIRA ETAPA

Profisco investirá na modernização

Objetivo é continuar fazendo da Paraíba uma economia saudável atestada pelas agências internacionais de risco

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O Programa de Modernização da Gestão Fiscal do Estado da Paraíba, mais conhecido como “Profisco II PB”, ganhará legibilidade para realizar contratações, esta semana, pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Nessa primeira fase, serão investidos cerca de US\$ 2,9 milhões em Tecnologia da Informação das cinco pastas envolvidas no projeto.

O Profisco tem o objetivo de modernizar toda a gestão

fiscal do Estado, garantido sustentabilidade fiscal em três eixos: modernização da gestão fazendária, melhoria na arrecadação e aprimoramento no gasto público. O objetivo é continuar fazendo da Paraíba uma economia saudável, como a que foi atestada na última semana pela análise da Standard & Poor’s Financial Services (S&P Global Ratings). Pelo segundo ano consecutivo a Paraíba recebeu o rating AA+ pela agência.

O resultado atesta a saúde financeira do Estado, e a sua capacidade em honrar

compromissos financeiros. “Esse resultado é mais um resultado exitoso do nosso governo. É um prêmio da nossa gestão fiscal. Isso demonstra a seriedade e firmeza da nossa gestão fiscal. São vários investimentos que o nosso governo está fazendo”, explicou o secretário estadual da Fazenda, Marialvo Laureano.

Ainda, segundo o secretário Marialvo Laureano, nos últimos três anos, a Paraíba conseguiu realizar cinco financiamentos. “E continuamos recebendo os bancos. Eles nos ligam ofe-

recendo crédito para projetos. Alcançamos um grande patamar para a Paraíba”, disse.

O acordo firmado entre o Governo do Estado e o BID, é de US\$ 38,4 milhões para a execução do Profisco. Além do financiamento, o projeto receberá US\$ 4,2 milhões de recursos próprios, totalizando US\$ 42,680 milhões de dólares para a sua execução total.

O prazo para a execução do projeto de modernização das Secretarias de Estado da Fazenda (SEFAZ-PB), Controladoria Geral do Es-

tado (CGE-PB), Secretaria de Administração do Estado (SEAD), Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (SEPLAG) e a Procuradoria Geral do Estado (PGE) é de cinco anos.

Nesse primeiro momento, o investimento estimado em US\$ 2,9 milhões para o primeiro ano será voltado para a Tecnologia da Informação dessas secretarias, segundo explicou o coordenador do Profisco, Jeferson Rolim. “A gente está no processo que o banco chama de elegibilidade, quando se torna elegível, ou seja,

o projeto está apto a receber esse primeiro desembolso. Vamos começar a contratar, e solicitar o desembolso em seguida”, disse.

Do período de assinatura do contrato até agora, foram realizados andamentos aos processos de contratação. “Agora nós vamos dar seguimento ao que já vínhamos fazendo, não estamos parados nesse período. Estamos trabalhando nos termos de referência, estamos consolidando, para quando tiver a elegibilidade dar andamentos aos contratos”, explicou Jeferson Rolim.

Área de tecnologia da informação

Serão 55% investidos para a área de Tecnologia da Informação, incluindo aquisição de equipamentos, softwares, desenvolvimento de sistemas e consultorias específicas em TI e uso de ferramentas digitais para avançar em transparência fiscal e eficiência da administração tributária, na aquisição de programas e equipamentos tecnológicos, que serão usados, por exemplo, na fábrica de software na Gerência de Tecno-

logia da Informação (GTI) da Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz-PB).

Outra parte dos investimentos (19%) será também em obras como a reforma do prédio do Governo da Paraíba, na Avenida Epitácio Pessoa, na capital, que será a nova sede da Sefaz -PB, da Controladoria Geral do Estado (CGE) e da Procuradoria Geral do Estado (PGE), pastas que formam a gestão fiscal do Estado, além de investimentos em

bens como mobília e equipamentos, consultorias e em capacitação de recursos humanos para explorar as novas tecnologias, sistemas e equipamentos.

O financiamento do Profisco II prevê o financiamento de 17 novos produtos, que estão divididos em três áreas: Gestão Fazendária e Transparência Fiscal; Administração Tributária e Contencioso Fiscal; Administração Financeira e Gasto Público.

Financiamento ficará mais fácil

Com a avaliação do rating, será ainda mais fácil para o Estado conseguir financiamentos para a Paraíba, que resultam em investimentos práticos, como o Profisco. Segundo ressaltou o secretário chefe da Controladoria Geral do Estado, Letácio Tenório Guedes Júnior, o resultado atesta não apenas a saúde financeira do Estado, como também sinaliza aos credores de todo o mundo que emprestar para a Paraíba é um bom negócio.

“É sinalizado: podem emprestar que o estado da Paraíba não tem risco de inadimplência, ele está com as finanças saudáveis e tem recursos em caixa. Chega nas empresas que vendem, bancos que emprestam, além de embaixadas e consulados. Assim eles sabem que determinado estado é bem administrado. Isso traz credibilidade muito grande”, disse.

O secretário comentou ainda a diferença nas ofertas de crédito que o Estado sofreu, após a divulgação da primeira nota máxima que a Paraíba obteve, no ano passado. “Hoje o Estado vive uma situação inversa. Se no passado ia atrás de financiamento, hoje houve concorrência entre os bancos para ofertar crédito. Isso é inédito. Hoje o Estado coloca no edital e os bancos concorrem entre eles para ofertar”.

O economista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paulo Cavalcanti, avaliou

que em uma leitura positiva do resultado, é possível perceber uma boa situação fiscal no Estado. “A situação fiscal e financeira do Estado não é problemática, ou seja, o Governo do Estado não enfrenta problemas para pagar suas despesas”, disse.

Ele comentou ainda sobre a importância dessa situação fiscal ser revertida para a população. “Se o Estado ‘poupou’ 100 e com isto ele consegue um empréstimo de 200, ele consegue mais recursos

que tem. Mas se ele não usar esses recursos extras para gerar emprego e desenvolver o Estado para aqueles que estão sofrendo com a crise, então de que valeu?”, avaliou o economista.

De acordo com o secretário de Planejamento, Orçamento e Gestão, Gilmar Martins, o objetivo é reverter esse resultado em investimentos para a Paraíba. Segundo ele, obter facilidade em financiamento é garantir agilidade no desenvolvimento da Paraíba.

“A população vai se beneficiar das obras hídricas, ampliação do porto, infraestrutura de saneamento básico, e assim por diante. O segredo é esse em um financiamento, eu vou usufruir hoje do meu carro, do meu apartamento, enquanto pago. Não faz sentido a Paraíba com o menor nível de endividamento não fazer empréstimos. Isso acelera o processo de desenvolvimento do Estado”, explicou Gilmar Martins.

Além disso, um bom resultado fiscal também vai resultar em geração de emprego e renda, com a atração de novas empresas para o Estado. “Quando as empresas vão se instalar em qualquer local, avaliam o mercado. Você não vai colocar sua empresa em um lugar onde a saúde não funciona, a educação é ineficiente, é um Estado onde a economia não gira. A empresa avalia se a economia está ativa e pujante”, completou o secretário.



Segundo o coordenador do Profisco, Jeferson Rolim, nesse primeiro momento, o investimento é estimado em US\$ 2,9 milhões para o primeiro ano, voltado para a Tecnologia da Informação das secretarias



Economista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paulo Cavalcanti, avaliou que, em uma leitura positiva do resultado, é possível perceber uma boa situação fiscal no Estado

“**Hoje o Estado vive uma situação inversa. Se no passado ia atrás de financiamento, hoje houve concorrência entre os bancos para ofertar crédito. Isso é inédito. Hoje o Estado coloca no edital e os bancos concorrem entre eles para ofertar**”

Letácio Tenório

ELEIÇÕES 2022

Eleitor jovem é disputado pela direita e a esquerda

Bolsonaristas criam campanha em reação a artistas como Anitta e Pablo Vittar

Rayanderson Guerra
Agência Estado

Os jovens brasileiros de 16 a 17 anos, que têm direito ao voto facultativo, tornaram-se alvo de uma nova disputa entre direita e esquerda nas redes sociais. Com a aproximação do fim do prazo para a emissão de novos títulos eleitorais, influenciadores e políticos bolsonaristas criaram a campanha “Sou Jovem, Sou Bolsonaro”.

Foi uma reação a ações pelo alistamento eleitoral e o voto contra o presidente de personalidades e artistas identificados com a esquerda, como Anitta, Pablo Vittar e Felipe Neto.

Os dois lados disputam os cerca de 10 milhões de brasileiros de 16 e 17 anos. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 2022 é

um dos anos de menor emissão de títulos da história. A Corte tem feito campanha para conquista do voto adolescente.

Entre 1º de março e 6 de abril, foram identificadas 287,7 mil postagens no Twitter com hashtags convocando a participação de jovens nas próximas eleições.

A informação foi apurada pela Diretoria de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV DAPP). A campanha encabeçada pelos influenciadores alinhados ao governo e por aliados do presidente Jair Bolsonaro produziu o momento de maior agitação em torno do assunto. Foi em 26 de março, quando o debate contabilizou 167 mil tuítes, com menções pelas hashtags #jovensbolsonaro e #soujovensbolsonaro.

A ação contou com deputados federais, como Bia Kicis (PL-DF) e Carla Zambelli (PL-SP), a deputada estadual Ana Caroline Campagnolo (PL-SC) e o vereador por Belo Horizonte Nikolas Ferreira (PL-MG), um dos mais influentes nas redes sociais.

Em um dos vídeos compartilhados pelo mineiro, influenciadores convocam os jovens para que eles tirem o título de eleitor e criticam a campanha promovida pelo TSE e pela esquerda.

“Nós temos visto pessoas públicas usarem da sua influência para corromper a nossa fé”, diz um dos trechos da publicação de que Nikolas participa. “Figuras que desprezam a imagem de um Criador, repudiam a Bíblia e atacam a família. Esses artistas estão usando a sua inocência e inexperiência de

jovem adolescente para articular seus planos maléficos esquerdistas. Nós já nos posicionamos na linha de frente para essa guerra. O exército já está posto e não vamos recuar. Nós te convocamos para fazer parte disso.”

Postagens

Entre 1º de março e 6 de abril, foram identificadas 287,7 mil postagens no Twitter com hashtags convocando a participação de jovens nas próximas eleições

Foto: Marcelo Casal Jr/Agência Brasil



Os jovens terão até o dia 4 de maio para fazer o alistamento na Justiça Eleitoral e participar das eleições 2022

Os dois lados - direita e esquerda - disputam os cerca de 10 milhões de brasileiros de 16 e 17 anos que vão votar nas eleições deste ano

Alistamento aumentou 45,63% em março

A reação dos bolsonaristas cresceu nas redes. O número de jovens que buscaram os Tribunais Regionais Eleitorais para a emissão do documento subiu. O alistamento na Justiça Eleitoral no mês de março registrou um salto de 45,63%, quando comparado a fevereiro, entre adolescentes de 15 a 17 anos. Os números foram divulgados pelo presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Edson Fachin.

Entre os jovens com 15 a 17 anos, o número de novos títulos passou de 199.667 em fevereiro para 290.783 em março, crescimento superior a 45%. O alistamento eleitoral termina no dia 4 de maio.

Em 2012 houve mais de 4 milhões de pedidos de emissão do título entre os 15 e 18 anos. Já em 2022, havia 854 mil até 21 de março. O número era inferior ao registrado em 2020, ano da última eleição, com 1,36 milhão de solicitações.

Vanessa Lima é publicitária, ativista política e a responsável por reunir vídeos de jovens de todo o país que declararam apoio a Bolsonaro e divulgá-los nas redes. “A campanha foi uma ação vo-

luntária. Fui procurada para liderar o movimento e viabilizar a divulgação dos vídeos. Foi uma campanha que partiu deles, não de adultos, em reação às ações do TSE e dos artistas. Os vídeos foram chegando pelas redes sociais, Telegram, pelas hashtags... Não importa a preferência do jovem. O que importa é que eles estão prestando atenção. Querem debater e opinar”, afirmou.

Apoiadora do movimento, a influenciadora Jessica Seferrin, presidente do movimento Jovens de Direita acumulou cerca de 80 mil seguidores nas redes sociais. “Nas últimas décadas a esquerda doutrinou nossos jovens”, disse. “A campanha foi uma resposta a esses artistas.”

Após manifestações de Anitta, Bruna Marquezine e Zeca Pagodinho defendendo o alistamento precoce, pais e mães também passaram a compartilhar vídeos dos seus filhos. Nesses, os jovens declaram apoio ao presidente com os novos títulos em mãos.

A cantora, que recentemente chegou à primeira posição no Spotify Global com a música Envolver, é uma crítica contundente do gover-

no Bolsonaro. “Então agora é isso, hein... me pediu foto quando me encontrou em algum lugar? Se for maior de 16 eu só tiro a foto se tiver foto do título de eleitor”, afirmou Anitta no Twitter no dia 23 de março.

Carla Zambelli foi uma das críticas ao movimento liderado pelos artistas. “Esses artistas não falam de outra coisa a não ser atacar a escolha da maioria do povo, é um presidente eleito, e divulgar a imagem de um criminoso descondenado”, afirmou, em referência ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que lidera as pesquisas de intenção de voto.

Lula fala aos jovens

O ex-presidente da República e pré-candidato ao Palácio do Planalto Luiz Inácio Lula da Silva (PT) visitou grupos da juventude de Heliópolis, maior favela de São Paulo, na última quinta-feira, 21, para pedir que jovens entre 16 e 18 participem do processo eleitoral e tirem o título de eleitor. “Se você quer mudar a sua cidade, você tem que participar, tirar o título de eleitor e participar da democracia do País”, disse o petista.

Lula discursou em evento do PT promovido pela União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (Unas).

Durante todo o evento, endossado por integrantes da Unas, o pré-candidato petista falou sobre sua juventude humilde e destacou a importância da participação dos eleitores mais novos em 2022. “Quem a gente conhecer que tem mais de 16 anos de idade e que não tem o título, a gente tem que falar ‘não entre na do Bolsonaro.’”

Entre os jovens com 15 a 17 anos, o número de novos títulos passou de 199.667 em fevereiro para 290.783 em março, crescimento superior a 45%

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Quem tem medo de poesia?

A cidade é João Pessoa, na Paraíba, e o espaço se chama Sarau Poesia Solta, movimento de poetas independentes, liderado por Igor Gregório e Quelyno Souza. Jovens e elementos mais antigos, uns bebericando vodca com laranjada, outros entretidos em rodas de coscuvilheiros, alguns, como você que me lê, procurando saber no Google o que significa coscuvilheiro e eu adiantando: é a pessoa que promove o mexerico, falador da vida dos outros. Uns poucos escutando o que o poeta tem a dizer, ele que compartilha do mesmo espaço de fala com o cordelista, a mocinha estudante de letras, o velho sonetista saudosos e a madame curtidora de Castro Alves, Gonçalves Dias e Casemiro de Abreu, ao lado de seu “love” mais ou menos culto, admirador de Pablo Neruda, Vinicius de Moraes, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade. Poetas e prosadores, realistas e sonhadores, alguns bêbados de criatividade, outros espalhando mensagens desconexas, lendo no celular o poemeto que acabou de criar, melhor dizendo, que abortou naquele instante, a partir do embriagamento.

Nesses tempos difíceis de insociabilidade, as rodas de poesia se formam mais em torno de lutas do cotidiano, leituras poéticas de resistência e ebridade, dentro da palavra de ordem: “eles são muitos, mas têm medo de poesia”. Na cidade Eulápolis, Bahia, outro grupo formou seu sarau poético com o nome de “Quem tem medo de poesia?”. A tertúlia se dá no Ponto de Cultura Viola de Bolso, comandando pelo poeta Sumário Santana, tio da poeta Clareanna Santana, jovem mestre em Sociologia e poeta que se queixa de ser feminista, antifascista e antinilista, a partir da constatação de que os nilistas vivem de forma inautêntica, porque renunciam a si próprio em nome do céu, do Estado, da família, da sociedade. Essa poeta novata conversou comigo no programa “Alô comunidade!”, na Rádio Tabajara da Paraíba AM, que vai ao ar todo sábado às 11 horas. Ela mora em João Pessoa há dezesseis anos, e foi aqui que começou a gestar sua poesia que circula entre o dramático e o erótico. Apareceu no Poesia Solta e lá permanece, fazendo “tempestade em corpo e alma”. Clareanna Santana acaba de lançar “Artérias”, seu primeiro livro impresso, sessenta e nove poemas curtos, com temas apanhados no redemoinho de vento das angústias pessoais e estupeficações coletivas, feito o assombro das pessoas diante do trânsito intransitivo desse tal de novo normal. Ela apresenta sua primeira publicação solo, depois de plantar seus versos em fanzines, e-zines, revistas literárias, coletâneas e antologias poéticas.

Outro iniciante na missão de fazer brotar uma obra poética me chega de Pilar, Agreste da Paraíba. Chama-se “Prelúdio” o primeiro livro de Evanio Teixeira. Eu escrevi o prefácio, onde faço o besta enunciado: A cabeça poética de Evanio Teixeira fabrica versos amargurados e belos, nascidos sem médico nem parteira, cabendo com folga nos versos livres ou aprisionados pelo metro do cordel. Falando em prisão, a moda é dizer que estamos resgatando o cordel. Assim sendo, quem sequestrou o cordel pra ele ser resgatado? Pergunta do poeta Marco Haurélio.

Nessa pegada, eu próprio ando rabiscando um livreto cordelresco onde faço a narrativa da criação da Rádio Comunitária Araçá, da cidade de Mari, na Paraíba. Foram dias de luta, instantes de glória, momentos de tensão e medo, acusei golpes quase fatais, “vento pra todo lado, canoa sem rumo”, povo sem palavra. Na rádio popular baixou a censura, a repressão dos donos da voz. Foi preso e processado, tive que vender meu Chevette velho pra cobrir gastos, prejuízos pela interrupção do sinal da emissora diante da violência policial do sistema. Nossos equipamentos foram sequestrados pela polícia. Depois, cada mano e cada mana das quebradas se juntaram, o padre comandando a resistência, a rádio voltou a ser o orgulho da cidadezinha. Daqueles tempos, guardo os nomes de todas e todos enfileirados em nossas brigas comuns pela democratização da comunicação no Brasil, entre eles o parça Chico Lobo, que morreu no começo deste abril em São Paulo. Para o radialista comunitário paulistano Jerry Oliveira, Chico Lobo está no topo da lista dos primeiros formuladores de um programa político para a democratização da comunicação no Brasil. Botaram no ar mais de 20 mil transmissores de rádios livres e comunitárias país afora, ainda segundo Jerry, citando muitos nomes em todas as unidades da Federação. Na Paraíba, Jerry menciona Dalmo Oliveira, Sônia Lima e Fábio Mozart como seguidores da filosofia comunicacional democrática de Chico Lobo. “Foram estes companheiros e companheiras que saíram pelo Brasil afora, montando rádios e dando voz às comunidades, bravos combatentes que peitaram a estrutura mais conservadora da sociedade brasileira que é a ABERT e o monopólio das comunicações no Brasil, seguindo o exemplo de Chico Lobo e outros heróis”, afirmou Jerry Oliveira. O povo subalterno fazendo poesia de resistência, contando sua versão dos fatos. De vez em quando, a voz dos oprimidos invade e interfere na “Voz do Brasil”.

Colunista colaborador

PÓS-GRADUAÇÃO

Fapesq potencializa inovação na PB

Professores concordam que tornar uma invenção conhecida no meio empresarial é uma das tarefas mais complicadas

Márcia Dementshuk
Assessoria SECT

Uma ação inédita promovida pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba junto aos núcleos de inovação das universidades públicas na Paraíba está potencializando a inovação no Estado. A Fapesq designou bolsas de pós-doutorado pelo Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG, por meio da Capes e do Governo da Paraíba), para atuação de especialistas junto a estes núcleos. A iniciativa fortalece as ações estratégicas que fomentam a inovação dentro da instituição de ensino e pesquisa e a interlocução junto ao mercado.

Os professores que estão à frente dos núcleos de inovação das universidades públicas na Paraíba concordam que tornar alguma invenção conhecida no meio empresarial - pelo qual essa solução pode ser fabricada em larga escala e comercializada - é uma das tarefas mais complicadas de se concretizar.

Por outro lado, o empresário que precisa de uma solução específica também tem dificuldade para identificar pesquisadores nas universidades capazes de criar uma solução, apesar da competência comprovada dos acadêmicos. Esses são alguns desafios enfrentados pelos Núcleos de Inovação Tecnológicas (NIT), estruturas responsáveis pela gestão da política institucional de inovação, pelas quais são impul-



À esquerda, assinatura de contratos de incubação de startups pela Inova; à direita, evento realizado na UFPB para tirar dúvidas do Edital Centelha



Fotos: Fapesq/PB

sionadas ações focadas em promover inovações, o empreendedorismo, resguardar a propriedade intelectual, ser um auxílio para o pesquisador na hora de “emplacar” seu invento no mercado, entre outras funções.

“Normalmente as empresas preferem estabelecer parcerias com a universidade no início, quando a solução está na fase primária de desenvolvimento”, explica a professora Simone Lopes, coordenadora da Agência de Inovação Tecnológica da UEPB, a Inovatec. “O Núcleo de Inovação Tecnológico da UEPB tem muito potencial, muitas competências, mas a limitação maior é o recurso humano. Quando dispomos de um bolsista com conhecimento superior e experiência, capacitado para se dedicar às ações estratégicas do núcleo, as perspectivas de expansão do trabalho são con-

cretas”, complementa Simone Lopes.

É esta lacuna que os esforços da Fapesq preenchem. Esses núcleos nas universidades na Paraíba contam, desde o ano passado, com um especialista em nível de pós-doutorado dedicado exclusivamente a desenvolver as ações. “Nós já estamos vislumbrando conquistas”, afirma o presidente da FapesqPB, Roberto Germano. “Esses especialistas estão à serviço de um conjunto de propostas, visando um objetivo maior; diferente de estar à disposição de um único programa de pós-graduação. O empenho reflete no avanço das ações de inovação como um todo”, complementa Germano.

Na Universidade Federal da Paraíba, o pós-doutorando Samuel Sibusqui atua na Diretoria de Transferência e Licenciamento de Tecnologia

do Inova, a Agência UFPB de Inovação Tecnológica:

“Depois da entrada do Samuel, foi feito o licenciamento de duas tecnologias: uma no final de 2021 e outra, finalizada no início deste ano. E temos quatro tecnologias em andamento, a serem licenciadas”, informa a professora Dra. Kelly Gomes, Diretora-Presidente da INOVA-UFPB. Um licenciamento para a fabricação e comercialização de um projeto que tenha obtido a concessão da patente é uma negociação minuciosa, trabalhosa e requer tempo. Inclusive, a concessão da patente é uma conquista demorada: depois que é feita a requisição de depósito de pedido de Propriedade Intelectual no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), o projeto passa por uma exaustiva avaliação até obter a concessão da patente.



Primeiros pesquisadores da UFCG a terem uma patente concedida

UFCG lidera ranking nacional entre patentes

Entre as Patentes de Invenção, considerando os depositantes que são residentes, o ranking nacional do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI, atualizado em 2021) é liderado pela Universidade Federal de Campina Grande, com 96 solicitações, seguida pela Petrobras (79) e pela Universidade Federal da Paraíba (74). E a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) aparece pela primeira vez no ranking, ficando entre os 50 maiores depositantes residentes de Patente de Invenção.

“A política de inovação é recente na UEPB. Mas identificamos um potencial diversificado, conforme as características de pesquisa dos campi pelo estado”, ressalta Simone Lopes, coordenadora da Inovatec. “Com a pós-doutoranda Flávia Suzane Ferreira dos

Santos trabalhando conosco estamos nos preparando para entrar em uma plataforma de vitrine digital em fitoterápicos. Identificamos que as áreas de Odontologia, Engenharia de Alimentos e Energias Renováveis tem um potencial muito grande. O Nutes (Núcleo de Tecnologias em Saúde) tem características de prestação de serviços, mas não de proteção intelectual, o que iremos desenvolver”, focaliza a coordenadora.

No Núcleo de Inovação e Transferência de Tecnologia da UFCG (NITT), as preocupações do pós-doutorando Hugo Lisboa estão além da primeira posição no ranking do INPI. “O número de registro é elevado, mas o número de concessões é baixo. Com o esforço que estamos empregando, conseguimos ter uma patente con-

cedida e estamos trabalhando para licenciar outras patentes. Trata-se de um produto oriundo das pesquisas sobre a Covid-19 e não podemos revelar, por questões de sigilo”, afirma Hugo, que traz experiências vividas entre Portugal e o Brasil, há cerca de 15 anos, nessa área.

“Nosso objetivo é que os grupos de pesquisa que vêm trabalhando dentro da UFCG consigam tornar suas atividades sustentáveis a partir dos projetos que vêm desenvolvendo”, explica. “Se a patente, após ser concedida, é negociada, gera royalties para a universidade, o que é revertido para o laboratório, na compra de equipamentos, reagentes, bolsas e, por sua vez, gera mais atividade de pesquisa, mais inovação”.

Segundo o professor Dr. Rennan Pereira de Gusmão,

Coordenador do NITT, a chegada do bolsista trouxe um fôlego extra para as atividades do núcleo: “Nossa Vitrine Tecnológica está ganhando uma nova abordagem. Estamos transformando o que temos em carteira de patentes depositadas junto ao INPI, com potencial de mercado, em uma informação mais compreensível e atraente para potenciais interessados consultarem”.

Entre atividades de capacitação, de levantamento de projetos, professor Rennan coordena a adição de tecnologias da UFCG em marketplaces (vitrines digitais) de catalisação de inovação. Patentes registradas da UFCG envolvendo energias renováveis fazem parte agora da base de dados da plataforma internacional da Wipo Green (Organização Mundial de Propriedade Intelectual).



Doutora Kelly Gomes é diretora-presidente da INOVA-UFPB

Programa de bolsas visa desenvolvimento

■ O Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) é realizado nacionalmente pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com o objetivo de “promover a capilarização das ações de formação de recursos humanos altamente qualificados, para desenvolver e fortalecer a pós-graduação e a pesquisa nos Estados”. Na Paraíba, contemplou dois eixos considerados estratégicos para o desenvolvimento regional: segurança hídrica e conservação ambiental e o eixo da diversificação produtiva para promoção do desenvolvimento social e urbano. Os programas de pós-graduação contemplados são programas em consolidação e emergentes.

■ Na Paraíba, o PDPG financia as pesquisas de 84 mestrados, 20 doutorandos nas universidades públicas; e ainda, quatro pós-doutorandos nos Núcleos de Tecnologia e Inovação.

■ No total, está sendo investido R\$ 2.208.906,00 neste programa, sendo R\$ 1.699.200,00 pela Capes e a contrapartida de R\$ 509.706,00 pelo Governo da Paraíba, por meio da FapesqPB.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs.kenoby.com/tess.”



Nesta edição, vou colocar, prioritariamente, a comemoração dos meus 66 anos, evento que aconteceu na última quarta-feira (20), no restaurante Red Beach, na orla do bairro do Cabo Branco, em João Pessoa. Na foto, feita por Osmar Santos, estou entre amigas queridas.



Na minha festa, homenageei as queridas Edna Martins, Daniella Pereira, Adriana Mattioli, Betinha Gomes, DaPaz Gonçalves, Nobilene Braga, Marluce Almeida, Alice Fernandes, Sônia Helena Carvalho. Elas receberam o Troféu Maria da Penha, honraria que entrego, desde 2013, a mulheres que fazem a diferença.



Um detalhe especial e que chamou a atenção, pela beleza e gostosura, foi o bolo elaborado pela especialista Maria Helena Moura. O belo arranjo de André Luiz enalteceu ainda mais o belo trabalho da doceira mais famosa da cidade. Claro que registrei o momento cercada pelo carinho de algumas amigas.



Sorteios da Ric Presentes (representado pela empresária Iolanda Reginaldo), Aruanã Pousada, no Conde; do Marante Hotel, em Recife, e da Calzature fizeram a festa ficar ainda mais encantadora.

A empresária e artista Nely Braga, entre amigas e esta colunista, participou de minha festa, apresentando covers de Waldick Soriano, Perla e Cláudia Barroso.



Minha querida família, representada por meu marido, Walter de Vasconcelos, meu filho Walter Rosas Dias e minha nora, Clarissa Rosas, abrilhantaram, ainda mais, a festa dos meus 66 anos.



A jornalista Ceres Leão foi a mestre de cerimônia de todo o evento. Como não poderia ser diferente, ela arrasou com seu look e performance diferenciados. Além de Ceres, abrilhantaram e colaboraram com a minha festa o fotógrafo Osmar Santos, o DJ Rodrigo, o coiffeur Kintella, a empresária Érica Abrantes, a jornalista Thereza Madalena e a advogada Ana Rosa, e a pastora e mediadora de Justiça, Betinha Gomes.



Confira alguns dos melhores momentos do evento de meu aniversário que, graças a Deus, foi recheado de muito carinho, harmonia e felicidade.



A querida Cris Furtado, ao meu lado e entre o banner elaborado por Osmar Santos, prestigiou a minha festa.

IMOBILIÁRIA PARAIBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423
98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic

Fixado em 16 de março de 2022

11,75%

Salário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

4,00%

R\$ 4,805

Euro € Comercial

3,43%

R\$ 5,187

Libra £ Esterlina

2,50%

R\$ 6,168

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Março 1,62

Fevereiro/2022 1,01

Janeiro/2022 0,54

Dezembro/2021 0,73

Novembro/2021 0,95

Ibovespa



À MODA ANTIGA

Negócios criam programas para fidelizar o consumidor

Estratégias para vender mais incluem criação de cupons, clubes e cashback

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

Que as redes sociais modificaram as formas de consumo, é inegável. Contudo, no dia a dia, técnicas mais tradicionais de fidelização dos clientes ainda são utilizadas – e de forma bem-sucedida – por parte dos empreendedores e empresários, principalmente daqueles ligados ao comércio varejista. Restaurantes, supermercados e até mesmo os próprios aplicativos de bens e serviços oferecem recompensas e bonificações “à moda antiga” na tentativa de garantir o retorno dos consumidores.

De acordo com Georgina Luna, de 41 anos, jornalista e consultora especialista em Marketing de Varejo e Digital, a fidelização do cliente é a última etapa do processo de compra de um consumidor. “É onde o trabalho, caso tenha sido bem feito, vai evitar custos para a empresa, [pois] é sabido no mercado que atrair novos clientes gera muitos custos de tempo e investimento”, pontuou.

Nesse processo, é importante considerar o chamado *marketing on-line*, mas também o *off-line*, pois eles são complementares. “As marcas devem se adaptar à tecnologia, mas não devem esquecer que estratégias *on-line* e *off-line* devem se completar. Hoje os consumidores são chamados de *omnichannel*, ou seja, pesquisam em sites e *e-commerce*, mas compram na loja fi-



Fotos: Arquivo pessoal

Clientes ‘caçam’ lojas que oferecem vantagens nas compras e se tornam fiéis aos estabelecimentos

sica – ou vice-versa”, explicou Georgina.

Além disso, a aposta no *off-line* oferece uma humanização mais próxima do cliente. Segundo uma pesquisa do Instituto Qualibest de 2020, realizada com um grupo de mais de mil consumidores, 31% dos entrevistados destacaram que não gostam de atendimento por telefone com robô e outros 41% afirmaram “odiar” esse tipo de atendimento. Por isso, a especialista lembra que essas estratégias que se complementam são essenciais, porque existem vários perfis de consumidores

e eles tão em lugares diversos também.

A comunicação integrada deve contemplar, por exemplo, televisão, outdoors, redes sociais e o rádio para a promoção de um estabelecimento ou produto. “[Nesse caso], uma pessoa vê a divulgação de um produto no cartaz, complementa as informações no site ou instagram da empresa e pode ter essa informação reforçada numa publicidade na rádio e na TV. [Também] pode existir um indivíduo que não usa muito o celular e não gosta de computador”, enfatiza Luna.

Consumidores ficam “de olho” em vantagens

As estratégias para fidelizar o consumidor, para além de uma boa propaganda, podem ser diversas, como os cartões de fidelidade, cupons de descontos, clube de pontos, *cashback*, entre outros. Thiago Félix, de 26 anos, é um desses consumidores que percebe vantagem nessas possibilidades de recompensas, principalmente nas pequenas reduções de gastos.

No caso dos restaurantes e hamburguerias, por exemplo, o jovem afirma que esses já são lugares que ele frequenta aos fins de semana. Logo, a possibilidade de descontos é algo que o atrai bastante. “Final, já faz parte da minha rotina, são coisas que eu vou fazer mesmo que não tenha desconto, então, quando tem, eu priorizo locais que me oferecem vantagem”, ressaltou Thiago.

Wagner Grangeiro também está no rol de consumidores que priorizam as recompensas, pois, para ele, com a alta dos produtos, “qualquer desconto é sempre bem-vindo”. Além disso, o servidor público enfatiza que boa parte desses descontos é revertida em *cashback* – quando parte do valor é devolvida ao consumidor – ou em fidelidade com pontos, quando o acúmulo possibilita a troca em cupons ou outros produtos.

Assim como Thiago, Wagner ressal-

ta que busca esses benefícios de maneira recorrente. “Você acaba optando por comprar nos locais que oferecem alguma recompensa e isso faz com que você sempre busque esses estabelecimentos”, observou Grangeiro.

Dentre os principais serviços de fidelidade que Wagner utiliza estão os aplicativos de lojas, restaurantes, supermercados e até mesmo postos de gasolina. “Uso sempre o app Ame, Casas Bahia, Magazine Luiza, que oferecem *cashback* na compra de algum produto. Tem também outros como iFood, que oferece cupons de descontos, ou aplicativos de redes de supermercados onde você pode ter descontos ao fazer a feira do mês”, listou.

Quem também procura por estabelecimentos que ofereçam alguma troca ou recompensa é Daniel Medeiros, servidor público e *youtuber*, de 36 anos. “Normalmente quando vou fazer compras procuro lugares que dão pontos, porque posso transferir depois para milhas aéreas, posso trocar por outros produtos, por dinheiro, entre outras coisas”, disse.

Lojas oferecem vantagens

Hamburguerias e restaurantes com cartão fidelidade; redes de supermercados com aplicativos de pontos e ofertas

■ Dicas de estratégias para fidelização de clientes

- Monitore todo o comportamento de compra do seu consumidor, ou seja, idade, frequência de compra, motivo da compra.
- Disponibilize canais de comunicação abertos e diversifique as opções: telefone, WhatsApp, chat, SMS, formulários no site, e-mail etc.
- Assegure que seu estabelecimento cumpra os Direitos do Consumidor. Isso dará, aos seus clientes, mais confiança e credibilidade.
- Programas de fidelidade funcionam muito bem. O cliente se sentirá mais instigado a se engajar e comprar com a sua marca, a fim de ter mais chances de obter recompensas.
- E nunca esqueça da humanização no atendimento. O ser humano gosta de se relacionar com outro ser humano e isso não irá mudar, pelo menos por agora.

Fonte: Georgina Luna

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

Inflação não dá trégua

Olá, amigos leitores. Ano passado falamos sobre o aumento dos preços e a dura batalha enfrentada pelo Banco Central para manter o “dragão inflacionário” sob controle, ou seja, próximo da meta. Encerramos 2021 acima da meta (5,25%), com inflação na casa dos 10%. Historicamente, a inflação ficou fora da meta nos anos de 2001, 2002, 2003, 2015, 2017 e 2021. Diversos fatores contribuíram para os níveis do ano passado, entre eles estão: alta dos preços das commodities; crise de escassez hídrica; e os inúmeros desequilíbrios na cadeia produtiva global em decorrência da pandemia. Atualmente, outros fatores como a guerra na Ucrânia também corroboram, pressionando ainda mais a elevação dos preços.

O principal instrumento usado pelo Banco Central para combater a inflação, a Selic, saiu de 2% em meados de março do ano passado para os atuais 11,75%. Diante do atual cenário, o mercado projeta juros acima de 12% até o final de 2022. No primeiro trimestre do ano, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que calcula a inflação brasileira, não deu trégua, vindo acima do esperado, atingiu 3,20%, quando a meta anual prevista é de 3,5%. Somente em março, a inflação registrou alta de 1,62%. Em doze meses o índice alcançou 11,30% no acumulado, máxima histórica em 19 anos.

Olhando a composição do IPCA, o que mais vem pesando no bolso dos brasileiros são os alimentos consumidos dentro de casa e os combustíveis. A recente alta da gasolina acaba impactando o custo dos transportes, causando o “efeito dominó” na economia. Nos Estados Unidos, a inflação também segue forte tocando os 8% em doze meses, o maior nível desde a década de 80. Como citei, a guerra entre Rússia e Ucrânia pressiona ainda mais os preços das commodities (petróleo, trigo e alumínio). Em geral, a inflação continua subindo no mundo todo, corroendo o poder de compra dos consumidores.

Com os juros subindo não apenas no Brasil, espera-se menor pressão sobre os preços. É importante frisar que a política monetária tem grande defasagem, contudo, auxilia os tomadores de decisão, públicos ou privados, para decidir o quanto produzir e o quanto investir. Uma premissa básica do bem-estar econômico é a estabilidade dos preços, sendo assim, o Banco Central responsável pela condução da política monetária, através do controle da oferta de moeda na economia, assume a linha de frente no atual duelo inflacionário. Vale reforçar, que essa batalha não é apenas

nossa, bancos centrais das principais economias do mundo têm mostrado muita cautela frente à persistência da inflação.

Por fim, a inflação segue acima do teto. Diante desse cenário, consideramos sinais claros de mais aperto monetário, ou seja, mais política contracionista, no ritmo de ajuste da Selic para conter o “dragão” até 2023 e/ou 2024. Toda essa conjuntura traz uma série de incertezas sobre esse entrave, mas esse ainda não é o fim da luta. Estamos atentos e de olho nos fatos. Até a próxima!

Amadeu Fonseca



Georgina Luna, consultora

Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



Foto: Evandro Pereira



Ações ligadas ao meio ambiente, ao desenvolvimento social e à redução dos impactos da produção de bens e serviços são itens que compõem a agenda, a partir das transformações nas formas de consumo

PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS

Empresas da PB adotam agenda ESG

Pauta reúne conjunto de critérios relacionados a questões sociais, ambientais e de governança corporativa

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

Se grande parte das atividades produtivas causam impactos negativos em alguma instância do processo de desenvolvimento, o que as empresas podem fazer para minimizar essas consequências? Essa é a pergunta-chave quando se trata da agenda ESG. A sigla é a representação do termo em inglês Environmental, Social and Governance - Meio Ambiente, Social e Governança, em português -, e busca por em prática ações que reduzam tais impactos.

O termo foi criado em 2004, por meio de um pacto global envolvendo a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Banco

Mundial. Na ocasião, as entidades decidiram instigar instituições financeiras a refletirem sobre “a forma como apoiavam as grandes organizações levando em consideração as questões socioambientais e de governança”, explicou Grace Barbosa, de 35 anos, especialista em Perícia e Auditoria Ambiental e Mestre em Gestão Ambiental.

Segundo a especialista, o tema se torna cada vez mais atual, visto que as empresas sentem a necessidade de implementar mudanças a partir das transformações também nas formas de consumo, e a agenda ESG é a resposta. “A geração dos *millennials* e a geração Z, por exemplo, são gerações que estão muito mais preocupadas com

o que eles vão consumir, onde vão trabalhar, o que eles vão vestir e vão comer, se, de fato, essas empresas que estão por trás desses produtos têm essa preocupação”, destacou Grace.

Há quem confunda ou ache que a agenda ESG surgiu a fim de substituir o termo sustentabilidade ou se apresente como uma inovação da área, mas é mais do que isso. “Essa agenda está muito mais relacionada à forma como os investidores enxergam as práticas sustentáveis da empresa”, disse Grace Barbosa.

Para Juliana Bernardo, advogada e consultora da Quor - Educação Executiva em ESG, qualquer iniciativa nesse sentido deve estar atrelada de mane-

ira prioritária à cultura da empresa. “Não adianta criar diversas políticas internas com regras e burocracias ou divulgar informações apenas com o intuito de promover um *marketing* de maneira superficial. A regra de ouro da agenda ESG é que ela seja de verdade, transparente e vivenciada genuinamente na rotina da corporação”, afirmou.

Quando vivida de forma genuína, as práticas de ESG produzem transformações na cultura da empresa e a põe como agente transformador da sociedade em que está inserida com relação a aspectos ambientais (redução de emissão de carbono, melhor utilização de recursos naturais, regeneração do meio ambien-

te) e sociais (foco na diversidade de pessoas, respeito aos direitos humanos, cuidado com a saúde mental dos empregados e maior valorização do consumidor).

De acordo com a consultora, a agenda ESG ainda se mostra lucrativa para as empresas que a aplicam, indo além do compromisso social e ambiental. “Atrai investidores qualificados, posiciona a marca da empresa de forma positiva perante os consumidores (o que reflete diretamente no consumo), além de evitar alguns riscos e prejuízos que ocorrem muitas vezes por falta de controle e acompanhamento (a governança corporativa) em toda a cadeia produtiva do negócio”, pontuou Juliana Bernardo.

Ações são implementadas no dia a dia e geram impactos positivos

A Real Marcenaria é um exemplo de empresa paraibana que aplica a agenda ESG. A preocupação em minimizar os impactos de seus trabalhos sempre foi uma pauta prioritária desde que surgiu, segundo seus administradores. “Nós temos uma origem empresarial muito simples e, desde o início, fomos muito bem conduzidos e orientados por agentes como o Sebrae e nossa associação de classe, a Amap-PB (Associação dos Fabricantes de Móveis e Artefatos de Madeira da Paraíba). Nossa preocupação é promover transformação e satisfação não apenas

com os nossos produtos e serviços, mas também com as nossas práticas”, afirmou João Paulo Silva, diretor administrativo da Real.

Segundo ele, a implementação da agenda ESG mesmo antes do termo ser reconhecido como tal, sempre foi uma questão de consciência. “É muito prazeroso perceber o quanto uma empresa pode impactar na transformação cultural, ambiental, econômica de uma comunidade, região ou mesmo da sociedade. Sem falar do apelo legal baseado na legislação em vigor, que para acesso a alguns mercados consumidores é exigido

de comprovação dessas práticas”, ressaltou o diretor.

No caso da Real Marcenaria, são três pontos principais executados pela empresa: autossuficiência energética, com o uso de energia solar fotovoltaica; descarte dos resíduos sólidos através de uma parceria que possui licenciamento para a queima, transformando o material descartado em energia para a produção dessa indústria; e responsabilidade social, também por meio de parcerias, mantendo um curso de formação de obras no Centro de Formação Educativo Comunitário (Cefec), no bairro

de Marcos Moura, em Santa Rita. Por conta disso, 60% dos colaboradores da empresa são oriundos desse curso, que também direciona mão de obra para outras empresas do setor na Região Metropolitana de João Pessoa.

João Paulo entende que a empresa possui responsabilidade também pelo meio onde atua. “Muitas vezes esperamos por soluções complexas através de políticas públicas e por outros agentes, mas de repente a solução ou uma grande contribuição pode estar ao nosso alcance em nossas empresas”, enfatiza.



João Paulo Silva administra a Real

Negócio sustentável é um modelo permanente

■ Empresas compreendem que gerar lucro, objetivo principal de uma organização, pode ocorrer de forma ambientalmente e socialmente equilibrada

Da pequena à grande empresa, é possível – e necessário – ter um olhar sensível para a comunidade em que se está inserido, para a sociedade de maneira geral, e para as pessoas envolvidas no seu trabalho (dos sócios aos consumidores). A rede de supermercados Assaí Atacadista é uma das empresas de porte maior que executam práticas da agenda ESG no estado.

De acordo com Claudemir do Carmo, diretor das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, o Assaí deseja ser um agente transformador que se utiliza do Ambiental, Social e Governança para alcançar isso. “Nosso comprometimento é contínuo, através de ações transversais que visam impulsionar impactos positivos dentro e fora de nossas operações”, disse.

Na rede atacadista, são cinco eixos centrais de atuação: valorização do profissional através do comprometimento com o time de colaboradores, focando ações em diversidade, inclusão, desenvolvimento, bem-estar, saúde e segurança, entre outras; combate às mudanças climáticas; transformação da cadeia de valor; engajamento com a sociedade através de contribuições efetivas de desenvolvimento social; e gestão integrada com transparência a partir das práticas e da relação ética com os chamados *stakeholders*

– que são as pessoas impactadas pelas ações que a empresa executa.

Os resultados já estão sendo colhidos pela empresa e são reflexos de algumas ações que estão incluídas na pauta ESG. “Em 2021, registramos 26% de mulheres em cargos de liderança (gerentes e acima). Além disso, o total de colaboradores(as) autodeclarados(as) negros(as) na liderança subiu de 41% para 45%, no mesmo período”, pontuou Claudemir. “Em relação ao combate às mudanças climáticas, temos o compromisso de reduzir em 38% as suas emissões de carbono até 2030”, exemplificou o diretor.

Referência

A construtora MRV aderiu ao ESG como meta permanente em 2015. Segundo Raphael Lafetá, diretor executivo de Relações Institucionais e Sustentabilidade, a companhia almeja causar um impacto positivo nos arredores de seus empreendimentos. “Nosso objetivo é ser uma referência para outras empresas que também buscam atuar priorizando as pessoas e o meio ambiente. Reforçando nosso compromisso e transparência, reportamos todos os anos a evolução das nossas ações para alcançar oito dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)”, afirmou.

Dentre algumas iniciativas da

empresa, o diretor de Sustentabilidade listou as obras de acessibilidade, mobilidade, segurança, educação, saúde e lazer com mais de R\$ 240 milhões. “Isso incluiu a abertura e pavimentação de ruas e vias, revitalização de espaços públicos, construção de estações de tratamento de água e esgoto, de escolas, quadras esportivas, postos de saúde, entre outras execuções feitas de forma espontânea ou por meio de parcerias público privadas”, contou Lafetá.

Outras ações ligadas à sustentabilidade são: o plantio de árvores, onde desde 2010 mais de 1,7 mi de árvores foram plantadas em todo o Brasil; e a inclusão de bicicletas compartilhadas dentro dos empreendimentos, a fim de enfatizar a diminuição de automóveis e, consequentemente, da poluição da atmosfera.

Para as empresas instaladas no estado, a alternativa aos impactos negativos gerados durante os processos de produção é a conciliação com boas práticas alinhadas à agenda ESG. Conforme lembrou a especialista em Gestão Ambiental, Grace Barbosa, a solução ao “gerar negócio e lucro, que é o objetivo principal de uma organização e empresa, é de uma forma ambientalmente e socialmente equilibrada”.



Juliana Bernardo reforça tema ESG

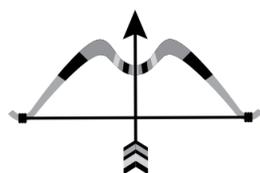


Grace Barbosa explica nova agenda

POTIGUARAS NA PB

Marcação tem segunda maior proporção de indígenas do país

Percentual chega a 77% da população total do município, segundo dados do IBGE



Renata Ferreira
renataferreira@epc.pb.gov.br

Mais de 500 anos após a chegada dos europeus, os povos originários do território paraibano se encontram reduzidos a uma população de aproximadamente 19,1 mil pessoas, segundo o levantamento mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o Censo 2010. O número equivale a apenas 0,5% dos habitantes do estado, mas está longe de representar uma minoria silenciosa.

Ao contrário, as comunidades indígenas da Paraíba se mostram organizadas e preparadas para cobrar seus direitos. Divididos em 35 aldeias de duas etnias (os potiguaras, no Litoral Norte, e os tabajaras, no Litoral Sul), eles se orgulham de suas origens, preservam costumes antigos e formam uma nova geração que ocupa universidades, o mercado de trabalho e as redes sociais.

Quando comparada ao restante do país, a população indígena paraibana se destaca. Em números absolutos, estamos apenas em 14º no ranking nacional. Porém, proporcionalmente à população, temos na Paraíba o segundo município do país com maior percentual de pessoas autodeclaradas indígenas.

Trata-se de Marcação, município do Litoral Norte, a cerca de 69 quilômetro de João Pessoa. Lá, 77,5% dos moradores se identificam como indígenas. O percentual é menor apenas do que o registrado na cidade de Uiramutã, em Roraima, onde o índice chega a 88,1%. O quarto lugar no ranking dos municípios com maiores populações indígenas também é do Litoral Norte da Paraíba. Baía da Traição, a quase 83 quilômetros da capital, possui uma população formada por 71% de indígenas, segundo o Censo do IBGE.

“Nada pro índio é fácil. Tudo é guerreando”, constata Ismael dos Santos Alfredo, o cacique Urêa, líder da aldeia Camurupim, no município de Marcação. “O Brasil teria que reconhecer mais o índio. O mundo tinha que reconhecer mais, dar mais valor para o índio, que nasceu aqui, criou-se aqui e aqui permanece, tudo com batilha, tudo com luta”.

Dia dos Povos Indígenas

Ele faz questão de destacar que o “Dia do Índio”, que



Fotos: Sebastian Fernandes

Divididos em 35 aldeias de duas etnias, os indígenas paraibanos preservam costumes e formam uma nova geração que ocupa universidades, o mercado de trabalho e as redes sociais

Rio Tinto

Quarto lugar no ranking nacional também é da Paraíba: Rio Tinto, com 71% da população autodeclarada indígena

se comemorou na última terça-feira, 19 de abril, é um termo defasado e que deve ser substituído. Cacique Urêa explica que um projeto de autoria da deputada federal Joenia Wapichana (Rede-RR) altera o nome da data comemorativa para “Dia dos Povos Indígenas”.

Embora o texto tenha sido aprovado em caráter conclusivo na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) da Câmara dos Deputados, ele ainda não foi encaminhado ao Senado Federal, portanto continua vigente o decreto de 1943 que oficializou o “Dia do Índio” no Brasil.

A crítica ao termo “índio” parte do fato de que ele foi utilizado pelos invasores das terras americanas para designar todos os povos originários que aqui viviam, desconsiderando a diversidade das inúmeras etnias. Longe de formarem um grupo homogêneo, os indígenas americanos se distinguem por diferentes idiomas, costumes, vestimentas, hábitos alimentares, práticas espirituais, entre outros. É em respeito à riqueza dessa cultura que os ativistas da causa orientam a substituição do termo.

Mudanças sociais e estruturais

Prima do cacique, Vanize Soares da Silva, de 22 anos, conta que a comunidade indígena incorporou muitas mudanças sociais ao longo dos anos no que diz respeito às relações de gênero. Ela nasceu e mora em Camurupim, mas trabalha em Sapé, como atendente de farmácia, e sonha em fazer um curso de Educação Física. “Antes, a mulher vivia para a casa e os filhos, só quem trabalhava era o homem. Hoje não, a

mulher na aldeia faz tudo”, garante.

Quem também aponta as mudanças ocorridas ao longo do tempo é Edson de Lima Silva, de 50 anos, ex-cacique de Camurupim. Ele comandou a aldeia por seis anos e conta que a chegada da energia elétrica e da água encanada melhorou a vida na comunidade. “Quando eu era criança, aqui era no candeeiro. Depois colocaram energia e as coisas foram mudando”.

Ele destaca a atividade pesqueira como principal fonte de renda da aldeia. “A maioria aqui vive do crustáceo, do marisco, do peixe, do caranguejo, do siri, da ostra”, afirma. Mas, segundo o ex-cacique, muitos também sobrevivem da agricultura e até mesmo da cana-de-açúcar. Segundo Edson, a monocultura da cana é desaconselhada em terras indígenas, mas, para sobreviver, algumas famílias recorrem a ela.



Cacique Urêa é líder da Aldeia Camurupim, em Marcação

Turismo é visto como grande aliado

O cacique Urêa explica que os povos tradicionais da Paraíba também se preocupam com o avanço das grandes empresas em territórios que possam afetar o meio ambiente e o equilíbrio natural. “O índio sem a mata não é nada. Ele precisa da terra para sobreviver”, afirma.

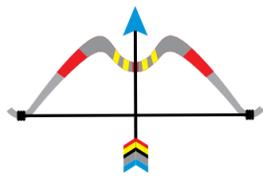
Entretanto, a atividade turística é apontada como um aliado para garantir a subsistência das comunidades de maneira sustentável. “O turismo é bastante positivo pra gente, contanto que não danifique nada e que seja só o indígena que explore a atividade em nosso território”, afirma.

Segundo ele, a visibilidade que a atividade traz promove a divulgação da cultura local para o mundo. “Estamos saindo para desbravar o mundo”, afirma. O orgulho também se apresenta quando o cacique conta que muitos “irmãos” estão saindo da aldeia para se formar em grandes universidades e retornando. “O maior prazer da gente é quando temos uma pessoa que sai pra se formar em uma grande faculdade e volta para tomar conta do nosso povo, como professora, como médico. É um dos maiores orgulhos”, declara.

União em busca de melhorias

No Litoral Norte do Estado, existem 32 aldeias potiguaras distribuídas pelos municípios de Marcação, Baía da Traição e Rio Tinto. Embora tenham tradições distintas, elas se identificam por demandas semelhantes e estão em constante comu-

nicação. Um dos canais dessa comunicação é a reunião dos caciques, juntamente com o cacique geral, que ocorre duas vezes por mês, explica o cacique Urêa. Na atividade, eles discutem os problemas e buscam soluções para as diversas comunidades.



Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

“Arrancaram nossas folhas, quebraram nossos galhos, cortaram nosso tronco, mas esqueceram de arrancar nossas raízes”. A fala é do cacique Ednaldo, líder dos povos tabajaras que vive na Aldeia Vitória, uma das três povoações indígenas situadas no município de Conde, Litoral Sul da Paraíba. As demais aldeias da região são a Barra de Gramame e a Nova Conquista Taquara. O desabafo do tabajara se refere à resistência dos povos originários brasileiros que viviam aos milhares no longínquo Brasil pré-colonial, mas com o passar dos séculos foram subjugados pelo dominador europeu e atualmente lutam para manter um pedaço de chão para garantir o sustento da atual e das próximas gerações.

Segundos após a declaração, o cacique dá uma pausa e faz questão de emitir mais um comentário, complementando o raciocínio anterior. “Isso quer dizer que somos uma grande árvore, e não adianta tentar nos destruir, porque nascemos das nossas raízes de novo, e de novo”.

As três aldeias tabajara reúnem cerca de 750 indígenas, segundo o último estudo da Fundação Nacional do Índio (Funai), mas o cacique contou que o número, extraoficial, já deve passar de mil pessoas. A equipe de reportagem visitou o lugar em pleno Dia do Índio, imaginando encontrar uma movimentação grande na Aldeia Vitória para comemorar a data.

Mas, ao invés do murmurinho festivo, o silêncio no povoado indígena era tão marcante que facilmente se podia identificar o ruído dos ventos e o som dos pássaros em meio às árvores frutíferas, como fruta-pão e manga. Além do cacique, que recebeu a equipe de reportagem numa oca - local reservado para reuniões, festividades e debates indígenas -, apenas um morador acompanhou a conversa. Os demais indígenas não apareceram. Era um protesto contido e pacífico. “Para nós, esse não é um dia de comemoração, mas de choro e dor pelo povo brasileiro que não reconhece o direito à terra dos povos originários”, ressaltou o cacique.

Uma das grandes lutas dos tabajaras é obter, oficialmente, a regularização das terras onde moram, no Conde. O pontapé para essa oficialização se deu em 2006 e, apesar dessa comunidade indígena já ser reconhecida pela Fundação Nacional do Índio (Funai) como povos originários da nação tabajara, o aval final de Brasília ainda não chegou.

A falta dessa regularização impacta no dia a dia de toda a comunidade. “Deixamos de ter uma escola diferenciada, que também ensine a tradição indígena aos jovens; de ter um posto de saúde na aldeia, de obter alguns benefícios sociais”, afirmou.

Segundo o cacique, os tabajaras reivindicam um terreno de quatro mil hectares que, segundo ele, é a apenas uma pequena parte da área total do território que eles teriam direito, que somam 35 mil hectares. Na longa faixa de terra, pode-se encontrar desde propriedades privadas e quilombos, até assentamentos de Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Para os indígenas, a regularização da terra assegura a existência da comunidade e favorece o acesso à ajuda do poder público. “Tudo que se vê aqui na aldeia foi construído com esforço dos próprios indígenas. Não há dinheiro do poder público”, frisou o cacique.

Ao falar sobre o futuro dos indígenas e da ação dos governantes em contribuir para o bem-estar dos povos originários, o cacique Ednaldo não se mostrou otimista. “O Brasil está passando por um momento tenso, porque só vale quem está com a caneta na mão. Vejo um futuro crítico para nós, porque o problema está na Justiça”, declarou, se referindo, sobretudo, ao marco temporal para demarcação de terras indígenas, cuja ação tramita no Supremo Tribunal Federal (STF).

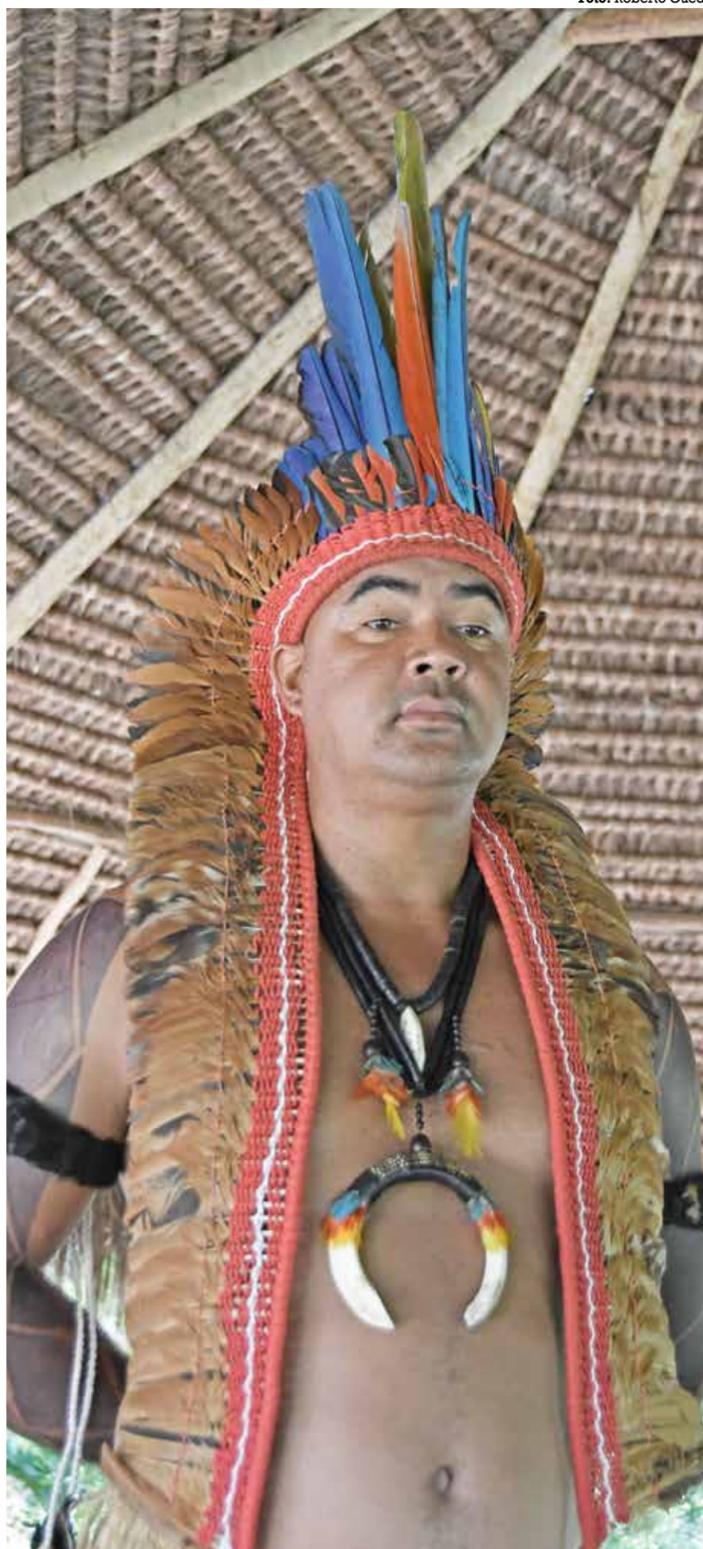
A tese do marco é de que os indígenas só podem reivindicar as terras comprovadamente ocupadas antes da promulgação da Constituição Federal de 1988. Após essa data, ficaria inviável qualquer solicitação de demarcação solicitada pelos povos originários. “E isso recai sobre nós, porque começamos a reivindicar em 2006”, contou o cacique.

A GRANDE ÁRVORE TABAJARA

Povos originários resistem no Litoral Norte da Paraíba

Cerca de 750 indígenas da tribo vivem em aldeias localizadas no Conde

Foto: Roberto Guedes



O cacique Ednaldo resalta força e importância histórica do povo Tabajara

Somente nas terras onde hoje ficam os estados da Paraíba e Pernambuco, havia cerca de 10 mil indígenas da tribo tabajara

História de luta para sobreviver

No período pré-colonial, os indígenas tabajaras ocupavam várias regiões do Brasil. Segundo Estêvão Palitot, antropólogo e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), esses povos estavam presentes, especialmente, entre o que hoje compreende as cidades de Olinda e João Pessoa. Também era comum encontrá-los na Serra da Ibiapaba, no Ceará, e na baixada oriental maranhense, entre os rios Munim e Itapecuru.

O antropólogo frisou que não é fácil estimar de quanto era essa população, mas somente em Pernambuco e Paraíba calcula-se que existiam cerca de 10 mil tabajaras e, aproximadamente, mais 10 mil na Serra de Ibiapaga. “Porém, a colonização, com suas guerras e doenças, impactou muito as populações indígenas”, frisou.

Durante o processo de dominação europeia, essa nação indígena teve diferentes reações. O grupo que vivia em áreas paraibanas e pernambucanas se associou aos portugueses. Já na Serra da Ibiapaba, eles preferiram se associar aos franceses e holandeses, resistindo aos portugueses durante mais de 200 anos.

Ao longo do domínio holandês, os tabajaras da Paraíba e Pernambuco mudaram de lado e aliaram-se aos holandeses, adotando, inclusive, a religião protestante. Porém, após muita resistência e guerras, Estêvão declarou que os tabajaras terminaram aceitando a aliança com Portugal, e participaram ativamente dos processos coloniais.

Fontes de renda na aldeia

Macaxeira, batata e inhame. Essas são as principais culturas plantadas pelos indígenas tabajaras na Aldeia Vitória. Segundo o cacique Ednaldo, o produto colhido, que rendem algumas toneladas de alimentos, é vendido para os comerciantes que vão até a aldeia à procura dos itens. “Isso não é muito bom para nós porque eles são atravessadores e querem um preço mais barato”, declarou.

Além do cultivo dos tubérculos, eles também trabalham no comércio local, buscam empregos de ajudantes da construção civil, conseguem se cadastrar em programas sociais como o Bolsa Família ou buscam a aposentadoria.

A não regularização da terra também impacta na venda dos alimentos cultivados. “Pela falta dessa regularização, não podemos vender os produtos que plantamos para as escolas, para o programa da merenda escolar”, frisou.

Outra fonte de renda da comunidade são os trabalhos artesanais, a confecção de peças em cerâmica e remédios medicinais feitos pelos grupos de mulheres indígenas.

Vários desses itens foram leva-

dos para exposição no Celeiro Espaço Criativo Cantor Gabriel Diniz, no Altiplano, em João Pessoa. A exposição, intitulada ‘Povos Originários’, presta uma homenagem aos tabajaras e ainda traz trabalhos de artistas convidados. “Essa homenagem é um marco, que mostra nossa história, nossa tradição. Depois de 150 anos silenciados na Paraíba, o Governo do Estado e a Prefeitura abrem um espaço para nós expormos uma cultura de mais de cinco séculos, mostrando trabalhos como os cocás, as saias e nossos maracás”.

O cacique declarou que o foco da exposição é a cerâmica do povo tabajara. “Relatando que, desde a invasão portuguesa, a gente está ativo, numa sociedade em constante mutação. Mesmo assim, os tabajaras estão lá, juntamente com outros artistas, mostrando que estamos vivos”.

Saiba Mais

Na língua Tupi, a palavra tabajara resulta de duas expressões. De acordo com o cacique Ednaldo, “taba” quer dizer aldeia e “jará” significa senhores.

ELEIÇÕES NA FPF

Judicialização vira rotina no pleito

Michele Ramalho antecipa processo a quatro meses do fim do mandato e oposição promete briga na Justiça comum

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Não é de hoje que a Federação Paraibana de Futebol se envolve em questões judiciais que extrapolam o campo meramente desportivo e passam para o campo da Justiça comum. A entidade já sofreu intervenções em várias gestões e esteve envolvida em escândalos como, recentemente, a Operação Cartola, que apurou manipulações de resultados das partidas. As eleições para a presidência da FPF sempre foram muito tumultuadas. Quem não se lembra da que foi vencida pela ex-presidente Rosilene Gomes, em 1989, que acabou proporcionando cenas de agressões físicas e foi matéria na imprensa de todo o país?

De lá para cá, sempre que houve uma eleição na entidade, foi cercada de muitas denúncias e acusações de compras de votos, em troca de benefícios e perdão de dívidas de clubes, até mesmo aqueles pleitos que transcorreram normalmente, vencidos por aclamação, com uma chapa única, durante décadas. As denúncias nunca foram comprovadas, judicialmente falando, porque os dirigentes temiam represálias aos clubes, e, portanto, nunca passaram de discursos de perdedores, para as gestões da época.

Até que, após 25 anos no poder, a ex-presidente Rosilene Gomes foi destituída do cargo por irregularidades na eleição de 2010. A FPF passou por uma intervenção da Justiça, até uma nova eleição em 2014, vencida por Amadeu Rodrigues, apoiado pela ex-presidente. Parecia que os problemas tinham acabado, quando estourou o escândalo da Operação Cartola, e a entidade passou por uma nova intervenção e virou um caso de polícia.

Em 2018, mais uma mulher foi eleita para o cargo de presidente da FPF, Michelle Ramalho. Para variar, novas denúncias de irregularidades no processo eleitoral, tráfico de influência junto à CBF, além de compra de votos que teria favorecido a vencedora, que até hoje está no cargo e em campanha para a reeleição, há vários meses. Vale salientar que nada foi provado na Justiça e, portanto, ficaram apenas como boatos nos bastidores do futebol paraibano, sem provas.

Nesta semana, a presidente Michelle Ramalho divulgou um edital no Jornal **A União** antecipando as eleições, que deveriam ocorrer no final do seu mandato, em setembro. Isto foi o bastante para a entidade se envolver outra vez fora da esfera judicial desportiva e os velhos problemas de denúncias de irregularidades voltassem à tona.

O ex-presidente do Atlético, Arlan Rodrigues, disse à reportagem de **A União** que é candidato à presidência da FPF, que tinha sido pegado de surpresa, e entrou na Justiça comum para anular a antecipação das eleições, que agora estão marcadas para acontecer no dia 23 do próximo mês de maio. O prazo final para inscrição de chapa é o dia 13 de maio. Segundo o candidato, a atual presidente Michelle Ramalho, candidata à reeleição, está querendo manipular o pleito, como teria feito na última eleição.

“Este edital é totalmente fora da legalidade, porque a antecipação só pode ser feita em no máximo quatro meses, antes do final do mandato da atual presidente, que é no dia 28 de setembro. Além do mais, não define o colégio elei-



A presidente Michele Ramalho tem recebido significativos apoios de dirigentes que veem na sua administração um grande avanço no futebol paraibano, respaldando a convocação da Assembleia Geral para o dia 23 de maio

Foto: Reprodução/Rede Social



Alan Rodrigues diz que a antecipação é um ato irregular da administração

toral quem tem direito a voto? Estamos intercedendo junto à Justiça comum e tenho certeza que não haverá a eleição nesse dia. Estamos também solicitando uma comissão eleitoral isenta, para tornar o pleito isonômico”, afirmou o pré-candidato.

Segundo Arlan Rodrigues, na eleição de 2018 o interventor da FPF, João Bosco, manipulou o processo para a vitória da atual presidente, incluindo três dias antes das eleições 11 votos de ligas que não tinham direito a voto e que acabaram favorecendo a vitória de Michelle. Ele afirmou que, naquela altura, a candidata Michele não tinha sequer o número de votos para registrar uma chapa e iria perder as eleições para o advogado Eduardo Araújo, ex-diretor executivo do Auto Esporte e São Paulo Crystal, falecido em 2021, vítima de Covid 19.

“Naquele tempo foi João Bosco que fez isso, agora é ela mesmo que está manipulando, para não deixar que a oposição possa registrar uma candidatura, já apanhando apoio de um número máximo de clubes profissionais e amadores, e realizando rapidamente a eleição para não dar tempo da oposição se articular e conversar com os clubes. É claro que existe uma parcela dos clubes insa-

tisfeita com a atual gestão, e nós vamos procurar contactar com esses clubes e com os demais, a partir de agora”, disse.

De acordo com o edital divulgado na União, Michelle Ramalho resolveu antecipar o pleito e fazer a convocação em atendimento a um requerimento de 3/4 do colégio eleitoral, nos termos do artigo 21, parágrafo 25, e nos termos do artigo 21

parágrafo 11 do Estatuto da FPF. De acordo com o estatuto, para registrar uma chapa, é preciso o apoio mínimo de oito clubes profissionais e oito amadores. As eleições serão realizadas no dia 23 de maio, a partir das 10 horas, na sede da FPF. Antes, porém, haverá uma assembleia ordinária, dia 28 deste mês, para a aprovação das contas referentes ao exercício de 2021, às 14 horas, na sede da FPF.

Presidente responde acusações da oposição

Diante das denúncias feitas por Arlan Rodrigues, a reportagem de **A União** tentou entrar em contato com a presidente da FPF, Michele Ramalho, que respondeu através da seguinte nota divulgada pela assessoria de imprensa:

“De acordo com o art. 21, § 25, do Estatuto da Federação Paraibana de Futebol, a Assembleia Geral Eleitoral poderá, excepcionalmente, ser antecipada em qualquer momento do mandato em caso de solicitação subscrita por 3/4 dos clubes do colégio eleitoral, dirigida ao presidente da FPF para fins de antecipação das eleições para o quadriênio subsequente, solicitação esta que ocorreu.

Além do mais, independentemente da solicitação de antecipação das eleições formalizada soberanamente por mais de 3/4 dos clubes do colégio eleitoral, com fundamento no art. 21, §25, do Estatuto da FPF, o fato é que a Assembleia Geral Eleitoral, designada para o mês de maio de 2022, também está de acordo com o prazo de quatro meses anterior ao fim do mandato, que se iniciou em setembro de 2018, ou seja, atendendo também ao §4º do Art. 21 do Estatuto da FPF.

Enfim, sabendo que as eleições da FPF sempre são marcadas por tentativas de tapetão, procuramos envidar todos os esforços para não deixar brechas para aqueles que, não possuindo nenhuma representatividade para com o futebol paraibano e seus filiados, viessem a tentar tumultuar e atrapalhar a escolha democrática”, concluiu.

Segundo a maioria dos clubes ouvidos pela reportagem de **A União**, a atual gestão está correta e vem fazendo uma excelente administração. Alguns entendem que a antecipação é benéfica ao futebol paraibano.

“Esta marcação das eleições está prevista no estatuto e eu mesmo sugeri à presidente Michelle Ramalho a antecipação, porque este é um ano atípico e teremos eleições para presidente, governador, senador e deputados, além de uma Copa do Mundo em outubro, o que poderia atrapalhar um pouco o processo. Além do mais, os campeonatos nacionais vão terminar mais cedo este ano por causa disto, e provavelmente o Campeonato Paraibano de 2023 deverá começar já em janeiro. Assim, ganharemos mais tempo para clubes e a FPF organizarem melhor a competição”, disse o diretor executivo do São Paulo Crystal.

O presidente do Botafogo, Alexandre Cavalcanti, afirmou que esta antecipação é um ato administrativo e deliberação da federação e o clube apenas vai estar presente no dia para dar o seu voto, mas fez questão de elogiar a gestão atual.

“A presidente Michelle Ramalho tem feito um excelente trabalho à frente da FPF, modernizando o futebol paraibano, lutando para buscar os interesses dos clubes e acho que só quem ganha com a manutenção de Michelle Ramalho

é o próprio futebol paraibano. Em time que se ganha, não se mexe”, afirmou o dirigente.

Entre os clubes amadores, alguns presidentes ouvidos estão muito insatisfeitos com a gestão de Michelle e não receberam muito bem esta antecipação. Este é o caso do Spartax de João Pessoa, por exemplo.

“Acredito que a antecipação não tem nada a ver com questões de calendário de eleições políticas e nem com Copa do Mundo. Eu discordo e acredito que é uma medida desleal com a oposição e a data está fora do que prevê o estatuto e o próprio normativo 001/2022. A presidente está sentada na cadeira, com diversas ações de cooptação de apoios e votos há muito tempo, ao longo da gestão. Enquanto que a oposição não terá tempo para se articular. Isto não são modos operantes dos mais democráticos possíveis e temos que buscar um pouco mais de igualdade de condições em outros meios legais”, afirmou o presidente do Spartax, José Moraes, que acusa também a presidente de não ajudar os clubes amadores e de cobrar taxas abusivas para a realidade dos clubes da Paraíba.

Foto: Paulo Cavalcanti/Botafogo



Alexandre Cavalcanti, do Botafogo, fez questão de elogiar a atual administração e não vê irregularidade na antecipação das eleições

3/4

dos clubes do colégio eleitoral subscreveram a antecipação das eleições, que foram programadas para o dia 23 de maio

TENISTAS

Russos são vetados em Wimbledon

Direção confirma exclusão, também, de atletas de Belarus no mais importante torneio da Inglaterra, em junho

Agência Eestado

A direção de Wimbledon confirmou esta semana que vai vetar os tenistas da Rússia e de Belarus em sua edição deste ano, que começa no dia 27 de junho. A proibição, que impedirá a participação do número dois do mundo Daniil Medvedev, faz parte da retaliação do governo britânico à Rússia por conta da invasão da Ucrânia, no fim de fevereiro. A punição atinge também Belarus pelo apoio concedido ao país vizinho.

"Reconhecemos que essa decisão será dura para os indivíduos afetados e é com tristeza que eles vão sofrer os efeitos das ações dos líderes do regime russo", afirmou Ian Hewitt, presidente do All England Club, entidade que dirige e organiza o terceiro Grand Slam da temporada.

O dirigente indicou que a decisão poderá mudar caso o cenário de guerra sofra alguma alteração drástica. "Se as circunstâncias sofrerem alguma mudança material entre agora e junho, vamos levar em consideração e dar uma resposta adequada", declarou Hewitt.

Em comunicado, a direção do torneio britânico voltou a condenar a invasão russa na Ucrânia e justificou a decisão ao afirmar que está se alinhando com as decisões do governo quanto a guerra. "Também levamos em consideração as orientações estabelecidas pelo governo do Reino Unido especificamente em relação a órgãos e eventos esportivos", explica a entidade.

"É nossa responsabilidade desempenhar nosso papel nos esforços gerais do governo, indústria, instituições esportivas e criativas para limitar a influência global da Rússia através dos meios mais fortes possíveis."

A decisão foi tomada após meses de conversas e negociações entre o governo e a organização do mais tradicional torneio de tênis do mundo. O plano inicial era pedir aos tenistas dos dois países que demonstrassem publicamente seu repúdio à guerra na Ucrânia, algo que alguns atletas vinham fazendo.

O russo Andrey Rublev, por exemplo, escreveu a mensagem "Não à guerra, por favor" na lente de uma das câmeras que transmitia o Torneio de Dubai, no início do ano. Daniil Medvedev, que chegou a liderar o ranking por três semanas entre o fim de março e o início de abril, afirmou que "quer paz em todo o mundo". Eles e os demais atletas russos vêm evitando se aprofundar no tema em entrevistas coletivas e declarações nas redes sociais.

Para os britânicos, as declarações não foram suficientes. E havia a ideia de exigir dos tenistas destes países que assinassem declarações se comprometendo a não fazer comentários a favor da guerra ou do presidente Vladimir Putin durante a disputa de Wimbledon. Mas este plano também ficou para trás.

"Consideramos com muito cuidado as medidas alternativas que poderiam ser tomadas seguindo as orientações do governo. Mas, devido aos holofotes que o campeonato costuma receber, se tornou ainda mais importante não permitir que o esporte seja usado

para promover o regime russo e nossas preocupações mais amplas com o público e a segurança do tenista (incluindo suas famílias). E não acreditamos que seja viável prosseguir em qualquer outra decisão no campeonato", justificou Hewitt.

Trata-se da primeira vez desde o início da guerra que um torneio ou evento esportivo bane atletas individuais de competições internacionais. Até então, havia impedimento apenas de grupos ou times, como aconteceu com a equipe russa nos Jogos Paralímpicos de Inverno, em Pequim; nas Eliminatórias da Copa do Mundo do Catar; e nas competições europeias de clubes de futebol.

No âmbito do tênis, a Federação Internacional de Tênis (ITF, na sigla em inglês) banuiu as equipes russas e belarussas tanto na Copa Davis quanto na Billie Jean King Cup (antes chamada de Fed Cup). No circuito profissional, a ATP e a WTA permitem a participação dos tenistas de ambos os países, mas competindo com bandeira neutra.

Com a decisão, Wimbledon não terá em quadra tenistas como Medvedev, atual número dois do mundo, Rublev (8º do mundo), Karen Khachanov (26º) e Aslan Karatsev (30º). Na chave feminina, ficariam impedidas de competir Anastasia Pavlyuchenkova (15ª) e Daria Kasatkina (26ª), por exemplo. Entre as belarussas, perderiam o torneio Aryna Sabalenka, 4ª do mundo, e Victoria Azarenka, ex-número 1 do ranking e dona de dois títulos de Grand Slam.

A proibição dos tenistas da Rússia e Belarus se estende para os demais torneios britânicos, que são disputados antes de Wimbledon, como preparatórios para o terceiro Grand Slam do ano. Na prática, os atletas destes países perdem quase toda a curta temporada de grama do circuito.

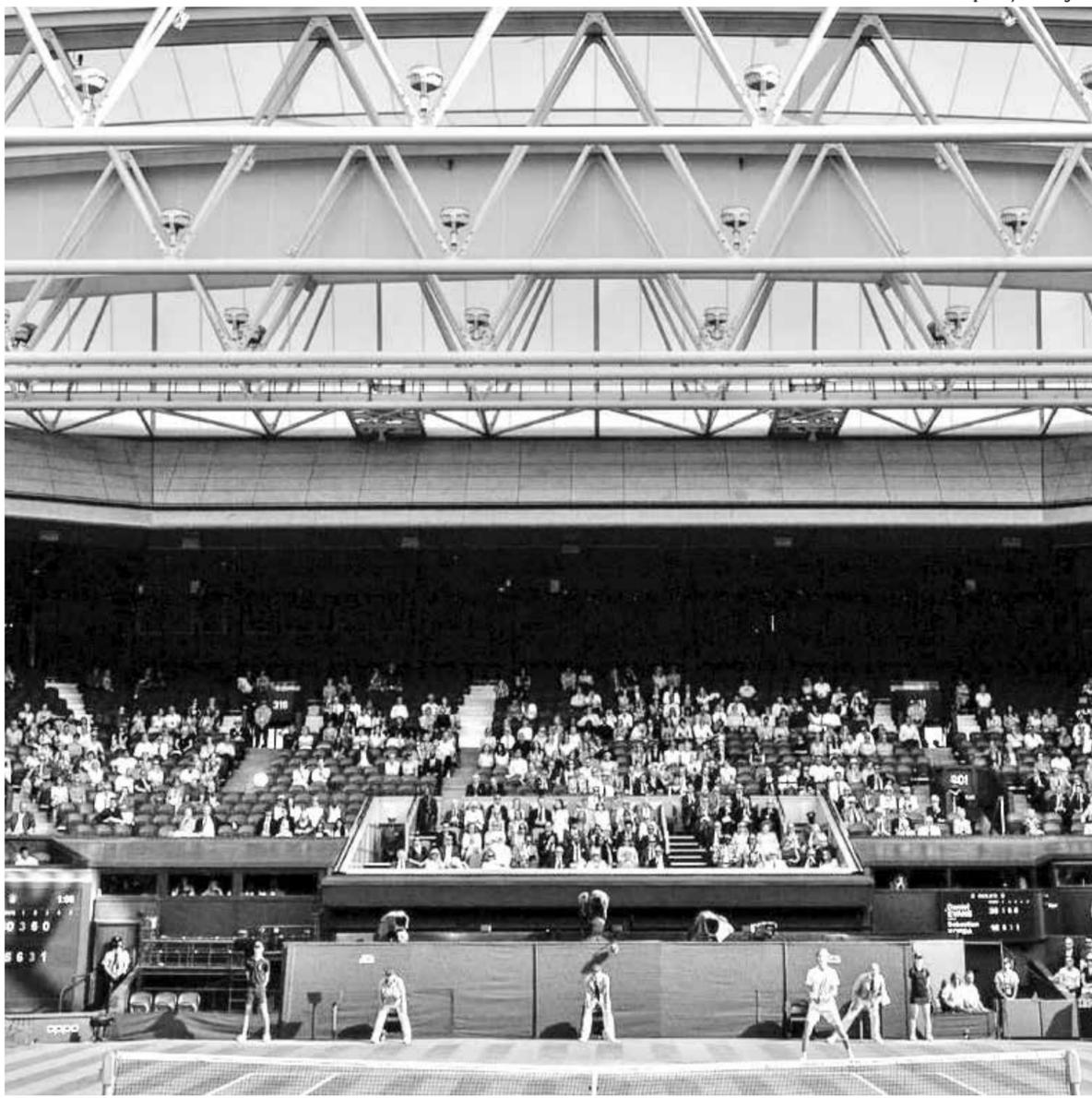
Reação russa

A Rússia reagiu à proibição antes mesmo da divulgação oficial por parte do governo britânico e da direção de Wimbledon. "É inadmissível voltar a transformar atletas em reféns de intrigas e preconceitos políticos, de ações hostis ao nosso país", afirmou Dmitri Peskov, porta-voz do Kremlin.

"Levando em consideração que a Rússia é um país muito forte no tênis e que nossos atletas figuram na parte mais alta dos rankings mundiais, a exclusão deles terá um impacto na própria competição", completou Peskov.



Daniil Medvedev está vetado



O torneio de Wimbledon vai acontecer no final do mês de junho e a organização vetou participação de russos devido à guerra na Ucrânia

COMPRA DO CHELSEA

Lewis Hamilton se junta ao consórcio

Agência Eestado

Lewis Hamilton, que disputa hoje o GP da Emilia-Romagna, em Ímola pela Mercedes, confirmou na última sexta-feira, em entrevista ao canal britânico Sky News, que decidiu se juntar ao consórcio liderado pelo empresário Martin Broughton para comprar o Chelsea. O heptacampeão da Fórmula 1 falou sobre o assunto em Ímola, antes do primeiro treino livre do GP da Emilia-Romagna, e se disse muito animado com a possibilidade.

"Fui contatado. O Sir Martin teve tempo para falar comigo por telefone e explicar os objetivos dele e de sua equipe se eles conseguirem vencer a oferta. É incrivelmente empolgante e muito alinhado com os meus valores", afirmou o piloto da Mercedes. "O Chelsea é um dos maiores clubes do mundo. Quando eu ouvi sobre a oportunidade, pensei: 'uau, é uma das melhores oportunidades de ser parte de algo grande', completou.

Hamilton é torcedor declarado do Arsenal, rival do Chelsea, situação que até gerou uma pequena provocação de Max Verstappen, seu rival na Fórmula 1. O holandês disse que a notícia era 'bastante curiosa' e que, como torcedor do PSV Eindhoven, jamais compraria o Ajax. Hamilton, por sua vez, afirmou não se importar tanto com a rivalidade e citou um tio torcedor do Chelsea como motivação para se envolver com o clube.

"Sou um fã de futebol desde criança. Joguei no time da escola todo ano na infância e fui a vários jogos. Quando era jovem, eu queria me encaixar e as crianças torciam para diferentes times. Lembro de trocar várias vezes de time, e minha irmã me socou e disse que eu tinha que torcer para o Arsenal, então virei torcedor. Mas meu tio Terry é fanático pelo Chelsea, já fui a



Lewis Hamilton confirmou que Serena Williams também está envolvida no projeto

muitos jogos entre Arsenal e Chelsea com ele", explicou.

O britânico também falou sobre a participação da tenista Serena Williams no consórcio. "Nós conversamos sobre isso. Serena e eu somos muito próximos, ela é fenomenal como atleta e mulher. Ela perguntou o que eu achava sobre o assunto e eu disse que eu seria parte daquilo, e ela resolveu se juntar", contou.

Presidente da British Airways e ex-presidente do Liverpool, Martin Broughton, líder do consórcio ao qual Hamilton e Williams se juntaram, é apenas um dos interessados em comprar o Chelsea. Desde que o clube foi

colocado à venda por Roman Abramovich, alvo de sanções do Reino Unido por sua relação com Vladimir Putin em meio à invasão russa à Ucrânia, diversos grupos e empresários já manifestaram interesse.

A proposta articulada por Broughton ganha força com a presença de estrelas do esporte, mas a concorrência é forte. A família Ricketts, dona do Chicago Cubs, uma das principais franquias de beisebol dos EUA, é uma das candidatas. Também estão na briga nomes como Todd Boehly, coproprietário dos Los Angeles Dodgers, e Steve Pagliuca, acionista do Boston Celtics e do Atalanta.

MODERNIZAÇÃO DOS CLUBES

Cartolas tradicionais sobrevivem

Surgimento da SAF e a gestão profissional ainda não tiram de cena os dirigentes que vivem à moda antiga

Agência Estado

Apesar dos novos rumos do futebol brasileiro, com o estabelecimento das SAF (Sociedade Anônima do Futebol) e de alguns clubes estarem se voltando para a gestão profissional, inclusive com a remuneração de seus presidentes, os dirigentes à moda antiga sobrevivem. O movimento de mudança ainda é incipiente, o que garante espaço àqueles que chegam ao comando ancorados na ligação com o clube de coração.

No entanto, não basta mais apenas o "amor". É preciso senso administrativo e conhecimento dos meandros do futebol. Ou seja, estar preparado. E, conforme o caso, ter flexi-

“
Graças ao meu trabalho, estou financeira e familiarmente em situação tranquila, numa idade em que preciso aproveitar a vida e me dedicar ao Santos

Andrés Rueda

bilidade para se dividir entre a presidência e as "atividades particulares".

Andrés Rueda, presidente do Santos, optou pela dedicação total ao clube. Ele abriu mão da sua empresa para poder destinar a maior parte do seu tempo resolvendo os problemas do clube.

Matemático, Rueda tem especialização em Engenharia de Sistemas e, por 20 anos, foi diretor de TI na Bovespa/BM&F - em três deles acumulou a diretoria financeira e administrativa. No período, foi consultor das bolsas de Canadá, México, Madri, Barcelona e Paris.

Fundou uma empresa de projetos e sistemas, trabalhou nela por duas décadas, chegou

a ter 6 mil funcionários e faturamento anual de R\$ 300 milhões, mas vendeu tudo em 2019 para se dedicar de forma integral ao Santos, sua paixão. "Graças ao meu trabalho, estou financeira e familiarmente em situação tranquila, numa idade (65 anos) em que preciso aproveitar a vida, ver minhas séries, viajar... Mas resolvi me dedicar ao Santos. Quando me propus ao desafio, fiz por causa do clube", disse Rueda ao Estadão.

"Quero as finanças equilibradas, time competitivo para disputar títulos e ter travas no seu mecanismo de governança para que não façam de novo o que fizeram com o clube. Para isso, resolvi dar a coisa mais cara que o ser humano pode dar, o tempo."

Ao lado de mais sete nomes e do vice-presidente de futebol, Rueda toma as decisões. Sua rotina começa pontualmente às 8h30. A saída costuma ser por volta das 18h - ele leva trabalho para casa. O presidente acompanha todos os jogos na Vila e, nas partidas fora de casa, sempre há um membro do Comitê de Gestão representando a diretoria.

No Goiás, o presidente Paulo Rogério Pinheiro tomou caminho semelhante. O principal ramo de atuação dele está no negócio de transporte público. Ao todo, a família tem oito empresas e cerca de 6 mil colaboradores. Pinheiro, contudo, abriu mão de dirigir as empresas para se dedicar exclusiva-

mente ao time esmeraldino.

A equipe da Baixada Santista e o alviverde do Centro-Oeste fazem parte dos 66% dos clubes que disputam a Série A do Brasileiro que não remuneraram seus presidentes (dos 20 times, Corinthians e Athletico-PR não responderam aos questionamentos do Estadão). São eles: América-MG, Atlético-GO, Atlético-MG, Ceará, Coritiba, Flamengo, Fluminense, Inter, Juventude e Palmeiras. Três clubes, Avaí, Fortaleza e São Paulo (16,6%), informaram que pagam salários para seus comandantes e outros 16,6% (Red Bull Bragantino, Cuiabá e Botafogo) atuam com modelo diferente de gestão, a do clube-empresa.



Os dirigentes Rodolfo Landim, do Flamengo; Leila Pinheiro, do Palmeiras; Mário Bittencourt, do Fluminense; Julio Casares, do São Paulo; e Robinson Passos de Castro e Silva, do Ceará

Alguns dirigentes conciliam a vida no clube com seus negócios

O exemplo santista e do time goiano, contudo, nem sempre pode ser seguido à risca. Boa parte dos mandatários da elite do futebol brasileiro tenta conciliar o trabalho no clube com os próprios negócios. Eleita para o triênio 2022/2023/2024 no Palmeiras, a empresária Leila Pereira, 40ª presidente e a primeira mulher a assumir o cargo na história do clube, dá expediente todos os dias no alviverde.

Ela busca aliar as atividades. Pessoas próximas a Leila afirmam que a disciplina é a chave do segredo para o sucesso na conciliação entre os negócios e o clube. É comum vê-la despachando documentos de suas empresas de dentro do Palmeiras. Tudo para não perder nenhum minuto dos acontecimentos do clube. Além disso, costuma ser vista em todas as partidas disputadas pelo time de Abel Ferreira.

No Rio, Flamengo e Fluminense também não dão um centavo sequer oficialmente para os seus presidentes. No time rubro-negro, Rodolfo Landim dedica grande parte de seu

tempo ao time. Engenheiro civil de formação, ele ocupou diversas funções na Petrobras por 26 anos e fez carreira na área. Há algumas semanas, foi indicado pelo Ministério de Minas e Energia para presidir o Conselho de Administração da Petrobras. Não assumiu por conflito de interesses - foi conselheiro de empresas de capital aberto no exterior e de prestação de serviços da área de petróleo. E diz que sua prioridade é o Flamengo.

A situação não é diferente nas Laranjeiras. Advogado, Mário Bittencourt é dono de seu próprio escritório há mais de 15 anos no Rio. Por ser profissional liberal e chefe nas suas companhias, tem flexibilidade para harmonizar suas atividades profissionais com as funções não remuneradas de presidente do Fluminense.

Além disso, Bittencourt não costuma ir a todas as viagens do time. Nos fins de semana, é comum vê-lo com o elenco, mas no meio da semana só marca presença quando consegue acomodar a agenda. As exce-

ções são os jogos decisivos. Nesses, ele não falta.

Novos tempos

Diferentemente dos tempos do cartola que entrava no vestiário e até distribuía "bicho" em dinheiro, os presidentes atuais adotam posturas mais profissionais. Em Belo Horizonte, Sérgio Coelho é o responsável por assinar os documentos do Atlético-MG, atual campeão brasileiro e da Copa do Brasil.

Empresário no ramo de shoppings de automóveis, loteamentos de compra, venda e locação de imóveis, o dirigente costuma acordar às 5h para dar conta de tudo. Após uma caminhada, ele dá expediente em suas empresas na parte da manhã. O clube, contudo, está sempre no seu radar. Coelho ainda faz questão de acompanhar o time nas viagens e eventos maiores.

Em Goiânia, o desafio é semelhante para o presidente do Atlético Goianiense, Adson Batista. Ele faz o que pode para cuidar de sua companhia de loteamentos e dar a devi-

da atenção aos temas da agremiação. "Não há uma carga horária específica. A dedicação (ao clube) é em tempo integral. Inclusive, quando não estou presente ali, as demandas são realizadas de forma remota", explica. Ele possui participações em uma holding de postos de gasolina. Mesmo com todas as tarefas externas, diz não perder nenhum jogo.

Em Caxias, no Rio Grande do Sul, Walter Dal Zotto, mandatário do Juventude, toca seus negócios na indústria voltada para o ramo de utilidades domésticas e arquitetura. "Tenho acompanhado a empresa por relatórios e reuniões semanais por videoconferência. Tem sido uma tarefa difícil, porque o clube tem demandado tempo e esforço", diz. Ele está em todas as movimentações do time gaúcho.

Robinson Passos de Castro e Silva preside o Ceará, mas tem várias ocupações. É formado em Ciências Contábeis e Direito pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), tem especializações em cursos de administração financeira e contabilidade, coman-

da uma empresa e dirige e colabora com entidades do ramo de contabilidade e auditoria.

Ele constrói a sua própria flexibilidade para ter como prioridade as coisas do time. Considerado workaholic por pessoas próximas, costuma dizer a amigos que estar no Ceará é "uma missão de vida".

Em Curitiba, Juarez Moraes e Silva diz que sua atividade está comprometida pela gestão no Coritiba. Ele é consultor e especialista em infraestrutura portuária e logística. Mas afirma dedicar-se em tempo integral ao clube que consome cerca de 10 a 12 horas diárias, incluindo os fins de semana. "Para dar conta, trabalho mais."

No América-MG, o esquema é facilitado e as tarefas são bem divididas. O clube é gerido por um Conselho de Administração com cinco integrantes. O presidente é o deputado estadual Alencar da Silveira Jr. Como precisa dar expediente na Assembleia Legislativa, a missão no time acaba sendo compartilhada nas áreas de ação de cada um: institucional, futebol e finanças.

Três times do Brasileiro da Série A remuneraram presidentes

Uma lei sancionada em 29 de julho de 2015 pela ex-presidente Dilma Rousseff permitiu aos clubes de futebol remunerarem seus presidentes e dirigentes. Desde então, eles passaram a estudar e discutir a possibilidade de pagar a seus mandatários, prática que não existia - pelo menos não de forma oficial. Caía bem para a modernização dos clubes ter gerentes profissionais, mas muitas dessas intenções nunca saíram do papel.

Três times da Série A do Campeonato Brasileiro, no entanto, informaram ao Estadão adotar a remuneração como forma de cobrar de seus presidentes maior participação e seriedade nas atividades do clube. São eles: Avaí, Fortaleza e São Paulo.

A advogada Juliana Biolchi, diretora-geral da Biolchi Empresarial, especializada em revitalização de empresas, negociações complexas e recuperação extrajudicial, explica como funciona a lei. "Os dirigen-

tes, incluindo o presidente, podem ser remunerados. Alguns requisitos precisam ser respeitados: o clube deve adotar a forma de associação assistencial sem fins lucrativos; o executivo deve atuar, efetivamente, na gestão executiva; a remuneração deve estar de acordo com o mercado regional e ser fixada pelo órgão deliberativo da entidade, registrada em ata", esclarece a especialista.

No São Paulo, o presidente Julio Casares, ao ser eleito, deixou sua ocupação anterior para se dedicar exclusivamente à gestão do clube. Paulistano, ele é advogado, publicitário, professor e radialista. O dirigente já foi, em duas ocasiões, presidente da Associação Brasileira de Marketing e Negócios (ABMN) e já atuou como vice-presidente de Marketing e Comunicação do São Paulo.

O Fortaleza também remunera o cargo. Marcelo Paz, homem forte do futebol do clube, fala sobre a op-

ção de o clube pagar salário ao presidente. "Eu tenho dedicação integral, o tempo todo estou disponível. A carga horária é até difícil de medir porque quando estamos viajando, estou 24 horas à disposição e quando estou em Fortaleza é praticamente o dia inteiro. São muitas demandas que requerem grande atenção e dedicação", afirma Paz.

Em Santa Catarina, o Avaí, de Florianópolis, aboliu a não remuneração desde a reforma estatutária ocorrida no fim de 2021. Com isso, qualquer cargo no clube passou a ser remunerado, incluindo o do presidente, Julio César Heerd, e do vice, Bruno Ribeiro Comicholi, que recebem de 60% a 70% do teto do funcionalismo público.

Amir Somoggi, especialista em gestão esportiva, sócio-diretor da Sports Value, faz críticas ao modelo de gestão adotado por esses clubes. Ele acredita que os times precisam

remunerar seus dirigentes de maneira mais profissional. Defende o sistema do clube-empresa.

"O modelo empresarial de remunerar dirigente não é simplesmente o de pagar o salário ao presidente, mas o de tirar o político do jogo. Quando você remunera o político, está dando mais gás para o modelo errado, que é o modelo em que o conselheiro opina e o marketing não funciona. Enquanto uma empresa vai subir de elevador porque tem investidor, tem meta, tem métrica, o clube vai de escada."

Ele diz mais. "Esse modelo clubístico não permite que haja preocupação com o futuro. O dirigente pensa: 'Eu não vou estar aqui em três anos. Quando estourar essa bomba, não estarei mais aqui'", acrescenta. "O executivo quer ganhar bônus, quer traçar metas e o presidente não tem essas metas. Ele quer entrar na história, quer ser campeão. O exe-

cutivo quer ter lucro também e não só ser campeão. O presidente não está preocupado com as finanças. Só que são as finanças que levam você para as vitórias e para as derrotas", entende.

Clube-empresa

O modelo sugerido por Somoggi como algo mais promissor é visto em, ao menos, três equipes que participam da Série A. Cuiabá e Botafogo atuam como SAF (Sociedade Anônima do Futebol). Além da dupla, o Bragantino já funciona como clube-empresa desde 2019, quando foi adquirido pelo Red Bull, que montou uma Ltda. (Limitada) e pagou cerca de R\$ 45 milhões para firmar o negócio. "Administrar o clube como empresa sempre foi um negócio mais próximo do que a gente está acostumado", explica Cristiano Dresch. Antes uma S/A, o Cuiabá passou a ser SAF.

Foto: Canindé Pereira/América-RN



No último domingo, o Sousa esteve perto de um resultado positivo diante do América na Arena das Dunas, mas levou um gol nos acréscimos e perdeu a partida por 2 a 1. Hoje tenta a recuperação

BRASILEIRO DA SÉRIE D

Sousa busca reabilitação contra Retrô

Depois de perder para o América-RN na estreia, o Dinossauro encara, hoje, a sensação do futebol pernambucano

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Ainda de ressaca depois da derrota para o Campinense, por 1 a 0, em casa, no último meio de semana, no jogo de ida da semifinal do Campeonato Paraibano, o Sousa muda o foco para a retomada na disputa do Campeonato Brasileiro Série D. O alviverde recebe, hoje, o Retrô-PE, às 16h, no Estádio Marizão, em Sousa, pela 2ª rodada do grupo 3, em busca de sua primeira vitória na competição nacional.

O Dinossauro acabou derrotado por 2 a 1, para o América-RN, na estreia da competição e agora encara a equipe pernambucana, tentando a reabilitação na sequência da disputa. Para essa partida o clube deve contar com as estreias do meia Natalício e do volante Gustavo Henrique, ambos, já vestiram a camisa do clube em outras tempora-

“

O clube está envolvido em duas competições, vamos nos resguardar para a partida contra o Campinense, pelo Paraibano. A gente vai dar uma mexida no time, temos os novos reforços à disposição. A ideia é dar uma descansada aos jogadores que estão mais desgastados fisicamente

Tardelly Abrantes

das e foram anunciados como reforços. Com o clube envolvido na fase semifinal do Campeonato Paraibano, o treinador Tardelly Abrantes deve fazer mudanças no time, já pensando na segunda partida contra o Campinense, no Estadual.

“O clube está envolvido em duas competições, vamos nos resguardar para a partida contra o Campinense, pelo Paraibano. A gente vai dar uma mexida no time. Temos os novos reforços à disposição. A ideia é dar uma descansada aos jogadores que estão mais desgastados fisicamente”, revelou.

Ao contrário do Sousa, o Retrô-PE estreou com vitória, na competição. O clube vem para o confronto embalado em busca de uma boa sequência, após ter derrotado o Náutico-PE, por 1 a 0, no Estádio dos Aflitos, na primeira partida da final do Campeonato Pernambucano. O treinador

da Fênix espera um jogo difícil no Marizão.

“Estreamos bem na Série D. O último resultado contra o Náutico, pela final do Campeonato Estadual, passou confiança para os jogadores. No entanto, vamos enfrentar uma equipe qualificada, que ainda disputa a fase final do Campeonato Paraibano. Espero um jogo difícil, pois o nosso adversário estreou a competição com derrota e vem em busca da reabilitação”, comentou Dico Woolley.

A partida de hoje vai marcar o primeiro confronto das equipes numa competição oficial. Para comandar o duelo entre paraibanos e pernambucanos, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) escalou José Wellington Bandeira (ES), como árbitro central, ele será auxiliado por Luis Filipe Gonçalves Corrêa (PB) e Gleydson Francisco (PB). Ruthyanna Camila Medeiros da Silva é quem será a quarta árbitra.

Jogos de hoje

■ BRASILEIRO (SÉRIE A)

16h
Santos x América-MG
18h
Juventude x Cuiabá
18h30
Atlético-GO x Botafogo

■ BRASILEIRO (SÉRIE B)

16h
Náutico x Operário-PR

■ BRASILEIRO (SÉRIE C)

11h
Volta Redonda x Altos
15h
Floresta x Figueirense
Tuna Luso x Juventude Samas
Crato x América-RN
Afogados x Icasa
Brasiliense x Iporá
Próspera x Aimoré
16h
Manaus x Aparecidense
Fluminense-PI x Tocantinópolis
São Raimundo-RR x Trem
Amazonas x Náutico-RR
Sousa x Retrô
Globo FC x São Paulo Crystal
Atlético-BA x Lagarto
Sergipe x Juazeirense
Grêmio Anápolis x Ceilândia
Bahia de Feira x Ferroviária
Real Noroeste x Caldense
Paraná x São Bernardo
Cianorte x Pérolas Negras
17h
Moto Club x 4 de Julho
18h
Ypiranga-RS x Vitória

■ BRASILEIRO (SÉRIE D)

18h
Rio Branco-AC x São Raimundo-AM
19h
Portuguesa-RJ x Oeste

CONTRA O GLOBO-RN

SP Crystal quer emplacar segunda vitória

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Embalado pela sua primeira vitória na história do Campeonato Brasileiro Série D, o São Paulo Crystal entra em campo, hoje, pela sequência da competição. O Carcará joga, hoje, como visitante, contra o Globo-RN, no Estádio Barretão, em Ceará-Mirim-RN, a partir das 16h. O confronto será válido pelo grupo 3.

Representando o futebol da Paraíba, fora do estado, numa competição nacional, pela primeira vez, o São Paulo Crys-

tal quer também fazer história e vai à busca de um bom resultado contra a Águia potiguar. Apesar de admitir encontrar dificuldades na partida, o treinador do tricolor de Cruz do Espírito Santo espera somar pontos, mesmo jogando fora de casa.

Tudo foi conquistado como planejamos, que foi conseguir a vitória na estreia. O próximo passo é também tentar um resultado positivo, jogando fora de casa, com uma grande equipe. Estudamos o adversário e vamos tentar montar uma estratégia ideal, para voltarmos com

um bom resultado, pois o nosso objetivo é vencer os jogos, em casa, e somar pontos, quando jogarmos como visitantes”, comentou Ederson Araújo.

O clube paraibano vai encarar um adversário que estreou com derrota na competição. Jogando, fora de casa, o Globo foi superado, por 1 a 0, pelo Icasa-CE. Diante do São Paulo Crystal, a equipe potiguar quer somar os três primeiros pontos jogando com o apoio de seu torcedor.

“Tivemos uma semana de trabalho para nos preparar para essa partida. Sabemos da dificul-

dade que é disputar essa competição. Passado o resultado da estreia, vamos tentar entrar fortes, imprimir o nosso ritmo de jogo para conseguir a nossa primeira vitória. Um bom resultado no jogo de hoje é fundamental para os nossos objetivos na competição”, comentou o treinador Renatinho Potiguar.

A partida agendada para às 16h, no Estádio Barretão, em Ceará-Mirim-RN, será comandada Irinaldo Jorge dos Santos Silva (BA), George Italo Antas Nogueira (RN), Débora Rayane Fernandes Martins (RN) e Alciney Santos de Araújo (RN).

“Boas mães de família” que desafiaram o patriarcalismo

Há 164 anos, surgia o Colégio Nossa Senhora das Neves, que enfrentou a resistência da sociedade machista da capital paraibana

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

Fundado em 4 de novembro de 1858, o Colégio Nossa Senhora das Neves (CNSN), na Praça Dom Ulrico, no Centro de João Pessoa, tinha por objetivo fomentar a educação em diversas áreas para as mulheres da época. Responsável pela fundação, o visconde Beaurepaire Rohan enfrentou certa resistência da sociedade em colocar a educação feminina como pauta. Era um período marcado pelo patriarcalismo. Durante o tempo em atividade, o colégio passou por diversas crises administrativas, ficando fechado por alguns períodos.

De acordo com Antônio Carlos Pinheiro, historiador especialista em História da Educação e professor do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Regulamento da Instrução Primária e Secundária de unidades escolares públicas e privadas da então Província da Parahyba preconizava que os objetivos de instituições como o “Colégio das Neves” eram de formar “boas mães de família, imprimindo-lhes no espírito por meio da palavra e do exemplo o amor ao trabalho, ao governo doméstico à caridade para com o próximo e para com os seus escravos”, lembra.

As alunas se dividiam em três classes: as pensionistas, as semi-pensionistas e as externas. Em um primeiro momento, o colégio desejou atender, principalmente, as meninas da elite paraibana. “Não havia na Cidade da Parahyba nenhuma instituição exclusivamente destinada à educação de meninas. As práticas educativas destinadas às meninas ocorriam pelo trabalho das preceptoras que ensinavam no espaço doméstico”, registra o historiador.

Esse primeiro momento do CNSN está diretamente relacionado aos avanços do feminismo no mundo ainda em sua “primeira onda”. As primeiras pautas do movimento feminista surgiram alinhadas ao Iluminismo e à Revolução Francesa, preocupando-se em discutir a inserção da mulher na sociedade a partir do voto, da educação e do direito ao trabalho. Foi nesse cenário que as primeiras escolas voltadas à educação feminina começaram a surgir. No Brasil, essas instituições tiveram início a partir de 1827.

A primeira fase do CNSN durou até 1860, quando foi fechado durante a administração do presidente Luís Antônio da Silva Nunes. A justificativa dada estava relacionada à necessidade de se economizar no orçamento. A reabertura aconteceu 35 anos depois pela Diocese da Paraíba. “O bispo Dom Adauto de Miranda Henriques desenvolveu um intenso trabalho de criação de escolas-colégios confessionais nas principais cidades paraibanas. Na verdade, Dom Adauto foi um legítimo representante do movimento de romanização



O “Colégio das Neves” viveu várias fases em mais de um século e meio de existência e hoje o prédio passa por reforma para abrigar o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação



Fotos: Marcos Russo

no Brasil e, especialmente, na Paraíba”, avalia Pinheiro.

Sob o comando da Igreja, o colégio ingressou no rol de instituições de ensino que aderiram ao ensino de nível secundário. A mudança é um divisor de águas em relação aos dois momentos que a escola teve. “Inicialmente, ela voltou-se prioritariamente à instrução das meninas da elite, enquanto que no segundo período de seu funcionamento, apesar dos mesmos princípios iniciais, passou a sofrer uma forte interferência da Igreja Católica no sentido de combater um suposto processo de des cristianização da sociedade brasileira”, destaca.

A Diocese passou a administração do “Colégio das Neves” para a Congregação Damas do Coração Eucarístico, mas as dificuldades ainda se mantinham. Logo, em 1906, a gestão mudou novamente, dessa vez para a Ordem da Sagrada Família.

Entre 1910 e 1920, o segundo prédio do colégio foi construído. Seu período de construção foi refletido na arquitetura do local, com elementos neoclássicos, como as inspirações de colunas “neojônica” e “neodórica” da Grécia Antiga. “Percebe-se na sua arquitetura um grande cuidado com a ventilação e claridade, seguindo os princípios higienistas e cuidados com as possíveis circulação dos miasmas. Apresenta uma faustosa fachada de expressão eclética com o predomínio das linhas neoclássicas. O prédio é um dos mais belos da arquitetura escolar em João Pessoa”. A terceira fase durou de 1919 até 1970, com o chamado Curso Normal. Em 2002, fechou definitivamente.

“

Na verdade, Dom Adauto foi um legítimo representante do movimento de romanização

Antônio Carlos Pinheiro

Passado do CNSN é um baú de lembranças

“Os amigos e os lugares tão impossíveis de esquecer, tanta história num passado que eu queria reviver”. É o trecho de uma música de uma banda chamada Scracho, que fez sucesso entre os anos de 2007 e 2013. Ela expressa bem o sentimento que Rejane Pereira, de 72 anos, sente em relação ao Colégio Nossa Senhora das Neves. A idosa foi aluna e também professora da instituição, carregando consigo até hoje memórias dos tempos que não voltam mais.

Para Rejane, toda sua história com o colégio foi muito gratificante. Como professora, ela lembra de se alegrar a cada fechamento de ano letivo por ver “o sucesso e aproveitamento de cada aluno, principalmente das turmas de alfabetização, ao receber o reconhecimento por parte da Direção do Colégio e também dos pais dos alunos, das crianças, enfim, o carinho e o abraço apertado de cada um”, comenta ela.

Já em relação aos tempos de estudante, Rejane lembra com carinho da convivência diária, que era marcada também por muita responsabilidade. A turma de meninas daquela época, entre os anos de 1964 e 1967, se mantém unida até hoje. “Temos o nosso grupo no WhatsApp, não na totalidade, mas um grupo bem razoável. Mantemos nossa convivência”, conta Rejane.

A aposentada também fez parte da turma que foi a última a ingressar no Curso Normal antes do Colégio Nossa Senhora das Neves encerrar esse tipo de modalidade. “E lá se vão muitos anos. Este ano são 55 anos do término do ginásio e 52 anos do Pedagógico (Curso Normal). Fizemos uma grande confraternização para celebrarmos as Bodas de Ouro do Ginásio e este ano, com a graça de Deus, vamos celebrar o 55º ano”, compartilha Rejane.

Mesmo estudando no “Colégio das Neves” anos depois, Danielle Gonçalves, de 39 anos, tem memórias parecidas com a de Rejane. A designer de interiores estudou na instituição na década de 1990 e afirma



Foto: Arquivo Pessoal/Rejane Pereira

O colégio, localizado no Centro Histórico da Capital paraibana, fez parte da história de vida de muita gente

que foi “a melhor instituição de ensino que tive o prazer de estudar” e que “foi uma experiência maravilhosa”.

O colégio fez parte de diversos momentos marcantes de sua vida, principalmente considerando as vivências e transformações da adolescência. “Minha primeira menstruação foi no banheiro da escola e as irmãs me acolheram e me orientaram muito bem, me passaram segurança; meu primeiro beijo foi no CNSN; hoje não tenho mais as fotos ou outros registros, pois me divorciei, mas eu casei na capela do colégio”, lista Danielle.

Mas, para além das lembranças mais pessoais, a designer guarda com muito carinho os momentos que faziam parte do dia a dia escolar. “As brincadeiras de ir escondido ao pomar para ‘roubar’ pitangas, o teatro dentro da própria escola que era um espetáculo, as aulas de handebol com o professor Braz, as aulas de Educação Física com o professor Alexandre, ouvir o toque do sino para chamar cada irmã que tinha o seu próprio toque”, lembra. “São inúmeras memórias e a cada lembrança que vem à minha mente, brotam outras tantas”, completa Gonçalves. Por fim, Danielle reforça que a educação que teve através do Colé-

Passado

Professoras e alunas levam consigo memórias dos bons tempos que não voltam mais

gio Nossa Senhora das Neves formou suas bases com “aprendizado, respeito e tantos outros valores. Posso dizer que está em mim, em cada parte que me forma, que me agrega, que me constrói”.

O colégio marcou também a vida de quem nunca estudou lá, mas se propôs a pesquisar e cavar as memórias das pessoas que estudaram. Tatiana Medeiros é pedagoga, mestre e doutora em Educação, e sua pesquisa mais recente envolveu o impacto vivenciado pelo encerramento das atividades no CNSN e também os estudos e as abordagens historiográficas. “Trabalhei com história oral, com memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora das Neves, que fizeram parte da última turma do magistério, em 1970”, conta.

O vínculo com a instituição foi instantâneo a partir das lembranças. “Me apaixo-

nei a partir do momento que fui atrás de Irmã Margarida para contar as histórias desse lugar e termino com um carinho tão imenso por ela, a ponto de conseguir junto às ex-alunas do CNSN publicar um livro de poesias que a irmã tinha escrito durante uma vida que trabalhou nessa escola. Criei laços afetivos por esse lugar ao ponto de não ter coragem de ir ao velório de Irmã Margarida”, lembra Tatiana.

O CNSN pode até não existir mais, entretanto, suas lembranças garantem que ele se manterá vivo por muito e muito tempo. “Esse colégio é um lugar de memórias de uma parte da educação paraibana. Era um colégio confessional e tem muitos alunos que se sobressaem nesta sociedade a exemplo de profissionais que se destacam na área da saúde e na política”, conclui a pedagoga.

O prédio foi desapropriado e passa por reformas para abrigar o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. Lançado pelo governador João Azevêdo (PSB) em janeiro do ano passado, o projeto pretende estimular o desenvolvimento da saúde, educação, sustentabilidade, economia criativa, soluções governamentais e planejamento urbano.

Ilustração: Tonio



Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pl.gov.br

Heitor Falcão nasceu em 14 de junho de 1926 e tinha como traços marcantes a organização e a paixão pela escrita jornalística. Flamenguista roxo, fã de Belchior, teve uma vida intensa, principalmente em relação ao trabalho. Foi pioneiro no colunismo social e, mesmo sem diploma, deixou seu nome gravado na história do jornalismo paraibano. Fumante inveterado, morreu no auge do sucesso, no dia 19 de abril de 1993, de insuficiência respiratória, aos 66 anos.

Como profissional, Heitor Falcão se destacou onde atuou, como os jornais O Norte e Correio da Paraíba, que fecharam suas portas em 2012 e 2020, respectivamente, mas também teve desavenças. “Era uma pessoa muito temperamental, voluntariosa, e

não ficava muito tempo em um trabalho. Por outro lado, era um homem incorruptível e não aceitava fazer matérias se a pessoa quisesse pagar por isso”, ressalta o jornalista e também colunista social Abelardo Jurema.

Mesmo com o sucesso de sua carreira, Heitor Falcão amargou prejuízos. “Naquela época, era difícil fazer coluna social. Se publicasse a foto de uma mulher, o marido ia tirar satisfação, fazia ameaças, mas ele nunca se intimidou”. Por conta de uma, entre tantas divergências, teve seu carro, um Gordini, jogado na Lagoa do Parque Solon de Lucena. Mas essa é uma outra história.

Abelardo Jurema conheceu de perto Heitor Falcão e lembra que ele não se intimidava com os obstáculos. “Preferia focar no trabalho bem feito. E eu virei colunista social por conta dele, que era muito amigo do meu pai”, comenta. Na época, Abelardo de Araújo Jurema, pai do jornalista, era ministro da Justiça, e Heitor Falcão, oficial de gabinete dele. Tornaram-se amigos e, quando Falcão ia para o Rio de Janeiro, se hospedava na casa da família Jurema.

“Nós tínhamos uma afinidade muito grande. Éramos muito parecidos. Eu não acredito em horóscopo, mas como geminianos, eu do dia 12 e ele, 14 de junho, a gente tinha quase o mesmo temperamento, essa inclinação pela comunicação, o prazer do jornalismo”, compara Abelardo. “Ele era muito jovem, adorava Belchior. Eu sou músico, tocava violão e lembro que ele ouvia o cantor, aquelas fitas cassetes. Ele adorava e tinha uma jovialidade, apesar de ter quase 30 anos a mais do que eu, mas a gente nem percebia porque, com o tempo, a idade desaparece”, pontua.

Heitor Falcão

Pioneiro no colunismo social, era fã de Belchior e flamenguista roxo

Abelardo ressalta que Heitor Falcão foi um grande jornalista, mesmo sem formação oficial. “Quando cheguei aqui (na Paraíba), na década de 1970, ele era o dono da crônica social. Naquela época, não tinha as redes sociais, e o jornal era o veículo mais importante. Existiam colunistas sociais que narravam as festas, e Heitor Falcão foi o primeiro que abriu a coluna para tudo”. Por sua atuação no colunismo social, ele fazia, também, grandes eventos para a alta sociedade.

“Heitor Falcão abriu o caminho e eu continuei, mas hoje minha coluna, de social, tem 10%. Os outros 90% são de muito jornalismo”. Foi ele, também, quem deu dimensão à coluna social, mais respeitabilidade, conforme avalia Abelardo Jurema. “Fazia coberturas sociais, falava das mulheres, era um romântico e tinha um texto muito bom. Ele mesclava. Então, a coluna social deixou de ser só coluna social, e eu apenas ampliei o que ele fazia”.

A primeira coluna de Abelardo foi publicada em 1975 no jornal O Momento, pouco tempo depois de chegar do Rio de Janeiro, onde teve uma boa experiência profissional no Jornal do Brasil. Heitor Falcão era colunista de O Momento, semanário bastante disputado, e sua coluna era um sucesso absoluto.

Quando ele saiu do jornal O Momento, onde Abelardo já escrevia, decidiu montar o próprio jornal, o Jornal de Agá, com uma estrutura bem distante da que existe hoje. O veículo, um semanário de amenidades com seções de moda, gastronomia, lhe garantia liberdade de opinião. O ano era 1976.

Heitor se aposentou no Tribunal Regional Eleitoral (TRE) e aplicou tudo no Jornal de Agá. Era uma paixão. “Ele era um homem bem relacionado e deu muitas lições. Ainda hoje, quando vou dar um título na minha coluna, lembro dele. Quando alguém vem com um título óbvio, eu lembro que ele dizia que o mais importante numa nota é o título. Não se pode dizer o óbvio”.



Foto: Arquivo de Família

Heitor se apaixonou por Sônia Iost e a trouxe de São Paulo para João Pessoa; ela atuou como colunista no Jornal A União e ele, no Correio da Paraíba

Sônia Iost foi o amor da vida do irreverente Heitor

Enquanto Heitor Falcão exercia o jornalismo e o colunismo social, a sociedade ficou em torno dele. “As pessoas eram muito apaixonadas por ele, sobretudo as mulheres”, ressalta Abelardo Jurema. Mas foi a jornalista Sônia Iost quem conquistou o coração do jornalista.

Ele se apaixonou por ela e a trouxe de São Paulo para João Pessoa. Ela atuou como colunista no Jornal A União, e ele, no Correio da Paraíba. Como presente pela amizade, Iost presenteou Abelardo com várias coleções do Jornal de Agá que hoje, por segurança, estão sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

Para Sônia, ficou saudade e lembranças. “No dia a dia, ele correspondia ao que era sempre: uma personalidade marcante, um homem que só fazia o que queria. Quanto a lembranças dele, continuo admirando sua irreverência, seu riso alegre e, sobretudo, sua generosidade para com todos, amigos ou não. Era um profissional extraordinário, que defendia suas convicções com absoluta coragem e dedicação”, declara a viúva.

Ela reforça que o jornalismo, para ele, era uma paixão à qual se dedicava, elogiando quem merecia e criticando, com sua irreverência e força, o que para ele estava errado. “Como ele era totalmente verdadeiro, muitas vezes fazia inimizados, muitas vezes”, enfatiza. A jornalista confirma que essas inimidades o incentivaram a criar o Jornal de Agá. O semanário, após uma primeira fase em que ficou parado, voltou a ser impresso a partir de 1986 até sua morte, em 1993.

“Ainda hoje, Sônia é casada com Heitor”, comenta Abelardo Jurema. E ela emenda: “O que explica minha devoção: admiração e respeito. O mesmo respeito que João Pes-

soa tem por sua memória, incentivado ainda mais pela festa que nosso amado Abelardo realiza todo ano, o Troféu Heitor Falcão”.

Dois anos após a morte de Heitor Falcão, Abelardo Jurema realizou uma festa para comemorar duas décadas de sua coluna social, e decidiu dar um prêmio a 10 pessoas para marcar a data. A elas foi entregue um pequeno troféu. Nessa ocasião, Abelardo pensou em um nome para o troféu e concluiu que Heitor Falcão seria o ideal, uma justa homenagem ao mestre e amigo.

“Eu o homenageio porque ele me deu um norte. Nunca imaginei que iria fazer colunista social. Meu vínculo com o Heitor era indissolúvel, era muito forte, o gosto musical, esse lado da comunicação, de música, tudo ele tinha. Ele não cantava, mas era louco por música. Gostávamos de uma farrá. Tínhamos muitas vinculações”, recorda. O Prêmio Heitor Falcão acontece anualmente.

Apesar das inimidades, Heitor Falcão conquistou muitos amigos. Entre eles se destaca o casal Cely Furtado e Gilvandro de Mendonça Furtado. Ela trabalhou com Sônia Iost no Jornal A União e ele é dentista. “Éramos grandes amigos do nosso inesquecível Heitor”, declara Cely.

Ela também coloca Heitor Falcão na lista dos grandes nomes do jornalismo paraibano. “Ele era presença obrigatória em todas as reuniões sociais. Teve seu jornal, onde, além de noticiar as reuniões sociais, focava vários outros assuntos. Casou com Sônia Iost, uma pessoa muito distinta”. Para Cely, resta hoje muita saudade e as lembranças de uma grande amizade. “Heitor Falcão era uma pessoa inteligente e bem humorada. Era também caridoso e muito envolvente. Deixou muita saudade”, completa.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Casos médicos em revistas científicas viram clickbait em portal

A estética do grotesco e do sensacionalismo sempre teve espaço na mídia e, muitas vezes, com questões que passam a saúde e a medicina. Quem aqui não se lembra da divulgação de casos de mulher barbada, gêmeos siameses e anões? Condições genéticas, mas que foram tratados (e ainda hoje são muitas vezes) como tema para entretenimento?

Nos últimos dias, percebi que alguns jornalistas têm buscado mais pautas em publicações científicas, mas não com o propósito de anunciar para a sociedade um novo feito da ciência, e sim para obter manchetes sensacionalistas. Feito donos de circo do século passado, estão ávidos por atrair e entreter o público a partir de casos bizarros analisados pela ciência - e se valem de clickbaits para isso.

O portal Metrôpoles, por exemplo, tem reservado parte de suas manchetes ao tema. “Caso raro: jovem de 20 anos sofre enfise-ma pulmonar ao se masturbar”, por exemplo, foi um dos destaques do veículo no dia 13 de abril. Escrita pela jornalista Bethânia Nunes, a matéria se baseia em um artigo publicado na revista científica Radiology Case Reports e teve mais de 25,5 mil curtidas ao ser divulgada no Instagram.

No dia seguinte, outra repórter do Metrôpoles pede socorro às publicações científicas. A jornalista Juliana Contaifer também recorreu aos registros médicos para assegurar audiência ao veículo no dia 14 de abril, uma quinta-feira de noticiário morto (visto que o calendário marcava a Semana Santa).



Foto: Reprodução/Metrôpoles

A manchete dizia: “Em abstinência, homem injeta morfina no braço e perde os 5 dedos no DF”. A fonte da pauta foi a revista científica American Journal of Case Reports. A matéria rendeu bem e teve mais de 7,9 mil curtidas no Instagram.

Ainda na quinta-feira, o Metrôpoles publicou a seguinte manchete: “Médicos encontram cabo de fone de ouvido de 80 cm em bexiga de homem”. O caso, também relatado pela repórter Juliana Contaifer, foi publicado na revista científica Radiology Case

Reports. E fez a festa de mais de 13 mil pessoas no Instagram do Metrôpoles.

Ao percorrer o feed do portal no Instagram, deparei-me porém com a notícia de maior sucesso recente dentro os casos bizarros apurados pelo Metrôpoles. Assinada pela “Redação”, a manchete anunciava: “Médicos encontram peso de academia de 2 quilos dentro de paciente”.

De acordo com a matéria, o caso ocorreu em Manaus e foi relatado na plataforma científica International Journal of Surgery Case

Reports. No texto do portal, é relatado que “o háltere estava entre o reto e o intestino grosso do paciente, que, depois do exame, admitiu ter introduzido o peso de academia no corpo para obter satisfação sexual”. Foi o bastante para gerar grande engajamento no Instagram: 45.489 pessoas curtiram a postagem, que também recebeu 5.396 comentários.

O uso de clickbait não é algo novo na mídia digital. O termo em inglês, numa tradução literal, significa “isca de cliques”. E se trata de uma isca mesmo! A fórmula, em geral, é uma só: manchete sensacionalista cujo objetivo é despertar a atenção do maior número de pessoas, para que elas cliquem no site, curtam a postagem, comentem. A notícia veiculada não é relevante, não acrescenta nada de útil à vida das pessoas, mas rende cliques para quem dá a notícia.

A ideia de se valer de casos inusitados não é novidade mesmo. Também não se restringe ao portal Metrôpoles. Outros fazem o mesmo. Como o G1, que mantinha uma sessão chamada Planeta Bizarro faz poucos anos. Sobre esse conteúdo, aliás, lembro-me que, há muito tempo, assisti a uma palestra de um editor do G1 em João Pessoa. No evento, questionaram por que o veículo, de um grupo tão tradicional, mantinha notícias bizarras no portal. Com suas palavras, que não sei citar textualmente agora, o editor explicou que a manchete principal sempre seria de economia, política, cotidiano... Mas acesso mesmo, quem dava era o conteúdo estranho, engraçado, divertido e, por vezes, trágico do mundo bizarro. Então lá.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A Bossa-Nova – Introdução: a pré-Bossa-Nova

É necessário, em princípio, dizer-se que o processo evolutivo da música feita e produzida pelos artistas brasileiros da época foi iniciado quando da instalação da Casa Edison, no ano de 1900, no Rio de Janeiro, primeira gravadora dita oficial, no Brasil e na América Latina. O seu fundador foi o empresário e jornalista Fred(érico) Figner, nascido na antiga Boêmia (atual República Tcheca), em 1866, e falecido no Rio de Janeiro, em 1947. O seu feito tem vínculos com a Odeon Records, detentora e mantenedora da marca alemã. No início, eram usados cilindros fonográficos, que já vinham sendo utilizados por Thomas Edison, e, posteriormente, as gravações passaram a ser processadas em discos de acetato e de cera a serem tocados em gramofones criados pelo alemão naturalizado norte-americano Emil Berliner (1851-1929), criador da poderosa Deutsche Grammophone, ainda existente, a partir do aperfeiçoamento dos fonógrafos.

Os nossos primórdios musicais vêm, portanto, daí. Já em 1900, foi feita a primeira gravação, ‘Isto é bom’, uma criação de Xisto Bahia, para interpretação de Baiano (Manuel Pedro dos Santos), este natural de Santo Amaro da Purificação-BA. Trata-se de um lundu, ritmo de origem africana que, sem dúvidas, influenciou a execução e dança do nosso samba.

O processo evolutivo de nossa música deve-se aos compositores e intérpretes da época: João da Baiama, Donga e Pixinguinha, que formavam a chamada Santíssima Trindade da MPB; sem esquecer Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, Zequinha



Foto: Reprodução

de Abreu, Catulo da Paixão Cearense, Sinhô, Heitor dos Prazeres, Ismael Silva, Noel Rosa, Francisco Alves, Mário Reis, Carmen Miranda, Cyro Monteiro, Ary Barroso, Dorival Caymmi, para falar apenas de alguns que de repente nos vêm à mente.

A história do samba é enciclopédica e merece visão mais demorada por parte de quem gosta de música. Mas, quem não gosta?... Certamente, os gostos se diversificam, mas que a música faz parte do dia a dia dos brasileiros, isso se não há de negar.

Daí se passou à época dos programas radiofônicos que nos legaram uma enxurrada de novos compositores e artistas com os seus mais diversificados valores criativos e interpretativos. É quando surge uma espécie de segunda fase da gloriosa Era do Rádio, capitaneada pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Surge, então, uma nova forma de interpretação que se sobrepõe a vozes, como as de Francisco Alves, Vicente Celestino, Sílvio Caldas, Orlando Silva, Carlos Galhardo e Nelson Gonçalves, para citar apenas alguns. O potencial vocálico e interpretativo desses cede lugar a uma forma de cantar mais natural, intimista, confidencial, suave e sofisticada, musicalmente falando. Enfim, era tudo o que caracterizava uma nova escola interpretativa, a que se rotulou de Bossa-Nova.

Assim é que, já nos anos de 1940, o cantor Farnésio Dutra e Silva (Rio, 1921-SP, 1987) já ardoroso do cancionário americano, advindo de uma família classe média/alta, com excelente domínio do piano, inicia a sua profissionalização no mundo da música, atuando em cassinos e clubes da zona sul carioca, ambiente propício a absorver o seu estilo sofisticado para a época, acompanhando-se ele mesmo ao instrumento. Com domínio da língua inglesa, planejava fazer carreira nos Estados Unidos, adotando o nome artístico de Dick Farney (de Farnésio), numa homenagem ao astro cinematográfico Dick Powell, de que se dizia fã (a este propósito, o seu irmão Clélio Dutra e Silva – Rio, 1925-2003 –, a exemplo do irmão, adotou o nome artístico de Cyll Farney e tornou-se o astro-galá da antiga Cia. Cinematográfica Atlântida).

É, portanto, Dick Farney, pelo incipiente sucesso alcançado, considerado o reconhecido precursor do estilo Bossa-Nova, assim como, tempos depois, por ocasião das comemorações dos cinquenta anos do estilo, João Gilberto foi considerado por Caetano Veloso, não sem razão, como o “mestre supremo” do movimento. Mas, aí, será outra história que veremos mais adiante.

Com alguma relutância, mesmo a contragosto, Dick Farney é quase forçado por João de Barro, o Braguinha, então diretor da Continental Discos, desvincilhada da Columbia Records do Brasil, a gravar aquele que seria o seu primeiro sucesso, fazendo incrementar uma carreira vitoriosa no disco e que, tempos depois – pode-se dizer –, deu início à fase pioneira de um novo estilo vocal rotulado hoje de pré-Bossa-Nova (é de 1946 a gravação do samba-canção ‘Copacabana’ – Alberto Ribeiro –, em que se aliava o valor poético à sofisticação harmônica, tornando-se o marco inicial de uma nova forma de cantar).

Há de se considerar que, a partir de 1950, a participação exponencial de Antônio Maria, Lupicínio Rodrigues e Dolores Duran que, posteriormente, seriam sequenciados por Antônio (Tom) Carlos Jobim, Vinícius de Moraes e João Gilberto, fez consolidar o gosto seletivo pelo novo estilo.

A Bossa-Nova é, portanto, um estilo ou movimento musical que, a partir do samba e do samba-canção, com nítidas influências jazzísticas, firmou-se no gosto não só dos brasileiros que o cultivam, mas, e sobretudo, em sua absorção no mercado universal. Tanto é que os estudiosos asseguraram, quase unanimemente, que, apesar das influências jazzísticas assimiladas pelo novo samba, foi este que deu nova dimensão ao jazz, provocando-lhe uma patente renovação, fazendo com que essa união samba-jazz criasse novas raízes e se disseminasse por um mercado mais abrangente.



Fotos: Divulgação



PRATO DO DIA

Moqueca de Peixe

Ingredientes

- 1 kg de peixe em postas (garoupa ou cação)
- 2 colheres de tempero Fondor
- 3 colheres (sopa) de suco de limão
- 2 cebolas grandes em rodela
- 1 pimentão verde em rodela
- 1 pimentão vermelho em rodela
- 4 tomates maduros em rodela
- 2 colheres (sopa) de coentro picado
- 1 vidro de leite de coco (200 ml)
- 1 colher (sopa) de azeite-de-dendê
- Azeitona preta à vontade
- Ovo cozido à vontade

Modo de preparo:

■ Em um recipiente, tempere as postas de peixe com o Tempero Fondor, o suco de limão e deixe tomar gosto, por cerca de 30 minutos, em geladeira. Em uma panela de fundo largo, arrume metade das cebolas, cubra com metade das postas de peixe, dos pimentões e dos tomates. Polvilhe um pouco de coentro, e repita as camadas, finalizando com o coentro. Polvilhe o coentro, tampe a panela e cozinhe em fogo baixo por 20 minutos. Coloque o leite de coco e regue com o azeite-de-dendê e cozinhe por mais três minutos. Sirva com arroz branco. Rendimento: 8 porções. Tempo de preparo: 50 minutos

PITADAS A GOSTO

Existem várias histórias sobre a origem deste prato tão famoso que é a moqueca. O seu surgimento ainda é muito discutido e representa quase que uma briga entre estados. Os baianos afirmam que a receita original é proveniente da Bahia, que eu acho pessoalmente que seja, composta por azeite de dendê e leite de coco. Já os capixabas dizem que a moqueca é um prato tradicional do Espírito Santo, aí eu já não concordo. A sua origem, no entanto, não altera a delícia que é esse prato. Capixaba ou baiana, ela é uma iguaria brasileira e traduz muito das nossas origens indígenas e africanas, e dos sabores do Brasil.

QUENTINHAS

Tem um burburinho rolando na reabertura do Empório Gourmet muito em breve, um dos melhores restaurantes da cidade e com a cara sempre atual e de pratos só em falar já enche a boca d'água. Vamos aguardar e torcer para que seja verdade, pois já deixa muita saudade.

A novidade do mercado são as cachaças do estado com sabores, e tem sido uma boa dica e aumenta as vendas das mesmas para preparo de drinks e para ser degustada ao natural, que também é uma delícia.

Segue a moda dos botecos, bares todos muito parecidos na mesma linha e até no cardápio, ou seja, criatividade zero, além de esquecerem do público família, um espaço kids de respeito podendo ser até cobrado, deixando uma pessoa na porta para a criança não sair. Simples: uma pulseira com o número da mesa e nome da criança no braço, um radiocomunicador com a pessoa da porta e outro com o gerente para alinhar a busca da criança pelos pais. Simples.

Walter Ulysses

Chef de cozinha
| Colaborador

Prêmio Cantaloupe 2022

Durante mais de um mês, os amantes da gastronomia puderam experimentar menus especialmente elaborados pelos melhores restaurantes de João Pessoa e Bananeiras, no Paraíba Restaurant Week. E, como a palavra-chave da quarta edição da versão paraibana do maior festival de gastronomia do Brasil foi a interatividade, os clientes puderam votar e eleger seus menus e locais favoritos.

Os vencedores do Prêmio Cantaloupe, que leva o nome da agência criativa que realiza projetos voltados para gastronomia e turismo, foram anunciados na terça-feira (19), no restaurante Felí Contempô, em João Pessoa.

Para Marina Sá, diretora da Cantaloupe, empresa realizadora do evento, o sentimento é de dever cumprido, felicidade e satisfação. "O encerramento do Paraíba Restaurant Week foi finalizado com chave de ouro com o Prêmio Cantaloupe 2022. Estamos muito felizes em concluir mais um projeto com a economia fomentada e o reconhecimento dos que prestaram o melhor serviço e ofereceram o melhor de si para o público dentro das suas experiências gastronômicas, tendo a opinião do público como supremacia", celebra.

A empresária conta que foi uma alegria receber os restaurantes e patrocinadores para a premiação. "Reunimos os representantes dos estabelecimentos e as empresas que acreditaram nesse projeto como apoiadores e patrocinadores para apresentar os resultados de sucesso desta edição. O Paraíba Restaurant Week 2022 contou com um faturamento de mais de R\$ 1,1 milhão em venda de menus num período considerado de baixa para os restaurantes. Esse valor é ainda mais alto quando contabilizamos o valor referente à venda de bebidas, outros pratos e 10%, por exemplo", detalha Marina.

A premiação foi apresentada pelo jornalista Hildebrando Neto, que já é íntimo da área gastronômica e apresenta o quadro Chef JPB, da TV Cabo Branco e TV Paraíba (afiliadas da Rede Globo).

Participaram do festival 33 restaurantes em João Pessoa e Bananeiras. Foram mais de 14 mil menus vendidos, mais de R\$ 1,1 milhão faturados na venda de menus e mais de 10 mil acessos à plataforma desenvolvida em parceria pela Neoron, Sin Group e Cantaloupe para contabilizar a votação. A procura pelas descobertas gastronômicas fez com que o evento, que estava previsto para terminar no dia 3 de abril, fosse prorrogado em mais uma semana.

O grande momento da noite ficou por conta da apresentação da startup Neoron, que expôs as avaliações feitas pelos clientes, que foram os críticos gastronômicos dos restaurantes e definiram os melhores da edição. A plataforma de inteligência artificial foi desenvolvida para oferecer a melhor interação entre clientes e restaurantes e contabilizou mais de 10 mil acessos e dois mil votos de ponta a ponta. Após a experiência, os dados foram compilados e fornecidos aos gestores dos estabelecimentos, que tiveram a oportunidade de analisar em detalhes sua performance.

Coube ao gerente de mercado residencial comercial da PBGás, patrocinadora master do Paraíba Restaurant Week, George Ferreira, e à idealizadora do Prêmio Marina Sá, entregarem as placas aos grandes vencedores.

Confira: Categoria Melhor Entrada: Arbóreo Ristorante; Categoria Melhor Prato Principal: Santa Grelha; Categoria Melhor Sobremesa: Meat Up; Categoria Melhor Atendimento: Vizu Gastrobar; Categoria Melhor Ambiente: Al Dente Cucina; e Categoria Prêmio Revelação: Arbóreo Ristorante.

O evento também teve o propósito social e arrecadou mais de R\$ 7 mil para a ONG Milagre Sertão, projeto parceiro do evento em outras edições que presta assistência às famílias carentes do interior do estado. Marcele Jardim, voluntária da ONG, afirma que, além de trazer uma arrecadação sempre representativa, o Paraíba Restaurant Week oferece a oportunidade da ONG estar presente em diferentes espaços, contribuindo para divulgação.

Os restaurantes que venderam mais cafés São Braz também foram premiados. A marca sorteou uma tevê e cafeteiras entre os estabelecimentos e os ganhadores foram Praiano Bar, Al Dente, Adega e Açougue Vegano. Os sorteados ganharam os prêmios para presentear os colaboradores que mais se destacaram na venda de cafés São Braz.

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.